



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

BIANCA ASSUMPÇÃO

**UMA PROPOSTA DE IMPLEMENTAÇÃO DA GINÁSTICA PARA TODOS
EM ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS**

CAMPINAS

2018



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

BIANCA ASSUMPÇÃO

**UMA PROPOSTA DE IMPLEMENTAÇÃO DA GINÁSTICA PARA TODOS
EM ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS**

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em Educação Física, na área de Educação Física e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana de Toledo Ishibashi.

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA BIANCA ASSUMPÇÃO, E ORIENTADA PELA PROFA. DRA. ELIANA DE TOLEDO ISHIBASHI.

CAMPINAS

2018

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação Física
Dulce Inês Leocádio - CRB 8/4991

As79p Assumpção, Bianca, 1992-
Uma proposta de implementação da Ginástica para Todos em organizações não governamentais / Bianca Assumpção. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Eliana de Toledo Ishibashi.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Ginástica para todos. 2. Terceiro setor. 3. Formação profissional. 4. Ginástica geral. I. Ishibashi, Eliana de Toledo. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: A proposal for the implementation of Gymnastics for All in non-governmental organizations

Palavras-chave em inglês:

Gymnastics for all

Third sector

Professional qualification

General gymnastics

Área de concentração: Educação Física e Sociedade

Titulação: Mestra em Educação Física

Banca examinadora:

Eliana de Toledo Ishibashi [Orientador]

Larissa Rafaela Galatti

Eliana Ayoub

Data de defesa: 10-08-2018

Programa de Pós-Graduação: Educação Física

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Eliana de Toledo Ishibashi
Universidade Estadual de Campinas
Orientadora

Profa. Dra. Larissa Rafaela Galatti
Universidade Estadual de Campinas
Membro da banca

Profa. Dra. Eliana Ayoub
Universidade Estadual de Campinas
Membro da banca

Ata da Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica do aluno.

Dedico este trabalho aos meus pais José Eduardo e Silvana, e à minha irmã Louise Assumpção, minhas inspirações de vida.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora e amiga *Eliana de Toledo*, que incentivou e viveu comigo todas emoções da realização deste trabalho. Que me mostrou caminhos e possibilidades da maneira mais “humana” que existe, e que me deu confiança, autonomia e empoderamento durante todo o processo.

Aos membros da banca que aceitaram nosso convite, *Prof. Dr. Marco Antonio Coelho Bortoleto* e *Prof. Dr. Carlos Montaña* e, especialmente à *Profa. Dra. Larissa Rafaela Galatti* e à *Profa. Dra. Eliana Ayoub*, por contribuírem presencialmente na construção do trabalho.

Às gestoras e coordenadores da ONG Social Bom Jesus, *Rosa, Rita, Beatriz, Daniela* e *Ana Cláudia*, por abraçarem a ideia e viabilizarem a pesquisa. E aos educadores que participaram de todo o processo com disposição e empenho, e confiaram no meu trabalho, *Taina, Nicole, Paulo, Deise, Diego* e *Anderson*.

Ao *LAPEGI*, Laboratório de Pesquisas e Experiências em Ginástica, onde iniciei meu caminho da pesquisa em Ginástica, e à todos os membros que apoiaram, torceram e contribuíram nessa jornada.

À Regina Satori, que revisou, com muito rigor, dedicação e carinho, a ortografia deste trabalho.

Às minhas amigas mestrandas *Amanda Sousa do Nascimento* e *Maria Letícia Scarabelim*, que compartilharam todas as dificuldades e também as realizações vividas nessa fase.

À minha *família* de sangue que me fortalece e sustenta, e a minha família de coração, *família Coelho*, pela acolhida e torcida sempre.

À minha irmã *Louise Assumpção*, que vibra muito com as minhas conquistas e me inspira com o seu trabalho de emancipação e desenvolvimento humano.

À minha tia *Luciane Pierin*, que além de um grande exemplo, me proporcionou viver momentos e conhecer pessoas que foram essenciais para a minha construção pessoal.

Ao meu parceiro e companheiro *Luiz Eduardo Rodrigues Coelho*, por afagar meus anseios com sua serenidade, por torcer e comemorar comigo cada “pequena grande conquista”. Pela inspiração como profissional e como ser humano e, principalmente, pelo apoio incondicional e pelo seu amor.

Ao meu pai, *José Eduardo Assumpção*, que sempre foi um profissional exemplar

e me fez enxergar a Educação Física como profissão e fonte de realização para a minha vida também. E que não mede esforços para me acompanhar, dar confiança e oportunidades de alçar vôos cada vez mais altos.

À minha mãe, *Silvana Pierin*, por me apresentar e me inserir no ambiente da Ginástica Para Todos, que hoje é a minha maior motivação e paixão. Por todo o apoio, incentivo, carinho, e por ser exemplo e inspiração de vida.

Por fim, agradeço à *vida* que tenho, repleta de luz, pessoas queridas e bons momentos.

RESUMO

A Ginástica para Todos (GPT) é uma prática gímnica não competitiva, cuja história é recente, denominada primeiramente como Ginástica Geral (GG) e, posteriormente (em 2007) Ginástica para Todos (GPT) (FIG, 2018). Muitos autores defendem sua prática em diferentes contextos, no entanto, a produção acerca de seu desenvolvimento no Terceiro Setor (TS) ainda é tímida. Assim, o objetivo é trazer uma proposta de implementação da GPT nas instituições do terceiro setor, a partir de uma experiência de intervenção. A metodologia constituiu-se em 4 etapas: a **primeira** caracterizou-se como documental e bibliográfica (OLIVEIRA, 2007) e teve como objetivo fazer um levantamento das ONGs na cidade de São Paulo; a **segunda** constituiu-se como exploratória (MATTAR, 1996) definindo-se a amostra e o contato com os participantes (2 ONGs da zona Sul de São Paulo); a **terceira** com caráter de intervenção (BARROS e PASSOS, 2000) contemplou um curso de capacitação em GPT, um processo de implementação da prática nas organizações (com uma tutoria presencial e online) e, por fim, uma participação das ONGs num Festival de GPT; e a **quarta** etapa descritiva (TRIVINOS, 1987) utilizou-se do questionário como ferramenta, para analisar o processo a partir do olhar dos participantes. Na **primeira etapa** diagnosticou-se que a cidade São Paulo tem 16,4% da sua população vivendo em vulnerabilidade social e a quantidade de entidades conveniadas à Prefeitura é insuficiente para atendê-la. Diagnosticou-se também a ausência da Educação Física e do Esporte, como área de atuação, nos documentos que regulamentam o TS. Na **segunda etapa**, identificou-se a baixa incidência de profissionais de Educação Física e Esporte nas ONGs, o que impactou na redução drástica da amostra. Na **terceira etapa**, identificou-se que os educadores não conheciam a GPT e que o curso, mesmo que reduzido (em carga horária e conteúdos), se mostrou adequado. A implementação da GPT nas ONGs foi efetiva, assim como a tutoria (presencial e online), que se mostrou relevante para fornecer suporte pedagógico e adequar as propostas às diferentes realidades. A participação num festival de GPT foi efetivada devido ao comprometimento dos gestores, educadores e atendidos. Na **quarta etapa** (questionário), identificou-se que o curso fundamentado na práxis (FREIRE, 1983) teve impacto na formação profissional e pessoal dos participantes; e a tutoria (presencial e online) foi essencial durante o processo, revelando-se uma importante estratégia de empoderamento e autonomia. A participação num festival de GPT foi considerada importante para os alunos, pais, educadores, gestores e entidade, trazendo questões acerca do protagonismo,

da satisfação e do descobrimento de novas possibilidades. De maneira geral, conclui-se que o TS é ainda deficitário quanto ao desenvolvimento do esporte, da ginástica em geral, e da GPT. Neste cenário, a GPT parece ser uma forma de praticar ginástica que tem consonância com os objetivos das ONGs, uma vez que possibilita a participação de todos, respeita as limitações individuais, e promove o aprendizado coletivo. Dessa forma, pode ser trabalhada e inserida como possibilidade para a transformação da realidade social e construção de cidadania de jovens e crianças que participam de projetos e instituições do TS.

Palavras-chave: Ginástica para Todos; Terceiro Setor; Formação profissional; Ginástica Geral

ABSTRACT

Gymnastics for All (GPT) is a non-competitive gymnastic practice which history is recent, first denominated as General Gymnastics (GG) and later (in 2007) as Gymnastics for All (GPT) (FIG, 2018). Many authors defend their practice in different contexts, however, the production about their development in the Third Sector (TS) is still timid. Thus, the objective is to bring a proposal to implement the GPT in the third sector institutions, based on an intervention experience. The methodology was applied in four stages: the first one was characterized as documentary and bibliographical (OLIVEIRA, 2007) and had as objective to make a survey of the NGOs in the city of São Paulo; the second was an exploratory one (MATTAR, 1996), defining the sample and the contact with the participants (2 NGOs from the South area of São Paulo); the third aimed on an intervention (BARROS and PASSOS, 2000) included a GPT training course, an implementation process of the practice in organizations (with a face-to-face and online tutoring) and, finally, NGO participation in a GPT Festival ; and the fourth descriptive step (TRIVINOS, 1987) used the questionnaire as a tool to analyze the process from the participants' perspective. In the first stage, it was diagnosed that the city of São Paulo has 16.4% of its population living in social vulnerability and the number of entities assembled by the City Hall is insufficient to serve it. The absence of Physical Education and Sport, as an area of activity, was also diagnosed in the documents that regulate TS. In the second stage, the low incidence of Physical Education and Sports professionals in the NGOs was identified, which impacted on the drastic reduction of the sample. In the third stage, it was identified that the educators did not know the GPT and that the course, even if reduced (in working hours and contents), was adequate. The implementation of the GPT in the NGOs was effective, as it was mentoring (face-to-face and online), which proved to be relevant to providing pedagogical support and tailoring proposals to different realities. Participation in a GPT festival was made due to the commitment of managers, educators and caregivers. In the fourth stage (questionnaire), it was identified that the course based on praxis (FREIRE, 1983) had an impact on the participants professional and personal training; and tutoring (face-to-face and online) was essential during the process, proving to be an important strategy of empowerment and autonomy. Participating in a GPT festival was considered important for students, parents, educators, managers and entities, raising questions about protagonism, satisfaction and the discovery of new possibilities. In general, it is concluded that TS is still deficient in the development

of sports, gymnastics in general, and GPT. In this scenario, GPT seems to be a way of practicing gymnastics that is in line with the objectives of the NGOs, since it allows the participation of all, respects the individual limitations, and promotes collective learning. This way, it can be done and inserted as a possibility for the transformation of social reality and citizenship construction of young people and children who participate in TS projects and institutions.

Keywords: Gymnastics for all; Third sector; Professional qualification; General Gymnastics.

LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 1. Grupo Ginástico LAPEGI/UNICAMP apresentando-se na XV World Gymanestrada de 2015, em Helsink, na Finlândia.
- FIGURA 2. Distribuição geográfica do IPVS (2010)
- FIGURA 3. Entrada principal do Clube da Turma
- FIGURA 4. Parque do Clube da Turma
- FIGURA 5. Pátio e salas de aula do Clube da Turma
- FIGURA 6. Corredor de salas do Clube da Turma
- FIGURA 7. Interior de sala do Clube da Turma
- FIGURA 8. Piscina do Clube da Turma
- FIGURA 9. Ginásio poliesportivo do Clube da Turma
- FIGURA 10. Quadras externas do Clube da Turma
- FIGURA 11. Pista de skate do Clube da Turma
- FIGURA 12. Refeitório do Clube da Turma
- FIGURA 13. Pátio externo do CCINTER Imbé
- FIGURA 14. Pátio interno do CCINTER Imbé
- FIGURA 15. Corredor de salas do CCINTER Imbé
- FIGURA 16. Equipe gestora do projeto e do Clube da Turma
- FIGURA 17. Educadores participantes do curso e pesquisadoras
- FIGURA 18. Curso de capacitação – vivenciando a Ginástica Rítmica com a utilização de bambolês
- FIGURA 19. Curso de capacitação - experimentando figuras acrobáticas em duplas
- FIGURA 20. Curso de capacitação - experimentando figuras acrobáticas em trios
- FIGURA 21. Curso de capacitação - experimentando figuras acrobáticas coletivas I
- FIGURA 22. Curso de capacitação - experimentando figuras acrobáticas coletivas II
- FIGURA 23. Curso de capacitação - explorando material de grande porte (paraquedas) I
- FIGURA 24. Curso de capacitação - explorando material de grande porte (paraquedas) II
- FIGURA 25. Curso de capacitação – explorando materiais do cotidiano (mini cones)
- FIGURA 26. Curso de capacitação – explorando materiais do cotidiano (tablados de EVA)
- FIGURA 27. Curso de capacitação – explorando materiais do cotidiano (bastões de madeira)
- FIGURA 28. Curso de capacitação – construindo o “barangandã”

FIGURA 29. Implementação da SJS Clube da Turma I – alunos realizando atividades de saltos

FIGURA 30. Implementação da SJS Clube da Turma I – alunos realizando atividades de saltitos

FIGURA 31. Implementação da SJS Clube da Turma II – alunos realizando atividades de passos

FIGURA 32. Implementação da SJS Clube da Turma II – alunos realizando atividades de suspensão (1)

FIGURA 33. Implementação da ONG SJS Clube da Turma II - alunos realizando atividades de suspensão (2)

FIGURA 34. Implementação da ONG SJS Clube da Turma II – alunos realizando atividades de suspensão (3)

FIGURA 35. Implementação da SJS Clube da Turma II – alunos realizando atividades de rolamento

FIGURA 36. Implementação da SJS Clube da Turma II - alunos realizando atividades de equilíbrio

FIGURA 37. Implementação da SJS Clube da Turma II – alunos realizando exploração de materiais (corda 1)

FIGURA 38. Implementação da SJS Clube da Turma II – alunos realizando atividades de exploração de materiais (corda 2)

FIGURA 39. Implementação da SJS Clube da Turma I – alunos realizando atividades de exploração de materiais (pneus)

FIGURA 40. Implementação da SJS CCINTER Imbé – alunos realizando atividades acrobáticas

FIGURA 41. Implementação da SJS Clube da Turma I – alunos realizando atividades acrobáticas (1)

FIGURA 42. Implementação da ONG SJS Clube da Turma I – alunos realizando atividades acrobáticas (2)

FIGURA 43. Implementação da ONG SJS Clube da Turma I - alunos realizando atividades acrobáticas (3)

FIGURA 44. Implementação da SJS CCINTER Imbé – alunos confeccionando o “barangandã” (1)

FIGURA 45. Implementação da SJS CCINTER Imbé – alunos confeccionando o “barangandã” (2) FIGURA 46. Educadora Nicole Costa na transformação da cortina

FIGURA 47. Tecido colorido após tintura

FIGURA 48. Programa oficial do Festival de Ginástica para Todos do Sesc Bom Retiro

FIGURA 49. Integrantes do grupo de ginástica da SBJ Clube da Turma (2) à caminho do festival

FIGURA 50. Ensaio do CCINTER Imbé no Sesc Bom Retiro

FIGURA 51. Ensaio do CCINTER Clube da Turma II no Sesc Bom Retiro

FIGURA 52. Ensaio do CCINTER Clube da Turma I no Sesc Bom Retiro

FIGURA 53. Preparação para a apresentação

FIGURA 54. Concentração antes da apresentação

FIGURA 55. Pré-apresentação Clube da Turma I

FIGURA 56. Apresentação Clube da Turma I (1)

FIGURA 57. Apresentação Clube da Turma I (2)

FIGURA 58. Apresentação Clube da Turma I (3)

FIGURA 59. Pré-apresentação Clube da Turma II

FIGURA 60. Apresentação Clube da Turma II (1)

FIGURA 61. Apresentação Clube da Turma II (2)

FIGURA 62. Apresentação Clube da Turma II (3)

FIGURA 63. Pré-apresentação CCINTER Imbé

FIGURA 64. Apresentação CCINTER Imbé (1)

FIGURA 65. Apresentação CCINTER Imbé (2)

FIGURA 66. Apresentação CCINTER Imbé (3)

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1. Combinações possíveis entre público e privado

QUADRO 2. Classificação das entidades sem fins lucrativos pelo campo de atuação no Brasil

QUADRO 3. Distribuição das entidades sem fins lucrativos no território nacional

QUADRO 4. Diferenças conceituais entre educação formal, informal e não-formal

QUADRO 5. Áreas de formação dos colaboradores das ONGs conveniadas à prefeitura de São Paulo, segundo documento da SMADS

QUADRO 6. Exemplos de ONGs esportivas no Brasil

QUADRO 7. Métodos de pesquisa utilizados em cada etapa e seus respectivos objetivos

QUADRO 8. ONGs Esportivas da cidade de São Paulo membros da REMS

QUADRO 9. Os CRAS nas subprefeituras da cidade de São Paulo

QUADRO 10. Modalidades dos Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos da Proteção Social Básica

QUADRO 11. Data de encontro e retorno das pesquisadoras com os CRAS

QUADRO 12. Datas dos encontros da pesquisadora com as ONGs e seus responsáveis

QUADRO 13. Cronograma do curso de capacitação em GPT NAS ONGS

QUADRO 14. Perfil das turmas de GPT formadas nas ONGs

QUADRO 15. Encontros presenciais com as ONGs para tutoria

QUADRO 16. Perfil dos participantes da pesquisa (questões de 1 a 7)

QUADRO 17. Unidades de Contexto da questão 8

QUADRO 18. Unidades de Registro da questão 8

QUADRO 19 – Categorização da questão 8

QUADRO 20. Respostas obtidas na questão 9 sobre a promoção da ginástica na entidade onde trabalham

QUADRO 21. Respostas obtidas na questão 10 sobre os tipos de ginástica que cada participante conhecia previamente ao início do curso

QUADRO 22. Respostas obtidas na questão 11 sobre o conhecimento específico da Ginástica para Todos

QUADRO 23. Respostas obtidas na questão 11 sobre como os participantes conheceram a Ginástica para Todos

QUADRO 24. Unidades de contexto da questão 13 (módulo A)

QUADRO 25. Unidades de registro da questão 13 (módulo A)

QUADRO 26. Unidades de contexto da questão 13 (módulo B)

QUADRO 27. Unidades de registro da questão 13 (módulo B)

QUADRO 28. Unidades de contexto da questão 13 (módulo C)

QUADRO 29. Unidades de registro da questão 13 (módulo C)

QUADRO 30. Unidades de contexto da questão 13 (módulo D)

QUADRO 31. Unidades de registro da questão 13 (módulo D)

QUADRO 32. Unidades de contexto da questão 13 (módulo E)

QUADRO 33. Unidades de registro da questão 13 (módulo E)

QUADRO 34. Unidades de contexto da questão 13 (módulo F)

QUADRO 35. Unidades de registro da questão 13 (módulo F)

QUADRO 36. Unidades de contexto da questão 13 (módulo G)

QUADRO 37. Unidades de registro da questão 13 (módulo G)

QUADRO 38. Categorização da questão 13 (avaliação dos participantes sobre os conteúdos do curso de capacitação)

QUADRO 39. Unidades de contexto da questão 14

QUADRO 40. Unidades de registro da questão 14

QUADRO 41. Categorização da questão 14

QUADRO 42. Unidades de contexto da questão 15

QUADRO 43. Unidades de registro da questão 15

QUADRO 44. Categorização da questão 15

QUADRO 45. Respostas obtidas na questão 16 sobre o perfil das turmas formadas no processo de implementação da Ginástica para Todos

QUADRO 46. Unidades de contexto da questão 17

QUADRO 47. Unidades de registro da questão 17 (dificuldades)

QUADRO 48. Unidades de registro da questão 17 (facilidades)

QUADRO 49. Categorização da questão 17

QUADRO 50. Unidades de contexto da questão 18 (A)

QUADRO 51. Unidades de registro da questão 18 (A)

QUADRO 52. Unidades de contexto da questão 18 (B)

QUADRO 53. Unidades de registro da questão 18 (B)

QUADRO 54. Unidades de contexto da questão 18 (C)

QUADRO 55. Unidades de registro da questão 18 (C)

QUADRO 56. Categorização da questão 18

QUADRO 57. Unidades de contexto da questão 19

QUADRO 58. Unidades de registro da questão 19

QUADRO 59. Categorização da questão 19

QUADRO 60. Unidades de contexto da questão 20 (A)

QUADRO 61. Unidades de registro da questão 20 (A)

QUADRO 62. Unidades de contexto da questão 20 (B)

QUADRO 63. Unidades de registro da questão 20 (B)

QUADRO 64. Categorização da questão 20 (A) e (B)

QUADRO 65. Unidades de contexto da questão 21

QUADRO 66. Unidades de registro da questão 21

QUADRO 67. Categorização da questão 21

QUADRO 68. Unidades de contexto da questão 22

QUADRO 69. Unidades de registro da questão 22

QUADRO 70. Categorização da questão 22

QUADRO 71. Unidades de contexto da questão 23

QUADRO 72. Unidades de registro da questão 23

QUADRO 73. Categorização da questão 23

QUADRO 74. Unidades de contexto da questão 24

QUADRO 75. Unidades de registro da questão 24

QUADRO 76. Categorização da questão 24

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1. Registros da prática gímnica em ONGs filiadas à REMS no Brasil (2017)

GRÁFICO 2. Distribuição da população do estado de São Paulo segundo o IPVS (2010)

GRÁFICO 3. Distribuição da população da cidade de São Paulo segundo o IPVS (2010)

GRÁFICO 4. Respostas obtidas questão 10 sobre os tipos de ginástica que os participantes conheciam previamente ao início do curso

GRÁFICO 5. Respostas obtidas na questão 12 acerca da presença dos participantes em cada um dos módulos do curso

GRÁFICO 6. Respostas obtidas na questão 14 sobre os módulos mais significativos para os participantes

LISTA DE SIGLAS

ABONG – Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais
ARIL – Associação de Reabilitação Infantil de Limeira
BNCC – Base Nacional Comum Curricular
CBG – Confederação Brasileira de Ginástica
CCA – Centro para Crianças e Adolescentes
CCINTER – Centro de Convivência Intergeracional
CEDESP – Centro de Desenvolvimento Social e Produtivo (para adolescentes, jovens e adultos)
CF – Constituição Federal
CJ – Centro para Juventude
CNAS – Conselho Nacional de Assistência Social
CRAS – Centro de Referência de Assistência Social
EAD – Ensino à Distância
EEFE – Escola de Educação Física e Esporte
EF – Educação Física
FASFIL – Fundações Privadas e Associações Sem Fins Lucrativos
FCA – Faculdade de Ciências Aplicadas
FEF – Faculdade de Educação Física
FEFISA – Faculdades Integradas de Santo André
FIEC – Fundação Indaiatubana de Educação e Cultura
FIG – Federação Internacional de Ginástica
FIGPT – Fórum Internacional de Ginástica Para Todos
GA – Ginástica Artística
GACRO – Ginástica Acrobática
GG – Ginástica Geral
GGU – Grupo Ginástico Unicamp
GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas
GPT – Ginástica para Todos
GR – Ginástica Rítmica
IBGE – Instituto brasileiro de Geografia e Estatísticas
IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IPVS – Índice Paulista de Vulnerabilidade Social

LAPEGI – Laboratório de Pesquisas e Experiências em Ginástica
LOAS – Lei Orgânica da Assistência Social
FEFISA – Faculdades Integradas de Santo André
MDS – Ministério do Desenvolvimento Social
NCI – Núcleo de Convivência para Idosos
ONG - Organização Não Governamental
ONU – Organização das Nações Unidas
PCN – Parâmetro Curricular Comum
PNAB – Política Nacional de Atenção Básica
PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PUC – Pontifícia Universidade Católica
REMS – Rede Esporte pela Mudança Social
SBJ – Social Bom Jesus
SEADE – Sistema Estadual de Análise de Dados
SESC – Serviço Social do Comércio
SESI – Serviço Social da Indústria
SIGARC – Simpósio Internacional de Ginástica Artística e Rítmica de Competição
SMADS – Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social
SUAS – Sistema Único de Assistência Social
SUS – Sistema Único de Saúde
TS – Terceiro Setor
UEM – Universidade Estadual de Maringá
UFC – Universidade Federal do Ceará
UFES – Universidade Federal do Espírito Santo
UFVJM – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas
UNIFIEO – Universidade Fundação Instituto de Ensino para Osasco
USJT – Universidade São Judas Tadeu
USP – Universidade de São Paulo
WG – World Gymnaestrada

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: DO ENCANTAMENTO DA VIVÊNCIA AO ENCANTAMENTO DA PROPOSTA.....	23
1. TERCEIRO SETOR E FORMAÇÃO PROFISSIONAL.....	27
1.1. As organizações do terceiro setor.....	27
1.1.1. Aspectos históricos sobre as organizações não governamentais...30	
1.1.2. Dados sobre as organizações não governamentais no Brasil.....32	
1.2. Formação profissional no terceiro setor.....	35
1.2.1. Educação não-formal.....	36
1.2.2. E educador social: aspectos sobre sua formação.....	38
1.2.3. O profissional de Educação Física e Esporte nas organizações não governamentais.....	41
2. AS PRÁTICAS ESPORTIVAS E GINÁSTICA PARA TODOS NO TERCEIRO SETOR.....	45
2.1. As práticas esportivas nas organizações não governamentais.....	45
2.2. A Ginástica para Todos nas organizações não governamentais.....	50
2.2.1. Aspectos históricos da Ginástica para Todos.....	50
2.2.2. A Ginástica para Todos em diferentes contextos.....	53
2.2.3. A Ginástica nas organizações não governamentais.....	55
2.2.4. Possibilidades da Ginástica para Todos nas organizações não governamentais.....	59
3. A CONSTRUÇÃO DA PROPOSTA.....	61
3.1. Primeira etapa – Pesquisa documental.....	61
3.2. Segunda etapa – Pesquisa exploratória.....	62
3.3. Terceira etapa – Pesquisa intervenção.....	63
3.4. Quarta etapa – Pesquisa descritiva.....	65
4. A CONSOLIDAÇÃO DA PROPOSTA.....	67
4.1. As organizações não governamentais na cidade de São Paulo: primeira etapa.....	67
4.2. Encontros preparatórios: segunda etapa.....	74
4.3. Curso, implementação e festival de GPT: terceira etapa.....	83
4.3.1. FASE 1 – Curso de capacitação em GPT.....	83
4.3.1.1. – Descrição dos encontros do curso.....	86

4.3.2. FASE 2 – Implementação da Ginástica para Todos nas organizações e tutoria.....	97
4.3.3. FASE 3 – Participação das organizações em festival de GPT.....	111
4.4. Análise dos questionários: quarta etapa.....	125
4.4.1. BLOCO (1) – Dados pessoais.....	126
4.4.2 BLOCO (2) – Esporte e Ginástica nas ONGs.....	128
4.4.3. BLOCO (3) – Processo de Capacitação em GPT.....	136
4.4.4. BLOCO (4) – Processo de implementação da GPT nas ONGs.....	150
4.4.5. BLOCO (5) – Sobre a tutoria.....	161
4.4.6. BLOCO (6) – Sobre a participação do festival de GPT.....	165
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: APONTAMENTOS E REFLEXÕES.....	177
REFERÊNCIAS.....	181
ANEXOS.....	197

INTRODUÇÃO: DO ENCANTAMENTO DA VIVÊNCIA AO ENCANTAMENTO DA PROPOSTA

O interesse e o encantamento pela Ginástica Para Todos me acompanham já há muitos anos, antes mesmo de escolher seguir no caminho da Educação Física e do Esporte. Na verdade, a GPT, juntamente com a influência de profissionais de Educação Física na família (pai, mãe, uma tia e dois tios), foi um dos fatores determinantes para esta escolha. Aos 15 anos, decidi trocar uma festa de debutante por uma viagem para a Europa, com a minha mãe e seu grupo de ginástica da faculdade – na época, Faculdades Integradas de Santo André (FEFISA). Como sempre tive uma forte ligação com a dança (especialmente o balé clássico) e com as ginásticas artística e rítmica (somente no campo da participação), participei da *13th World Gymnaestrada* (WG) em Dornbirn (Áustria, 2007) como ginasta do Grupo de Ginástica Geral da FEFISA. Esse encontro com diferentes tipos de ginástica, dança, folclore, entre todas as faixas etárias e de diversos lugares de mundo, com muita troca e confraternização, simplesmente me encantou.

Hoje consigo entender claramente que esta experiência confirmou a escolha de um caminho que já estava se direcionando, e assim, iniciei a graduação em Ciências do Esporte, na Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da UNICAMP no campus de Limeira, em 2010. Entrei na universidade com um desejo imenso de fazer parte de um grupo de ginástica geral, de iniciar agora o “meu” caminho que, até então, seguia passos familiares. Nos meus primeiros anos de graduação, por se tratar de um curso extremamente novo, com currículo ainda em formação, não havia professores com especialização nesta temática. Lembro-me de quando perguntei ao coordenador do curso de Ciências do Esporte “quem seria o professor de Ginástica Geral” e ele sequer conseguia responder, sabendo que não teria como superar minha inquietação. Assim, permaneci acompanhando o grupo da FEFISA, do qual faziam parte minha mãe e minha tia, e participamos de mais uma *World Gymnaestrada*, dessa vez em Lausanne (Suíça, 2011).

Neste mesmo ano, tive a oportunidade de ser a primeira aluna da FCA-UNICAMP a participar de um intercâmbio para a Dinamarca, onde permaneci por 4 meses morando e estudando numa escola de ginástica chamada *Gymnastik og Idrætshøjskolen ved Viborg*. Ao retornar, no semestre seguinte, tive a notícia de que a Profa. Dra. Eliana de Toledo, orientadora desta pesquisa, era a nova professora de Ginástica do curso, o que

me veio como uma fonte de motivação, uma nova luz no meu caminho.

Desde então, construímos muitas coisas em parceria: fui sua primeira orientanda de TCC na UNICAMP; fundamos o Grupo Ginástico LAPEGI/UNICAMP e o LAPEGI (Laboratório de Pesquisas e Experiências em Ginástica); fui sua primeira orientanda de PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica); participamos da *15th World Gymnaestrada* em Helsink (Finlândia, 2015) com o LAPEGI; fui sua primeira orientanda de mestrado da UNICAMP; entre outros eventos, publicações e experiências que vem fortalecendo nossa relação. Este projeto é fruto dessa parceria e, com certeza, é a realização de um sonho que planejamos, cultivamos e vivemos juntas.

FIGURA 1. Grupo Ginástico LAPEGI/UNICAMP apresentando-se na XV World Gymanestrada de 2015, em Helsink, na Finlândia.



Fonte: Acervo do LAPEGI

Em 2013, ainda na FCA, realizei meu estágio supervisionado na ARIL (Associação de Reabilitação Infantil de Limeira), onde tive meu primeiro contato com organizações do terceiro setor (TS). Ali, pude propor algumas intervenções com vivências de GPT para crianças e jovens com diferentes deficiências intelectuais, como possibilidade de prática para este público. A partir desse momento, o desejo de “ensinar” a GPT e “compartilhar” as minhas experiências ficou mais evidente, traduzindo-se no presente projeto.

Diante dessa contextualização histórica e pessoal, partimos do encantamento para a proposta deste projeto. O interesse em estudar a Ginástica para Todos (GPT) em

Organizações Não Governamentais (ONGs) vem principalmente do desejo de encontrar esta prática – a qual considero uma proposta transformadora - disseminada em diferentes contextos. A GPT possibilita a participação de todos, respeita potencialidades e limitações individuais, promove o aprendizado de modo coletivo e sociabiliza conhecimento (RINALDI e PAOLIELLO, 2008). Além dessas características, é conceitualmente pautada na formação humana (GUTIERREZ, 2008), o que traz grande proximidade com os valores socioeducativos desenvolvidos em ONGs, especialmente aquelas que fazem atendimento direto à população em situação de vulnerabilidade. Esses projetos desempenham papel importante na promoção do desenvolvimento humano, de forma a potencializar trocas e vínculos sociais e evidenciar os valores humanos que passam a ganhar significado neste contexto (ARAÚJO e OLIVEIRA, 2010). Dessa maneira, considero haver uma aproximação de princípios e valores entre GPT e esse tipo de ONG.

De modo geral, parece que a GPT ainda não é difundida e implementada dentro das ONGs e projetos sociais como poderia ser, considerando as experiências positivas já registradas, as quais exaltaremos no decorrer da pesquisa. Do ponto de vista científico, vale ressaltar aqui a importância dos relatos de experiência e fontes que revelam como vêm sendo desenvolvidos estes projetos, em sua grande maioria em resumos, porém, devemos pontuar a dificuldade de encontrar trabalhos que abordem a implementação e os procedimentos desses projetos, justificando assim, o sentido e a relevância dessa pesquisa para a GPT, para as ONGs e a comunidade em geral. Justifica-se também pela experiência acadêmica da pesquisadora e sua orientadora na área, assim como no campo da intervenção, já que ambas participaram e ainda participam ativamente como membros de grupos de apresentação de GPT, ministrando cursos e workshops para diferentes perfis populacionais. E na área do TS, destaca-se que a orientadora deste trabalho atuou 15 anos em ONGs, tendo sido presidente de uma ONG de Campinas (Instituto SOS Pequenos), por 8 anos, inclusive implementando projetos sociais que envolviam a ginástica, em parceria com o poder público (PELC Campinas e FIEC).

A minha experiência, somada à experiência da orientadora deste trabalho, motivou-me para este tema, mesmo estando consciente da necessidade de ampliar as leituras, especialmente aquelas relacionadas ao Terceiro Setor, Assistência Social e Organizações Não Governamentais, temas com os quais tínhamos menor aproximação.

Assim, o **objetivo geral** desta pesquisa foi trazer uma proposta de implementação da Ginástica para Todos nas instituições do terceiro setor, a partir de uma experiência de

intervenção. Nossos **objetivos específicos** foram:

- diagnosticar, a partir da amostra deste estudo, se as práticas gímnicas fazem parte das propostas das ONGs e como elas são vivenciadas;
- analisar a presença do profissional da Educação Física e do Esporte nas ONGs;
- incentivar a implementação de projetos de Ginástica para Todos em ONGs com diferentes perfis, evidenciando alguns apontamentos acerca da proposta constituída e vivida nesta pesquisa.

A partir desses objetivos, estruturamos a dissertação da seguinte maneira:

No capítulo 1 abordaremos o *Terceiro Setor e a Formação Profissional*, trazendo conceitos da assistência social, do TS e das organizações não governamentais, o contexto histórico no mundo e como chegaram ao Brasil, bem como alguns dados oficiais dessas organizações. Além disso, discutiremos sobre diferenças e relações entre educação formal, educação não formal e educação informal, considerando o contexto das ONGs como educação não formal. Ainda, faremos uma reflexão acerca do papel do educador social e também do profissional de Educação Física e Esporte neste setor.

No capítulo 2 – *Práticas Esportivas e a Ginástica para Todos no Terceiro Setor* ressaltaremos primeiramente a importância do esporte nas organizações desse setor e traremos exemplos de ONGs que tem o esporte e a atividade física como carro-chefe. Posteriormente, daremos foco à Ginástica para Todos, seus conceitos, fundamentos, contexto histórico e seu desenvolvimento em diferentes contextos. Além disso, serão apresentados e discutidos alguns dados acerca da ginástica, de maneira mais ampla, no contexto do TS e também das possibilidades e experiências já efetivadas da Ginástica para Todos em ONGs.

A metodologia da pesquisa foi dividida em 4 etapas com métodos distintos (documental, exploratório, de intervenção e descritivo) que serão apresentadas no capítulo 3, seguido dos resultados obtidos na consolidação da proposta. Por fim, nas considerações finais, serão feitos alguns apontamentos e reflexões acerca de todo o processo.

1. TERCEIRO SETOR E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

O termo Terceiro Setor (TS) começou a ser usado nos anos 70, na literatura de origem norte americana, para identificar um setor da sociedade no qual atuam organizações sem fins lucrativos, voltadas para a produção e/ou distribuição de bens e serviços públicos (SMITH, 1991). Em diferentes países do mundo, foram adotados outros termos que associam-se ao “Terceiro Setor”, como: “setor de caridade”, "setor independente", "setor voluntário", "organizações não governamentais", "economia social", "filantropia", etc., que acabam por dificultar o estabelecimento de semelhança entre o setor em cada país (DIMAGGIO e ANHEIER, 1990; SALAMON e ANHEIER, 1992). Nesta pesquisa, o termo Organizações Não Governamentais (ONGs) terá destaque dentre os vários utilizados como equivalentes ou sinônimos de "Terceiro Setor".

1.1. As organizações do Terceiro Setor

As principais características das organizações do TS sintetizadas por Leilah Landim, numa pesquisa inicial em 1993, quando esse setor começava a ganhar força no âmbito acadêmico:

Elas são incontáveis, espalhadas pelos quatro cantos do planeta, existindo nos mais diferentes contextos nacionais. Atuam em campos variados como os de arte e cultura, educação, recreação, saúde, assistência social, defesa de direitos humanos e de minorias, feminismo, ambientalismo, desenvolvimento comunitário, fortalecimento de organizações de base [...] Acionam agentes com trajetórias e valores os mais diversificados. São mercado de trabalho e também terreno de ação voluntária. Mobilizam grande quantidade de recursos materiais, de origens tão diversas quanto governos, indivíduos, famílias, empresas, igrejas, fundações, associações. Na maioria são pequenas, embora frequentemente seu âmbito de atuação possa ultrapassar fronteiras nacionais. De natureza privada, não são empresas; atuando em benefício público, não são órgãos do governo. São as chamadas organizações sem fins lucrativos. (LANDIM, 1993, p.5).

Reforçando estas características, Salamon (1999, p.17) afirma que essas organizações constituem um conjunto “composto por organizações que são privadas, são autogovernadas, não distribuem lucros, são voluntárias e são voltadas para o benefício público”. Mais adiante, a mesma autora que consagrou o termo “Terceiro Setor” no Brasil, faz críticas ao uso desse termo (LANDIM e BERES, 1999, p.8), afirmando que:

Não possuindo qualquer densidade conceitual, tem certamente a vantagem de ser mais sugestiva quanto a concepções centrais em questão no debate, em que se chama a atenção para redirecionar o foco de discussões tradicionalmente

levadas no campo do pensamento sociológico ou da economia política, onde o privilegiamento do Estado e do mercado teria minimizado o protagonismo daquelas organizações na conformação das sociedades modernas.

Além de verificar a falta de densidade conceitual do termo TS, ela critica a funcionalidade que pretendem atribuir ao setor:

De fato, frequentemente a categoria terceiro setor é utilizada, implícita ou explicitamente, para produzir a idéia equivocada de que o universo das organizações sem fins lucrativos é espécie de panacéia que substitui o Estado no enfrentamento de questões sociais - como a resolução do problema do emprego, por exemplo. (Ibidem, p. 9).

Para Salamon (1999, p.6), algumas posições ideológicas tornam-se barreiras para identificar claramente a atuação do TS:

Barreiras ideológicas também obscureceram a identificação do papel e da escala real do Terceiro Setor. Durante grande parte dos últimos 50 anos, políticos tanto à esquerda quanto à direita tenderam a minimizar o papel dessas instituições. À esquerda o fez para justificar a expansão do welfare state; à direita, para justificar ataques ao Estado como o destruidor de instituições mediadoras privadas.

Embora as críticas sejam comuns a qualquer forma de ação pública, a postura ideológica não se contrapõe ao TS, pelo contrário, as diferentes posições políticas dessas organizações tendem a desenvolver projetos que alinham correntes ideológicas de direita, de esquerda ou, até mesmo, de ambas. No entanto, para o desenvolvimento das ações do TS, a mediação entre diferentes visões políticas é tida como ponto chave para a atuação dessas organizações (FERNANDES, 1994). Conceitualmente, para este autor, o TS envolve um conjunto de organizações e iniciativas privadas que visam a produção de bens e serviços públicos, refletindo uma dupla qualificação:

'Bens e serviços públicos', nesse caso, implica uma dupla qualificação: não geram lucros e respondem a necessidades coletivas. Eventuais benefícios auferidos pela circulação desses bens não podem ser apropriados enquanto tais pelos seus produtores e não podem, em consequência, gerar um patrimônio particular. [...]Quaisquer excedentes devem ser reinvestidos nos meios para a produção dos fins estipulados. Por outro lado, os bens e serviços produzidos devem ser, tipicamente, de consumo coletivo – seja num sentido universal, como as campanhas para a purificação do ar, ou em função de uma categoria específica, como a acolhida a refugiados, por exemplo. (FERNANDES, 1994, p.21).

Ainda Fernandes (1994), traz a representação do TS da seguinte forma:

QUADRO 1. Combinações possíveis entre público e privado

AGENTES		FINS		SETOR
Privados	Para	Privados	=	Mercado
Públicos	Para	Públicos	=	Estado
Privados	Para	Públicos	=	Terceiro
				Setor
Públicos	Para	Privados	=	(corrupção)

Fonte: Fernandes (1994, p.21)

A partir dessa visão, o autor faz uma “setorialização” da realidade, o que parece implicar na desarticulação de cada (suposto) setor da realidade. Discordando de tal setorialização, Montañó (2005, p.184) entende o TS como um fenômeno real que expressa:

[...] as ações desenvolvidas por organizações da sociedade civil, que assumem as funções de resposta às demandas sociais (antes de responsabilidade fundamentalmente do Estado), a partir dos valores de solidariedade local, auto-ajuda e ajuda mútua (substituindo os valores de solidariedade social e universalidade e direito dos serviços).

Composto por organizações e iniciativas privadas, o TS é também constantemente interpretado como uma área que substitui ou inibe as ações do Estado (SALAMON, 1999). Alguns pesquisadores que caminham na linha do marxismo, defendem que o TS estabelece um “novo contrato social” que visa transferir a política social do Estado para o mercado e a sociedade civil.

Desta forma, para cobrir os vácuos que, na previdência e serviços sociais e assistenciais, deixa este novo Estado “minimizado” na área social, parcelas importantes das respostas à “questão social” são privatizadas e transferidas ao mercado (quando lucrativas) e à “sociedade civil” ou “terceiro setor” (quando deficitárias), que vende ou fornece “gratuitamente” os serviços sociais. (MONTAÑO, 2002, p. 3).

Esse conceito, marcado pela contradição dos fundamentos do TS com os fundamentos da política keynesiana, ou do chamado “Estado de Bem-Estar Social”, trata de inserir o TS no projeto Neoliberal, de desmonte do Estado intervencionista e dos direitos sociais. Nesse sentido, essa perspectiva crê que as ações do TS visam “despolitizar os conflitos sociais dissipando-os e pulverizando-os” (MONTAÑO, 2002, p. 8). Concordando com o autor, será assumido neste trabalho, o conceito de TS compreendendo ser um fenômeno que exerce uma função social por meio das

organizações da sociedade civil, que antes eram responsabilidade do Estado. Para este autor, o conceito e experiências do chamado “terceiro setor” constituem um mecanismo neoliberal para o desmonte social do Estado.

O setor abarca uma grande variedade de organizações intituladas “sem fins lucrativos”: as pequenas associações comunitárias e entidades beneficentes, os hospitais e institutos de ensino, as fundações empresariais, entre outros inúmeros tipos de organizações que ao longo do tempo, recebem o nome de ONGs – as Organizações Não Governamentais, foco deste trabalho.

1.1.1. Aspectos históricos sobre as organizações não governamentais

Internacionalmente, as organizações sem fins lucrativos já existiam, segundo Santana (2013), desde a década de 30, como consequência do avanço do capitalismo industrial, num momento histórico que intensificou a exploração da força de trabalho e agravou significativamente os níveis de desigualdade social, colocando em debate as questões de cunho social e, principalmente, de pobreza. Nesse contexto, tornou-se necessário um sistema de proteção social que regulasse e minimizasse as mazelas sociais, e segundo este mesmo autor, esses descontentamentos da sociedade, passam a ser expressados de forma reivindicatória, por meio de movimentos em prol da defesa de direitos civis e sociais. Como reflexo dessas lutas populares, a expressão ONG aparece pela primeira vez em documentos da Organização das Nações Unidas (ONU), no final dos anos de 1940, tendo como pano de fundo o “desenvolvimento de comunidades”.

Buscando entender a trajetória histórica das ONGs, Steil e Carvalho (2001, p.36) traçam três momentos a partir de um contexto internacional:

Os primeiros anos, marcados pela ideologia do desenvolvimento de comunidades e pela filantropia como instrumentos de combate à pobreza e construção da paz. O segundo, caracterizado pelas lutas de resistência ao autoritarismo e de democratização. O terceiro, centrado na ideia de parceria e voluntariado como possíveis saídas para a crise do “estado de bem estar social” e o avanço das políticas neoliberais.

Esta visão linear e historiográfica do fenômeno em si, não aborda questões importantes do contexto social e histórico que precisam ser consideradas para a interpretação desse fenômeno. Para Montañó (2014), a crise capitalista e a (contra) reforma neoliberal são dois pontos cruciais na trajetória das ONGs, que marcam um papel sócio histórico antes do cenário da crise capitalista (contexto da Guerra Fria, da expansão econômica capitalista, da hegemonia da produção fordista, da presença do

“Desenvolvimentismo” promovido pelos países centrais para ampliar a capacidade de produção barata e de consumo de massa nos países periféricos, como os da América Latina) e depois dessa crise (fim da Guerra Fria, com a destruição do Bloco Soviético, fase de crise capitalista e hegemonia do capital financeiro, melhor competitividade mundial da produção toyotista, fim do chamado “Desenvolvimentismo” para a América Latina) (MONTAÑO, 2014). Para este autor, o papel político das ONGs vai se modificando ao longo do tempo a partir desses acontecimentos, e seus objetivos, projetos e “missões” vão deixando de prover as necessidades e demandas dos Movimentos Sociais e passam a ser “parceiros” do Estado e/ou do Capital.

No Brasil, como reflexo desse contexto internacional, a Constituição Federal Brasileira de 1988 define e implementa a Seguridade Social, a qual tem como bases: a Assistência Social, a Previdência Social e a Saúde. A partir de então, a Assistência Social se firma como política pública de dever do Estado e direito do cidadão. A Assistência Social encontra suporte legal em nossa Carta Magna de 1988, prevista em seu art. 203: “a assistência social será prestada a quem dela necessitar, independentemente de contribuição à seguridade social”.

A Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) regulamentou o art. 203 da CF, e definiu em seu art. 1º, como: “a assistência social, direito do cidadão e dever do Estado, é Política de Seguridade Social não contributiva, que prove os mínimos sociais, realizada através de um conjunto integrado de ações de iniciativa pública e da sociedade, para garantir o atendimento às necessidades básicas” (BRASIL, 1993).

Mais adiante, o Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) estabelece na Resolução CNAS nº 31, de 24 de fevereiro de 1999, que poderão obter o registro no Conselho Nacional de Assistência Social as entidades sem fins lucrativos que promoverem:

- (a) a proteção à família, à infância, à maternidade, à adolescência e à velhice;
- (b) o amparo às crianças e adolescentes carentes;
- (c) ações de prevenção, habilitação, reabilitação e integração à vida comunitária de pessoas portadoras de deficiência;
- (d) a integração ao mercado de trabalho;
- (e) a assistência educacional ou de saúde;
- (f) o desenvolvimento da cultura;
- (g) o atendimento e assessoramento aos benefícios da Lei Orgânica da Assistência Social e a defesa e garantia de seus direitos. (BRASIL, 1999).

Dessa forma, de acordo com o estabelecido pelo CNAS, podem ser consideradas de Assistência Social as associações sem fins lucrativos que promovam uma ou mais ações apresentadas acima. E a partir destas determinações legais é que se estabelece

gradativamente a expressão ONG (Organização Não Governamental), que segundo Landim (1993) e Gohn (2000), foi criada pela ONU, como já mencionado anteriormente, para designar entidades não oficiais que recebiam ajuda financeira de órgãos públicos para executar projetos de interesse social, dentro de uma filosofia de trabalho denominada desenvolvimento de comunidade.

No Brasil, as primeiras ONGs surgiram por iniciativa da Igreja Católica, e mais adiante, na década de 1970, surgem novas organizações, agora com o objetivo de resistir e denunciar o regime ditatorial vigente no Brasil neste período (ACIOLI, 2008). A autora ainda menciona que no final da década de 1980, houve um crescimento das organizações não governamentais, tanto em quantidade quanto em representatividade; e na década de 90, esse campo é ainda ampliado e diversificado com o surgimento das entidades autodenominadas como TS (ligadas a empresas e fundações).

Este significativo crescimento das ONGs se deu neste período, pois elas passaram por um momento de institucionalização e autonomização. Segundo Steil e Carvalho (2001, p.12):

Assistimos, assim, nos anos 90, a conjunção de dois processos históricos que geram uma perigosa encruzilhada para as ONGs: a valorização das ONGs e ao mesmo tempo a desvalorização do Estado como ator regulador dos processos sociais. Isto vai levar a uma arriscada onda de demandas às ONGs para que estas ocupem o lugar de agentes da regulação social, substituindo o Estado em seu papel.

Dessa maneira, as ONGs assumem a identidade de atores sociais, contrapondo-se à posição que predominou na década de 80, de serviço e assessoria aos movimentos sociais. Assim, elas passam a atuar em prol das demandas éticas e sociais recorrentes numa sociedade com grandes problemas sociais, econômicos e políticos, tanto no cenário nacional como no internacional. A partir daí, já legitimadas no campo social, as ONGs passam a ser também objetos de pesquisa, o que nos permite trazer alguns dados acerca dessas organizações no Brasil.

1.1.2. Dados sobre as organizações não governamentais no Brasil

Pretendendo conhecer os contornos do novo universo que passava a ser chamado por TS, em 1993 - numa pesquisa guiada - a autora Leilah Landim chegou ao número de 220.000 organizações – por meio de dados provenientes da Receita Federal do ano de

1991. Entretanto, Landim (1993, p.8) concluiu que naquele momento:

[...] a ausência de informações, as informações fragmentadas parciais ou as estatísticas não comparáveis entre si, revelam que do ponto de vista dos diversos sistemas oficiais produtores de informações estatísticas, não se pode, até o presente momento falar em um ‘Terceiro Setor’ no Brasil.

Um marco histórico para as ONGs no Brasil foi a criação da Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais (ABONG) em 1991, uma sociedade civil que congrega organizações que lutam contra todas as formas de discriminação e desigualdades, pela construção de modos sustentáveis de vida e pela democracia. Seguindo seu *site*, a ABONG origina-se em:

[...] organizações com perfil político caracterizado pela resistência ao autoritarismo; consolidação de novos sujeitos políticos e movimentos sociais; busca de alternativas de desenvolvimento ambientalmente sustentáveis e socialmente justas; luta contra as desigualdades sociais, econômicas, políticas e civis; a universalização e construção de novos direitos e a consolidação de espaços democráticos de poder. (ABONG, 2018).

Com a fundação da ABONG e o TS mais consolidado, o IBGE realizou em 2004 uma parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, com o Grupo de Institutos, Fundações e Empresas – GIFE e com a ABONG, a fim de ampliar o conhecimento sobre o perfil, a dimensão e a dinâmica do expressivo TS, Segundo o site do IBGE, essa parceria teve como objetivo: “mapear o universo das organizações da sociedade civil que atendem, simultaneamente, aos critérios de entidades privadas, sem fins lucrativos, institucionalizadas, auto administradas e voluntárias” (IBGE, 2018).

Por meio dessa parceria foram realizadas e divulgadas duas grandes pesquisas - 2005 e 2012 – que desenham o perfil das organizações do TS, trazendo questões como quantidade, distribuição no território nacional, área de atuação, entre outros. A pesquisa mais recente acerca deste tema, publicada em 2012 pelo IBGE, aponta que no ano de 2010, havia 290,692 mil Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos (Fasfil) no Brasil voltadas aos seguintes campos de atuação:

QUADRO 2. Classificação das entidades sem fins lucrativos pelo campo de atuação no Brasil

CLASSIFICAÇÃO	QUANTIDADE	PORCENTAGEM (%)
(1) Habitação	292	0,1
(2) Saúde	6.029	2,1
(3) Cultura e recreação	36.921	12,7
(4) Educação e Pesquisa	17.664	6,1
(5) Assistência Social	30.414	10,5
(6) Religião	82.853	28,5
(7) Partidos políticos, sindicatos, associações patronais e profissionais	44.939	15,5
(8) Meio ambiente e proteção animal	2.242	0,8
(9) Desenvolvimento e defesa de direitos	42.463	14,6
(10) Outras instituições privadas sem fins lucrativos	26.875	9,3
TOTAL	290.692	100

Fonte: Adaptada de IBGE (2012)

Como mostra a tabela acima, as entidades classificadas como Religião (6) representam, isoladamente, 28,5% do total. Encontram-se agrupadas nesta categoria: ordens religiosas, templos, paróquias, pastorais, centros espíritas, entre outras. Merecem destaque também, as entidades voltadas a defesa de direitos e interesse dos cidadãos (7 e 9) que, segundo a pesquisa, incluem os seguintes grupos: associações de moradores, centros e associação comunitárias, desenvolvimento rural, emprego e treinamento, defesa de direitos de grupos e minorias, outras formas de desenvolvimento e defesa de direitos, associações empresariais e patronais, associações profissionais e associações de produtores rurais.

Neste trabalho, daremos foco às entidades sem fins lucrativos situadas na classificação Cultura e Recreação (3) – que também apresenta grande representatividade (12,7%) - pois é onde estão situadas as ONGs que fazem atendimento direto ao público por meio de projetos socioeducativos, incluindo o oferecimento de atividades físicas voltadas à saúde, ao esporte ou ao lazer. Vale salientar aqui, que mesmo com grande quantidade de ONGs esportivas – a serem tratadas nos próximos capítulos - não há nelas a denominação “esporte”, o que consideramos merecer distinção dada a sua representatividade.

Além dos campos de atuação, esta pesquisa (IBGE, 2012) traz outros dados importantes como a distribuição dessas entidades no território nacional, conforme mostra o quadro 3 a seguir.

QUADRO 3. Distribuição das entidades sem fins lucrativos no território nacional

REGIÃO	QUANTIDADE	PORCENTAGEM (%)
Norte	14.128	4,9
Nordeste	66.529	22,9
Sudeste	128.619	44,2
Sul	62.633	21,5
Centro-Oeste	18.783	6,5
TOTAL	290.692	100

Fonte: Adaptada de IBGE (2012)

É possível notar a partir dos dados acima, que essas entidades se concentram na região Sudeste (44,2%), Nordeste (22,9%) e Sul (21,5%), estando menos presentes no Norte (4,9%) e Centro-Oeste (6,5%). Mais especificamente no Sudeste, das 128.619 localizadas nesta região, 46,3% encontram-se no estado de São Paulo (IBGE, 2012), ou seja, as regiões Norte e Centro-Oeste somadas, correspondem ao número total de São Paulo, revelando sua forte participação nas atividades do TS.

A cidade de São Paulo, sendo a metrópole mais populosa do estado e do Brasil, abriga uma grande parcela das entidades sociais, pois também abriga uma grande desigualdade social. Segundo o site da Prefeitura Municipal de São Paulo (SÃO PAULO, 2016) até 2016 havia cerca de 1.279 entidades conveniadas com a cidade, com capacidade de atender 224.921 pessoas por ano, o que corresponde a menos de 2% da população total (aproximadamente 12 milhões atualmente) da cidade.

A partir deste panorama das ONGs no cenário brasileiro, quanto à sua representatividade, sua distribuição e seus diferentes campos de atuação, cabe-nos pensar acerca dos profissionais que atuam nesse setor. No próximo item, será abordado o tema *formação profissional no terceiro setor*, com ênfase nas organizações que tem perfil de atendimento socioeducativo à população e que, portanto, tratam da questão central da educação.

1.2. Formação profissional no terceiro setor

Antes de analisar e discutir as referências acerca da formação profissional no TS, vale uma primeira reflexão sobre o tema que norteia as organizações com perfil socioeducativo, a educação. Assim, terá destaque a educação não-formal como campo de atuação, e o educador social como profissional atuante.

1.2.1. Educação não-formal

Quando se fala em educação no TS, ou especificamente em ONGs, trata-se de colocar a educação não-formal como conceito norteador. Este, por sua vez, deve ser empregado cuidadosamente, pois trata-se de um conceito extremamente abrangente que envolve diversas experiências educativas que são desenvolvidas além do sistema regular de ensino. Reforçando tal abrangência, La Belle (apud TORRES, 1992) conceitua a educação não formal como: “Toda atividade educacional organizada, sistemática, executada fora do quadro do sistema formal para oferecer tipos selecionados de ensino a determinados subgrupos da população”. De fato, muitos outros conceitos caberão dentro deste e, diante de tal dificuldade, assumiremos aqui as definições de Maria Gohn, autora que se empenha em distinguir a educação não-formal da “educação informal” e demarcar os campos entre educação formal e não-formal.

Baseando-se nos conceitos de Maria Gohn, e em suas diversas publicações acerca deste tema (GOHN, 2006; GOHN, 2008; GOHN, 2016), a tabela abaixo retrata uma série de diferenças que a autora pontua entre os três tipos de educação, a saber:

QUADRO 4. Diferenças conceituais entre educação formal, informal e não-formal

	EDUCAÇÃO FORMAL	EDUCAÇÃO INFORMAL	EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL
Campos de conhecimento	Desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados;	Os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados	Aprende-se "no mundo da vida", por meio de processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas.
Quem educa?	Os professores	Os pais, a família em geral, os amigos, os vizinhos, colegas de escola, a igreja paroquial, os meios de comunicação de massa etc.	O <i>outro</i> , aquele com quem interagimos ou nos integramos
Onde se educa?	Território das escolas, instituições regulamentadas por lei, certificadoras, organizadas segundo diretrizes nacionais	Espaços educativos demarcados por referências de nacionalidade, localidade, idade, sexo, religião, etnia etc. A casa onde se mora, a rua, o bairro, o condomínio, o clube que se frequenta, a igreja ou o local de culto a que se vincula sua crença religiosa, o local onde se nasceu etc.	Territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais

Como se educa?	Ambientes normatizados, com regras e padrões comportamentais definidos previamente.	Ambientes espontâneos, onde as relações sociais se desenvolvem segundo gostos, preferências, ou pertencimentos herdados.	Ambientes e situações interativos construídos coletivamente, segundo diretrizes de dados dos grupos, usualmente a participação dos indivíduos é optativa, mas ela também poderá ocorrer por forças de certas circunstâncias da vivência histórica de cada um
Finalidade ou Objetivos	Relativos ao ensino e aprendizagem de conteúdos historicamente sistematizados, normalizados por leis, dentre os quais destacam-se o de formar o indivíduo como um cidadão ativo, desenvolver habilidades e competências várias, desenvolver a criatividade, percepção, motricidade etc.	Socializa os indivíduos, desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças de grupos que se frequenta ou que pertence por herança, desde o nascimento Trata-se do processo de socialização dos indivíduos	Capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados <i>a priori</i> , eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo.
Principais atributos	Tempo, local específico, pessoal especializado. Organização de vários tipos (inclusive a curricular), sistematização sequencial das atividades, disciplinamento, regulamentos e leis, órgãos superiores etc. Ela tem caráter metódico e, usualmente, divide-se por idade/ classe de conhecimento.	Não é organizada, os conhecimentos não são sistematizados e são repassados a partir das práticas e experiência anteriores, usualmente é o passado orientando o presente. Ela atua no campo das emoções e sentimentos. É um processo permanente e não organizado.	Ela não é, organizada por séries/ idade/conteúdos; atua sobre aspectos subjetivos do grupo; trabalha e forma a cultura política de um grupo. Desenvolve laços de pertencimento. Fundamenta-se no critério da solidariedade e identificação de interesses comuns e é parte do processo de construção da cidadania coletiva e pública do grupo.

Fonte: Autoria própria, baseadas em Gohn (2006)

A autora retrata também uma série de processos que podem resultar da educação não-formal, como consciência de como agir em grupos coletivos, construção de concepção de mundo e sobre o mundo, formação do indivíduo para a vida e suas adversidades, sentimento de identidade com uma comunidade e de valorização de si próprio, entre outros (GOHN, 2006). E ainda, releva que uma das carências no trato da educação não formal é a formação específica a educadores a partir da definição do seu papel e atividades a realizar.

Ainda hoje, parece que os conceitos de educação informal e não-formal são alvos de confusão, como se houvessem apenas duas divisões no mundo da educação: a

educação formal, traduzindo-se no sistema formal de ensino profundamente institucionalizado, cronologicamente nivelado e estruturado; e a educação não-formal, sendo tudo o que excede a educação formal. Essa confusão se dá principalmente pela desvalorização dos processos que não são escolarizáveis, tanto pelo senso comum quanto pela mídia.

Entretanto, sabemos que há grandes diferenças conceituais entre os processos educativos - como apresentado no quadro 4 – entendendo que todos têm seu valor e são essenciais para a formação do indivíduo.

A educação não-formal, que será foco deste projeto, se desenvolve extramuros escolares, em movimentos e organizações sociais e designa um processo que atinge diferentes dimensões, especialmente na arte, educação e cultura. Segundo Gadotti (2005), a educação não-formal é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática.

No campo científico, esta é uma área bastante carente, sendo predominante as publicações com caráter de levantamento sistemático de dados que subsidiam relatórios e projetos, objetivando a busca de parcerias com o governo.

A educação não-formal desenvolvida nas ONGs e outras entidades, parece ainda um setor em construção, embora seja um dos poucos espaços do mercado de trabalho abertos para profissionais da Educação em geral, incluindo a Educação Física e o Esporte. Para estes educadores, é utilizado o conceito de “Educadores Sociais” que, semelhante ao conceito de educação não-formal, apresenta grande abrangência.

1.2.2. O educador social: aspectos sobre sua formação

O educador social, em sua essência, é um educador. Para Freire (1996, p.47) "o educador deve saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção". Para alcançar esse objetivo, motivar e automotivar-se torna-se fundamental no processo de docência, dado que, segundo o próprio autor, esse processo é dialógico. Ele ainda destaca que a relação entre aluno e educador é a chave para a formação e educação crítica dos cidadãos, indo, portanto, muito além dos saberes e conhecimentos envolvidos no processo.

Na mesma perspectiva, Gadotti (2000, p.9) acredita que:

[...] o educador é um mediador do conhecimento, diante do aluno que é o sujeito da sua própria formação. Ele precisa construir conhecimento a partir do

que faz e, para isso, também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o que fazer dos seus alunos.

A atuação do educador reflete o que ele é, portanto, todo seu arcabouço de experiências e conhecimentos, e sua visão de mundo e de Homem, aspectos que definem suas escolhas (tomadas de decisão) nos contextos sociais nos quais atua. Neste sentido, sua formação é continuada, constituindo-se um espaço que possibilita a troca de diferentes saberes, de repensar e refazer a prática do professor, havendo uma reorganização de suas competências e produção de novos conhecimentos (SILVA, 2001).

Assim, concordando com Freire (1996), formar é muito mais do que treinar no desempenho das destrezas. A formação continuada pode considerar questões que partam da formação do professor com base em um suporte metodológico, científico e profissional, estimulando a troca de pontos de vista com os diferentes atores envolvidos no determinado contexto social (FREIRE, 1996; ARAÚJO; AMARAL, 2005).

Conforme aponta Alvarado-Prada, Freitas e Freitas (2010), essa formação pode se dar de diferentes formas, mas não pode, jamais, resumir-se a cursos de reciclagem e aperfeiçoamento, conotações estas que demonstram preocupar-se mais com a eficácia ou eficiência na educação, tratando os educadores como consumidores de conhecimentos e executores de tarefas. A formação continuada deve considerá-los seres pensantes, capazes de refletir, de construir e propor novas concepções e práticas de sua própria formação continuada que enriqueça seu pensar e seu fazer pedagógico.

Essa formação pode se dar por meio de oficinas, congressos, palestras e seminários, além de cursos de curta ou longa duração, nos quais estão abarcados os chamados cursos de capacitação. O termo “capacitar”, segundo Altfelder (2005), pode ser coerente com a ideia de formação continuada se tomado no sentido de tornar capaz, habilitar, entendendo que para exercer a função de educar, a pessoa necessita adquirir condições de desempenho próprias à profissão, ou seja, se tornar capaz.

Diante das diferentes possibilidades de atuação e formação do educador social, torna-se difícil a tarefa de elucidar uma única definição. Oña (2005, p.2) conceitua desta forma:

O educador social facilita o bem estar do sujeito, entendendo este bem estar como satisfazer suas necessidades sociais e educativas básicas e ter a possibilidade de desenvolver suas próprias capacidades pessoais, participando crítica e ativamente na sociedade em que vive. O educador social é o mediador entre o educando, a sociedade e a cultura.

Indo ao encontro da ideia de que a principal função do educador social é “mediar”, Graciani (2005, p.208) propõe a Pedagogia Social da Rua e define o educador social como:

[...] um mediador do diálogo do educando com o conhecimento. Assumindo a intervenção, a diretividade do processo, revê a diferença entre o seu saber e o saber do educando e compromete-se com a assimetria inicial, caminhando na direção de diminuir gradativamente essa diferença. Ter intencionalidade, dirigir, é ter uma proposta clara do trabalho pedagógico, é propor e não impor, é desafiar o educando para aprender a pensar, elaborar e criar conhecimentos.

Portanto, a atuação do educador social é ampla e complexa, devendo contribuir para o acesso ao conhecimento e à cultura, na promoção da autonomia e do protagonismo e para a formação humana de maneira mais ampla, estando sempre amparada à uma prática educativa que possibilite esta aprendizagem.

Seguindo a proposta de Freire (1983), haveria três fases distintas na construção do trabalho do educador social: a elaboração do diagnóstico do problema e suas necessidades, a elaboração preliminar da proposta de trabalho propriamente dita e o desenvolvimento e complementação do processo de participação de um grupo ou toda a comunidade de um dado território, na implementação da proposta.

Diante dos diferentes conceitos apresentados, o educador social parece agir numa perspectiva de mão dupla, ele aprende e ensina, sendo o diálogo o principal meio de comunicação. A sensibilidade para compreender questões de diferentes contextos sociais parece imprescindível, especialmente porque este profissional é responsável por criar espaços de cidadania e desenhar cenários e representações sobre o futuro das crianças, jovens, e todos os envolvidos.

No entanto, parece haver uma lacuna na construção da identidade desse profissional da educação, já que são encontrados obstáculos como falta de representatividade de classes, falta de definição nas leis trabalhistas e também ausência de referência para a formação desses profissionais (NATALI e PAULA, 2008).

O educador social pode ter diferentes tipos de formações profissionais dentro de uma entidade, tais como Serviço Social, Psicologia, Pedagogia, Educação Física etc. Quando estes educadores vão buscar um aperfeiçoamento – capacitação - formação continuada, a tendência é que eles sigam na linha de estudos da sua área de formação ou áreas correlatas, e desviem da própria área da Assistência Social e das práticas socioeducativas. Isso ocorre porque, segundo Silva (2009) não há uma metodologia específica para o desenvolvimento do trabalho socioeducativo, o que obriga os profissionais a se respaldarem nos conhecimentos adquiridos nas suas formações

universitárias, utilizando-se de metodologias de trabalho já prontas, que não são adequadas para uma prática que requer construção.

Este autor defende que a identidade do educador social encontra-se ainda em construção, e designa um importante papel da universidade para ser um “campo de reflexão, discussão, acolhimento e construção de saberes específicos e facilitadores de ressignificação do trabalho desenvolvido” (SILVA, 2009, p. 479).

Dessa maneira, nota-se que o educador social ainda não tem sua identidade legitimada e por isso existem grandes lacunas quanto à sua formação e atuação. Uma das colaborações desta pesquisa é justamente a reflexão sobre o papel deste profissional, bem como do profissional de Educação Física e do Esporte, e o empoderamento dessas categorias profissionais no TS.

1.2.3. O profissional de Educação Física e Esporte nas organizações não governamentais

As organizações não governamentais fazem parte hoje, de uma gama de possibilidades de atuação do profissional da Educação Física, juntamente com as escolas, clubes, empresas, academias, clínicas de saúde, entre outros. Sabemos que a atuação dos profissionais nesse segmento tem aumentado consideravelmente ao longo do tempo, acompanhando o aumento do número de entidades sociais e de oferta de programas que envolvem o esporte e as atividades físicas. Entretanto, vale a pena refletir se a formação universitária desses profissionais tem se voltado para este segmento.

Com relação à regulamentação da Educação Física, quando os modelos formativos foram regulamentados pela Lei 9696/98¹, a profissão foi basicamente fragmentada em dois campos: a Licenciatura - com foco na educação básica (ensino formal); e o Bacharelado - voltado a todas as demais áreas (inclusive ensino não formal), exceto a educação básica. Com foco na educação não formal, o bacharelado assume, então, o papel de formar profissionais com um olhar mais especializado para clubes, acadêmicas, condomínios, atividades de lazer etc. Porém, é neste contexto que o TS permanece esquecido como campo de atuação no ensino não formal.

¹A promulgação desta lei também instituiu a criação dos respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física em 1998.

Especificamente sobre a possibilidade de atuação no ensino não formal estar voltada para a ação no TS, Bendrath (2010, p.296) faz algumas considerações:

[...]considerando as ações do terceiro setor (ONGs) e organismos internacionais como complementos às propostas do Estado em áreas como educação e saúde, qual o mais adequado modelo de formação profissional em Educação Física para atuar nessa área? Se levarmos em conta que o título de licenciado a partir da resolução CNE/CES 7/2004 habilita única e exclusivamente tal profissional a atuar na educação básica, baseando sua atuação docente nas concepções definidas nos PCNs, qual profissional estaria habilitado a trabalhar em programas e projetos baseados na Educação Não-Formal [...] que a partir de um prisma socioeducacional, trabalha o esporte, o lazer e a cultura como elementos essenciais da condição humana?

Indo ao encontro dos questionamentos deste autor, Natali e Paula (2008) trouxeram depoimentos de profissionais formados na Licenciatura em Educação Física, que apontam o foco de sua formação voltado ao esporte e desenvolvimento motor, e que desta maneira, são insuficientes para a atuação como educadores sociais. Por outro lado, embora saibamos que o profissional da Educação Física se encontra inserido e atuante nas organizações não governamentais, é importante perceber que as próprias leis que regulam a Assistência Social² deixam uma lacuna nesse sentido.

A Resolução nº 17, de 20 de Junho de 2011, foi editada pelo Conselho Nacional de Assistência Social a fim de prever as categorias profissionais de nível superior que atenderiam as especificidades dos serviços socioassistenciais e da gestão do SUAS (Sistema Único de Assistência Social). Com base nesta resolução, disponível no *site* do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS, 2018), as profissões previstas para atender os serviços socioassistenciais são:

- Antropólogo;
- Economista Doméstico;
- Pedagogo;
- Sociólogo;
- Terapeuta Ocupacional;
- Musicoterapeuta.

Para compor as equipes de gestão do SUAS, ainda segundo esta mesma resolução, são essas as categorias profissionais previstas:

²No Brasil, as ONGs são consideradas serviços socioassistenciais e portanto, pertencem e seguem as leis da Assistência Social.

- Assistente Social;
- Psicólogo;
- Advogado;
- Administrador;
- Antropólogo;
- Contador;
- Economista;
- Economista Doméstico;
- Pedagogo;
- Sociólogo;
- Terapeuta Ocupacional.

Assumpção e Toledo (2018) fizeram uma breve análise da resolução citada acima e destacaram que embora a participação de profissionais de Educação Física nesse contexto tenha aumentado significativamente mediante publicações da área, ofertas de emprego e volume de projetos sociais esportivos, a legitimação desta categoria profissional parece ainda estar em processo.

Fazendo um paralelo com a área da saúde, muitos foram os esforços para legitimar o profissional de Educação Física no Sistema Único de Saúde (SUS), que ainda em 2004 não eram mencionados nas resoluções referentes às suas áreas de atuação (BRASIL, 2002). Atualmente, já houve grandes avanços na inserção do profissional da Educação Física na atenção básica à saúde, principalmente por meio da Política Nacional de Atenção Básica (PNAB) que menciona o educador físico como profissional com papel importante para integrar as equipes de atendimento nas suas versões mais recentes (BRASIL, 2012; BRASIL, 2015).

Ainda sobre a distância entre a Educação Física e o campo da Assistência Social, em um relatório (ANEXO A) disponibilizado pela Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento social (SMADS) ³que contempla informações de Recursos Humanos (número de colaboradores em cada uma das ONGs conveniadas à Prefeitura, nível de escolaridade, área de formação e outros indicadores) das ONGs conveniadas à Prefeitura

³Este relatório foi enviado por um funcionário da SMADS chamado César Augusto Cardoso de Lucca no dia 12 de Dezembro de 2017.

de São Paulo podemos destacar as seguintes áreas de formação contidas neste documento:

QUADRO 5. Áreas de formação dos colaboradores das ONGs conveniadas à prefeitura de São Paulo, segundo documento da SMADS

ÁREA DE ATUAÇÃO	QUANTIDADE	PORCENTAGEM (%)
Serviço Social	1585	26,7
Psicologia	1070	18
Pedagogia	1533	25,8
Sociologia	88	1,48
Antropologia	10	0,17
Terapia Ocupacional	102	1,71
Musicoterapia	67	1,12
Direito	129	2,17
Economia	29	0,48
Economia Doméstica	8	0,13
Outra	1320	22,2
Total	5941	100

Fonte: Autoria própria

Assim, nota-se a partir dos dados acima, que a categoria profissional da Educação Física e do Esporte não está prevista para atender e compor as equipes dos serviços socioassistenciais, embora – como comentado acima – este seja um profissional muito presente na realidade desses serviços. Por outro lado, cabe-nos concluir que os profissionais de Educação Física podem estar contidos na tipificação “Outra” descrita na tabela acima e, desse modo, possivelmente não sejam valorizados e tidos como essenciais para a Assistência Social nesse sentido. Embora o profissional de Educação Física não esteja de fato e em vias oficiais inserido neste contexto, é inevitável a percepção de que os projetos esportivos dentro das entidades sociais têm crescido sobremaneira, a ser mostrado e discutido no próximo capítulo.

2. AS PRÁTICAS ESPORTIVAS E A GINÁSTICA PARA TODOS NO TERCEIRO SETOR

A educação não-formal pode ser uma ferramenta importante de combate à vulnerabilidade social, considerando o benefício que o esporte, juntamente com outras atividades (literatura, música etc), pode trazer para este público. Neste capítulo, será abordada a importância do esporte nas ONGs, bem como alguns exemplos de projetos esportivos sociais bem sucedidos. Além disso, vai refletir sobre a presença de modalidades gímnicas e especificamente sobre uma prática – a Ginástica para Todos – nesse cenário.

2.1. As práticas esportivas nas organizações não governamentais

O número dos projetos sociais esportivos aumentou significativamente em todo o país nos últimos tempos, tanto promovidos por órgãos públicos, como por instituições privadas e organizações não-governamentais (ONGs) (MELO, 2004; BARBIRATO, 2005). Como reflexo desse crescimento, aumenta também a crença no potencial do esporte como meio de educação, cultura e desenvolvimento humano. Um exemplo disso é a construção de um relatório pela ONU (Organização das Nações Unidas) em 2003, que “demonstra porque o esporte deve ocupar um papel mais significativo na agenda do desenvolvimento” e além disso, inclui “recomendações que visam a maximização do uso do esporte e sua utilização de maneira sistemática” (ONU, 2003, p.5). Neste documento:

O esporte é muito mais do que um luxo ou uma forma de entretenimento. O acesso ao esporte e a prática do esporte constituem um direito humano e essencial para que indivíduos de todas as idades conduzam uma vida saudável e plena. O esporte – desde a brincadeira e a atividade física até o esporte competitivo organizado - tem um papel importante em todas as sociedades. O esporte é fundamental para o desenvolvimento de uma criança. Ensina valores fundamentais, tais como a cooperação e o respeito. Traz melhorias para a saúde e reduz a probabilidade de doenças. É uma força econômica significativa que gera emprego e que contribui para o desenvolvimento local. Além disso, reúne indivíduos e comunidades, servindo de ponte entre as diferenças culturais e étnicas. (ONU, 2003, p.6).

Recentemente, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) publicou o Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano no Brasil com o tema: “Movimento é vida: atividades físicas e esportivas para todas as pessoas”, reforçando que:

O valor intrínseco da prática de atividades físicas e esportivas (AFEs) bem como a relação positiva entre as mesmas e a saúde, sociabilidade, a cognição, a produtividade e a qualidade de vida como um todo já estão estabelecidas. Ainda assim, a maioria das pessoas não se envolve com essas práticas. Esse relatório pressupõe que as AFEs têm o potencial de enriquecer a vida e ampliar a liberdade de escolha de cada uma e cada um. Portanto, advoga fortemente que os governos adotem políticas públicas condizentes com a importância das AFEs para o desenvolvimento humano, bem como prescreve que o setor privado e as organizações da sociedade civil promovam iniciativas no mesmo sentido. (PNUD, 2017, p.1).

A mudança no conteúdo do termo utilizado pelo PNUD, bem como os trechos citados acima, deixam explícita a visão da ONU voltada à saúde e aos valores humanos a serem desenvolvidos nas diversas possibilidades do esporte e atividade física, como recreação e lazer, como esporte competitivo e etc., e além disso, incentivam às iniciativas advindas das organizações não governamentais.

Já existem muitas outras iniciativas que enaltecem as características do esporte voltadas à construção do indivíduo e que passam a ganhar visibilidade perante a sociedade e principalmente, nos projetos sociais desenvolvidos no TS. Nas organizações não governamentais essa premissa também é incorporada, tanto nas entidades que tem o esporte como uma das possibilidades de atividades a serem desenvolvidas, quanto naquelas que o tem como o grande “carro-chefe” mediando as transformações sociais.

No *primeiro caso*, o esporte e atividade física são possibilidades dentro dos programas desenvolvidos pelas ONGs, dependendo dos objetivos, do público alvo, da estrutura física, dentre outros. Mesmo não sendo o “protagonista”, o esporte está muito presente e é parte fundamental dentro desses programas, como na ONG Casa do Zezinho. Dos 7 chamados “Projetos Transformadores” citados no *site* da entidade, um deles envolve a atividade física e o esporte e recebe o nome de “Movimento Zezinho”, projeto este mais voltado à promoção da saúde (CASA DO ZEZINHO, 2018).

Já no *segundo caso* – das ONGs que tem o esporte como principal missão institucional - é comum a atuação, como inspirador e/ou fundador, de diversos atletas e ex-atletas bem-sucedidos nesses projetos esportivos voltados à transformação da realidade de crianças e jovens “carentes”. Alguns exemplos desse cenário estão no quadro abaixo, a partir das informações obtidas nos respectivos *sites* das instituições:

QUADRO 6. Exemplos de ONGs esportivas no Brasil

INSTITUIÇÕES	ANO DE ATUAÇÃO	FUNDADOR ATLETA	PRINCIPAL ESPORTE	CIDADE SEDE
Fundação Gol de Letra	1998	Raí e Leonardo (ex-atletas de futebol)	Não especificado	Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP)
Instituto Ayrton Senna	1994	Ayrton Senna (inspirador)	Não especificado	São Paulo (SP)
Instituto Bola Pra Frente	2000	Jorginho (ex-atleta de futebol)	Futebol	Deodoro (RJ)
Instituto Compartilhar	2003	Bernardinho (ex-técnico de voleibol)	Vôlei	Curitiba (PR)
Instituto Esporte Educação	2001	Ana Moser	Não especificado	São Paulo (SP)
Instituto Guga Kuerten	2000	Gustavo Kuerten (ex-atleta de tênis)	Tênis	Florianópolis (SC)
Instituto Janeth Arcain	2002	Janeth Arcain (ex-atleta de basquetebol)	Basquete	Santo André (SP)
Instituto Neymar	2014	Neymar (atleta de futebol)	Futebol	Praia Grande (SP)
Instituto Reação	2003	Flávio Canto (ex-atleta de judô)	Judô	São Conrado (RJ)

Fonte: Autoria própria

Parece que a maioria dessas ONGs atua diretamente com o atendimento de crianças e jovens e dissemina preferencialmente ou preponderantemente os esportes de seus “atletas fundadores ou apoiadores”, e de forma empírica, encontra-se com frequência os esportes mais conhecidos (com destaque para os coletivos com bola) como “conteúdos”. Nesse panorama, podemos observar o quanto é forte a prerrogativa de ex-atletas fundarem suas próprias organizações, principalmente no Brasil, e a visibilidade que os mesmos podem alcançar por meio de sua fama, bem como parcerias e apoiadores de maior significância. Por conseguinte, dificilmente encontra-se estes tipos de organizações desenvolvendo esportes menos conhecidos, quiçá práticas corporais que não possuam fins competitivos ou que não estejam presentes na “mídia”.

Na maioria das ONGs citadas acima o esporte é evidenciado como meio de transformação social e desenvolvimento humano na sua missão como instituição. Algumas dessas instituições evidenciam como o esporte pode colaborar com a formação e o desenvolvimento humano em suas propostas e objetivos, de forma pública em seus respectivos *sites*, dado que muitas delas não tornam público seus estatutos (nos quais encontraríamos a missão e os objetivos institucionais). Para além disso, estas instituições apresentam também suas respectivas concepções de esporte e como entendem que o mesmo pode colaborar para a transformação social.

A Fundação Gol de Letra por exemplo:

[...] entende a prática esportiva como elemento essencial para o desenvolvimento integral do indivíduo, pois: promove a inclusão e a interação social; estimula a autonomia, o florescimento de novas amizades, a ocupação de espaços; ensina valores e respeito à diversidade; propicia a convivência democrática e o acolhimento de interesses individuais e coletivos; além, é claro, dos inúmeros benefícios à saúde. São por essas razões que acreditamos no esporte como fator importante de transformação social! (FUNDAÇÃO GOL DE LETRA, 2017).

Já o Instituto Janeth Arcain, que tem como objetivo:

[...] democratizar o acesso ao esporte de qualidade, preconizando a prática esportiva baseada nos bons valores, de forma a promover o basquetebol como fator de desenvolvimento humano e utilizando-o como ferramenta transformadora e exercício da cidadania. (INSTITUTO JANETH, 2017).

Outro exemplo de missão institucional do Instituto Reação: “Promover o desenvolvimento humano através do esporte e da educação e transformar o conceito de responsabilidade social em ação na vida do maior número de pessoas, integrando diferentes classes sociais pelo esporte” (INSTITUTO REAÇÃO, 2018).

Na literatura podemos encontrar indícios de que o esporte nos projetos sociais é concebido como um meio para se obter soluções para lacunas sociais que afetam a sociedade e, principalmente, crianças e jovens. Neto, Dantas e Maia (2015) investigaram os benefícios de projetos sociais esportivos em crianças e adolescentes e destacaram a inclusão social como principal ganho para este público. Nesse contexto, com o aumento da taxa de densidade demográfica e de moradias populares; e com a diminuição do acesso a espaços educacionais, culturais e sociais, o esporte passa a ser incorporado na missão de “tirar as crianças da rua”.

Embora o esporte tenha alcançado considerável valor a partir dessa missão à ele atribuída, é necessário salientar que ele, por si só, não é capaz de solucionar todos os problemas sociais existentes; ademais, o esporte pode ir além dessa perspectiva, colaborando para a formação humana de maneira mais ampla, oferecendo aos atendidos meios de ampliação de suas oportunidades e, conseqüentemente, contribuindo para que o vivido se traduza em reais possibilidades de melhoria das condições de vida (HIRAMA e MONTAGNER, 2012). O esporte não pode ser responsabilizado por uma obrigação que seria do poder público – a de ofertar às crianças possibilidades de convivência como o esporte e a educação – e desse modo “tirar as crianças da rua”. Ademais, esta expressão é bastante criticada no campo do Lazer, uma vez que dá a entender que as crianças NÃO

devem ficar ou estar na “rua”, ou que a rua não oferta nada de bom.

Dentro das organizações que tem o esporte como carro-chefe, ele é comumente tratado como “ferramenta”, ou seja, como “meio” para se educar. Por exemplo, a missão do Instituto Bola Pra Frente, segundo seu *site* é “Educar crianças, adolescentes, jovens e suas famílias para o protagonismo social, utilizando o esporte como principal ferramenta impulsionadora da construção de valores em prol da promoção social” (BOLA PRA FRENTE, 2017). Aqui vale refletir se o esporte realmente é um “meio” ou “transporte”, que a partir da prática vai encaminhar ou se traduzir no desenvolvimento da educação, ou se por si só, diante de suas características e enquanto fenômeno social, o esporte já é uma ação educacional e portanto, o próprio “fim”. Concordando com Freire (2015, p.13) e suas indagações na obra de Hirama e Montagner (2015):

O esporte não é só veículo educacional, é também fim; a prática do esporte, por si só, já é um ato educativo, o que não significa que essa prática, necessariamente, encaminhe para uma educação ética, para uma educação cidadã. [...] Por qual razão não educar tendo por ambiente o esporte? Tendo por fim e por meio essa prática tão encantadora, tão mágica, tão aglutinadora que é o esporte? Afinal, toda educação é para a vida. Educamo-nos para aprender a viver, pois nascer nada garante quanto a esse que é o maior dos nossos compromissos: viver.

As ONGs que utilizam o esporte como carro-chefe apresentam projetos com formas diferenciadas de atuar e promover o esporte: projetos que trabalham com formação continuada de professores, projetos que são voltados a um público específico (crianças e jovens de escolas públicas, deficientes, em vulnerabilidade social etc), projetos itinerantes que visam ter maior alcance em todo o Brasil no sentido de democratizar o esporte e também aqueles que dão apoio financeiro e técnico a outras organizações.

Nos dois tipos de ONGs apresentados acima - as esportivas e as não esportivas – parecem ser evidenciadas as modalidades esportivas coletivas e individuais mais conhecidas e praticadas e, por conseguinte, outras modalidades parecem ter pouco espaço nesse contexto, como é o caso da Ginástica. Embora seja uma modalidade que ganhou visibilidade na mídia devido às conquistas de atletas de alto rendimento nos últimos tempos (especialmente na ginástica artística), sua prática ainda é pouco presente nas ONGs. Já as práticas gímnicas não competitivas, como a Ginástica para Todos, têm ainda menos espaço e parecem ser desconhecidas neste setor, tema este a ser abordado no próximo item.

2.2. A Ginástica para Todos nas organizações não governamentais

A Ginástica é compreendida em diferentes abordagens: como uma área de Pesquisa (CNPq, 2017), como manifestação da cultura corporal (SOARES et al, 2014); como conteúdo da Educação Física Escolar (como veremos adiante); como esporte (FIG, 2018), dentre outras. Possui um universo distinto e diverso, e segundo Souza (1997), pode ser dividido em diferentes campos de atuação:

- Ginásticas de Condicionamento Físico: englobam todas as modalidades que tem por objetivo a aquisição ou a manutenção da condição física do indivíduo normal e/ou do atleta (localizada, aeróbica, musculação, step etc.);
- Ginásticas de Competição: reúnem todas as modalidades competitivas (artística, rítmica, acrobática, trampolim acrobática etc.);
- Ginásticas Fisioterápicas: responsáveis pela utilização do exercício físico na prevenção ou tratamento de doenças (Reeducação Postural Global, Cinesioterapia, Isostreching etc.);
- Ginásticas de Conscientização Corporal: reúnem as Novas Propostas de Abordagem do Corpo, também conhecidas por Técnicas Alternativas ou Ginásticas Suaves (SOUZA, 1992);
- Ginásticas de Demonstração: é representante deste grupo a Ginástica Geral - que a partir de 2007, passou a ser chamada de Ginástica para Todos pela Federação Internacional de Ginástica (FIG) - cuja principal característica é ser prioritariamente não competitiva, tendo como objetivo principal a interação social entre os participantes.

Neste tópico abordaremos especificamente a Ginástica para Todos, foco deste trabalho.

2.2.1. Aspectos históricos da Ginástica para Todos

A Ginástica Geral, posteriormente denominada Ginástica para Todos (GPT)⁴, passou a ser mais difundida a partir do reconhecimento da Federação Internacional de Ginástica (FIG), a entidade de maior influência na área a nível mundial. O termo Ginástica Geral foi utilizado em um primeiro momento para designar a prática da

⁴ Neste trabalho serão utilizados ambos os termos, – Ginástica Geral, quando as referências utilizadas fizerem uso deste termo, respeitando-se a historicidade das produções; e Ginástica para Todos, também quando as produções utilizarem este termo, que é o mais atual. No corpo do texto, o termo escolhido pela autora foi Ginástica para Todos, dando preferência ao mais contemporâneo.

ginástica em um aspecto mais amplo, no sentido de abranger elementos de todas as modalidades gímnicas reconhecidas pela FIG (Ginástica Artística, Ginástica Rítmica, Ginástica Acrobática, Ginástica Aeróbica e de Trampolim), porém, desvinculando-a do princípio da competitividade. Segundo Ayoub (2003, p.41): “O termo Ginástica Geral passa, então, a ser utilizado para marcar a diferença entre a ginástica ‘em geral’, ‘em suas bases’, não competitiva, e a ginástica competitiva, esportivizada.”

Na década de 80, num congresso da FIG, surge oficialmente o Comitê Técnico de Ginástica Geral e a partir daí, inicia-se uma ampliação das possibilidades e da promoção da GPT nas diversas Federações e Confederações vinculadas à FIG, incluindo a Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) na década de 80 (AYOUB, 2003). A Ginástica para Todos promove a vivência de diferentes modalidades gímnicas possibilitando vínculos com outros tipos de expressão corporal e artística, e perpassando por princípios de coletividade, inclusão, afetividade e sociabilização. Nesse sentido, Pérez Gallardo e Souza (1995, p.292) definem a GPT:

[...] uma manifestação da cultura corporal, que reúne as diferentes interpretações da Ginástica (Natural, Construída, Artística, Rítmica Desportiva, Aeróbica, etc.) integrando-as com outras formas de expressão corporal (Dança, Folclore, Jogos, Teatro, Mímica, et c.), de forma livre e criativa, de acordo com as características do grupo social e contribuindo para o aumento da interação social entre os participantes.

Num contexto de prática da ginástica, em que esta vivência pode se apresentar, por muitas vezes, seletiva e excludente, a GPT surge como uma possibilidade de prática gímnic que respeita a individualidade de cada sujeito, que promove a participação irrestrita de pessoas, independentemente da idade e habilidades técnicas.

A GG foi inúmeras vezes apontada [...] como uma *ginástica para todos*, acessível a todas as pessoas, aberta para a participação; como uma *ginástica de grupo*, com grupo; como uma *ginástica simples*, sem restrições e regras e que, portanto, cria espaço para a *diversidade* e para a *criatividade*; e, em especial, como uma *ginástica do prazer*, da felicidade e do divertimento. (AYOUB, 2003, p. 48).

Apesar da inclusão e do aspecto demonstrativo serem características marcantes da GPT, a própria FIG a definiu em 1993 como uma atividade que poderia ser competitiva ou não:

[...] compreende a esfera da ginástica orientada para o lazer e engloba programas de atividades no campo da ginástica (com ou sem aparelhos), dança e jogos, conforme as preferências nacionais e culturais. Eventos e competições

também podem fazer parte da GG...ela é em primeiro lugar uma atividade dentro de um contexto de entusiasmo e de jogo, e a participação é, sobretudo, determinada pelo prazer de praticar. (FIG, 1993 apud AYOUB, 2003, p.46-47).

Segundo o manual atual, a FIG define:

A Ginástica para Todos oferece uma variedade de atividades adequadas a todos os gêneros, faixas etárias, habilidades e origens culturais. As atividades de Ginástica para Todos contribuem para a saúde pessoal e bem estar - físico, social, intelectual e psicológico. (FIG, 2018, p.5) (Tradução nossa).

A FIG baseia-se numa “filosofia” chamada 4F: *Fun, Fitness, Fundamentals e Friendship* (diversão, atividade física, fundamentos e amizade) (FIG, 2018). Mesmo não evidenciando o aspecto competitivo, como feito em 1993, o Manual de Ginástica para Todos da FIG (atual) aponta a possibilidade de se vivenciar a prática gímnica em eventos competitivos reconhecidos pela mesma. Já para outros autores, a GPT deve ser essencialmente de caráter não competitivo:

A GG é um campo bastante abrangente da Ginástica, valendo-se de vários tipos de manifestações, tais como, danças, expressões folclóricas e jogos, apresentados através de atividades livres e criativas, sempre fundamentadas em atividades ginásticas. Objetiva promover o lazer saudável, proporcionando bem estar físico, psíquico e social aos participantes, favorecendo a performance coletiva, respeitando as individualidades, em busca da auto superação individual, sem qualquer tipo de limitação para a sua prática, seja quanto às possibilidades de execução, sexo ou idade, ou ainda quanto à utilização de elementos materiais, musicais e coreográficos, havendo a preocupação de apresentar neste contexto aspectos da cultural nacional, sempre sem fins competitivos. (SANTOS; SANTOS, 1999, p.23).

A GPT recebe diferentes conceituações e definições, especialmente por conta de sua natureza considerada “livre” (TOLEDO, TSUKAMOTO e GOUVEIA, 2016). Por mais difícil que seja conceituá-la, entende-se que sua identidade se encontra justamente na diversidade, como afirmam Toledo e Schiavon (2008): “é sua diversidade que lhe dá beleza, unicidade e identidade”. Nesse sentido, talvez não seja necessário e/ou desejável uma definição consensual.

Sua diversidade se aplica também quando se pensa nos diferentes contextos em que esta pode ser desenvolvida, considerando as características singulares que cada contexto apresenta, bem como suas diferenças culturais e sociais envolvidas. No item à seguir, serão destacados diferentes contextos em que a GPT pode ser desenvolvida, e ainda, exemplos concretos de seu desenvolvimento.

2.2.2. A Ginástica para Todos em diferentes contextos

A Ginástica apresenta áreas e tipologias distintas, e conforme indicam algumas produções (SCHIAVON e NISTA-PICCOLO, 2007; MARCELINO, 2008; TSUKAMOTO e NUNOMURA, 2005) e congressos específicos da área, como o Fórum Internacional de Ginástica para Todos (FIGPT, 2017) e o Seminário Internacional de Ginástica Artística e Rítmica de Competição (SIGARC, 2015), parece estar disseminadas em diferentes setores sociais e ramos do mercado de trabalho. Nas escolas (SOARES et al, 2014; FREIRE E SCAGLIA; 2010; DARIDO E SOUZA JÚNIOR, 2010; NISTA-PICCOLO E MOREIRA, 2012), nas academias de ginástica como condicionamento físico e *fitness* (TOLEDO, 2010), nos clubes, condomínios, programas públicos, hotéis, cruzeiros etc.

A GPT, na sua mais livre conceituação e manifestação, também tem sido desenvolvida em diferentes contextos. Nas escolas, por exemplo, a GPT já possui maior disseminação e se mostra cada vez mais evidente nos currículos e documentos oficiais (BNCC) (BRASIL, 2017). Ayoub (2003) aponta que:

Aprender ginástica geral na escola significa, portanto, estudar, vivenciar, conhecer, compreender, perceber, confrontar, interpretar, problematizar, compartilhar, aprender as inúmeras interpretações da ginástica para, com base nesse aprendizado, buscar novos significados e criar novas possibilidades de expressão gímnica. [...] Considerando, ainda, as características fundamentais da GG, podemos afirmar que a ginástica geral traz consigo a possibilidade de realizarmos uma reconstrução da ginástica na educação física escolar numa perspectiva de “confronto” e síntese e, também, numa perspectiva lúdica, criativa e participativa. (AYOUB, 2003. p.86).

Nos anais do Fórum Internacional de GPT (FIGPT) – principal evento científico de GPT do Brasil - podemos encontrar inúmeras publicações acerca dessa temática (KOREN E NISTA-PICCOLO, 2001; MARTINELLI, 2003; CESÁRIO E PEREIRA, 2007; NOGUEIRA, 2012; LIMA et al, 2016) que em sua maioria, são relatos de experiências em escolas públicas e privadas que renderam frutos em diferentes lugares do Brasil.

Hoje, a GPT também se faz muito presente no contexto universitário, como disciplina inserida nos currículos acadêmicos, como possibilidade de projetos de extensão com abertura para o público de comunidades próximas e como espaço de prática dos próprios universitários. Nos últimos 10 anos, alguns autores que atuam nesse contexto têm publicado sobre o ensino da GPT nas universidades, como Marco Bortoleto, Eliana

de Toledo, Elizabeth Paoliello, Ieda Barbosa-Rinaldi, Michele Carbinatto, Michelle de Oliveira, entre outros.

Inserida na extensão universitária e voltada para atender o público, a contribuição da GPT para formação dos graduandos e desenvolvimento dos praticantes é evidenciada em exemplos como “GPT na Infância”, que começou a ser desenvolvido em 2014 na Universidade Estadual de Goiás, atendendo crianças de 8 a 14 anos da comunidade local. Os universitários atuantes neste projeto apontam sua importância:

A experiência obtida com as vivências e estudos no projeto “GPT na Infância” foi altamente enriquecedora para as professoras, acadêmicos e alunos da comunidade envolvidos. O processo de elaboração das aulas, dentro de uma proposta maior, considerando a ginástica em seus vários aspectos, proporcionou elos com a dança, oportunizando que os acadêmicos tivessem de construir uma coreografia e levá-la, juntamente com os alunos do projeto, para eventos que têm tomado proporções cada vez maiores no cenário goiano, propiciando aos envolvidos um amadurecimento pedagógico e reflexões mais abrangentes a respeito da modalidade. (DE LELES et al, 2016, p. 41).

Ainda na extensão universitária, porém, voltada para a prática dos próprios universitários, existem diversos grupos de GPT em universidades públicas e privadas espalhados pelo Brasil. Alguns deles: Grupo Ginástico Unicamp (FEF-UNICAMP); LAPEGI Unicamp (FCA-UNICAMP); GYMNUSP (EEFE-USP); Gymnarteiros (UFC); Grupo de Ginástica de Diamantina (UFVJM); Cignus (UEG); Cia Gímnica (UEM); Grupo Ginástica LABGIN (UFES); Grupo Ápeiron (PUC-Campinas), entre outros que já deixaram de existir como o da METROCAMP, FEFISA, USJT, MACKENZIE, UNIFIEO.⁵

O Grupo Ginástico Unicamp (FEF-UNICAMP) é um dos grupos mais antigos e tradicionais de GPT do Brasil, fazendo neste ano 29 anos de existência e segue com o objetivo de pesquisar e socializar a prática da Ginástica para Todos (PAOLIELLO et al, 2014). Os autores retratam a interação humana como eixo da proposta do grupo: “[...] sua prática deve potencializar as interações entre as pessoas dentro de um grupo nas quais os princípios relacionados à formação humana e à capacitação podem ser trabalhados.” (PAOLIELLO et al, 2014. p. 42).

⁵ Com a rotatividade de professores nas universidades particulares, nem sempre este trabalho de grupos universitários tem continuidade. Além disso, alguns grupos como por exemplo o da FEFISA - faculdade esta que já não existe mais - tomam autonomia ao longo do tempo e se desvinculam da universidade. Há dois anos, ex-integrantes deste grupo, juntamente com outros agregados, formaram o Grupo de Ginástica Abaré, grupo este autônomo e sem qualquer vínculo com alguma instituição.

A GPT se mostra presente nas escolas e universidades, como mostram os relatos mencionados acima, o que não parece acontecer quando falamos em clubes. Sabemos que esta prática existe e em alguns casos, se faz presente inserida em outros projetos paralelos, porém, as publicações acerca deste tema são escassas. Pelo descritivo dos festivais do Fórum Internacional de Ginástica para Todos, é perceptível que há um trabalho de GPT em alguns clubes que participam deste evento por exemplo, mas por muitas vezes não se definem como turmas específicas de GPT. Em sua maioria, a prática está inserida dentro de outras modalidades gímnicas como a GA e a GR, especialmente porque são modalidades historicamente muito fortes dentro dos clubes. Em um dos poucos estudos publicados acerca deste tema, a autora afirma que a partir de “sua proposta de integração, socialização, criatividade, aplicação e desenvolvimento de conteúdos gímnicos e artísticos [...] a GG tem seu “sucesso garantido no ambiente clubístico” (TOLEDO, 2001). A referida autora ressalta também que outras modalidades gímnicas competitivas podem facilitar o processo de inclusão da GPT nos clubes, justamente porque atende o perfil daqueles que não querem competir e sim, fazer ginástica, além dos ex-atletas de alto rendimento que deixaram de competir mas desejam continuar praticando.

Vale salientar, que mesmo a GPT sendo praticada em diferentes contextos, há um grande desequilíbrio em seu desenvolvimento nas diferentes regiões do país, estando mais presente nas regiões Sul e Sudeste, como é o caso de outras ginásticas também. Carbinatto, Toledo e Massaro (2016) alegam que a dificuldade na difusão das modalidades gímnicas tem relação com questões políticas, socioeconômicas, entre outras.

Outro contexto em que a GPT ainda não se firmou, mas pode se enquadrar perfeitamente como possibilidade de prática gímnica, é no TS e, mais especificamente, nas ONGs. Nesse sentido, as publicações acerca desta temática também parecem ser poucas e limitadas à relatos de experiência, uma das justificativas deste trabalho.

Antes de abordar mais diretamente a GPT, consideramos necessário mostrar um panorama da Ginástica em ONGs, para posteriormente dar foco à GPT nesse contexto.

2.2.3. A Ginástica nas organizações não governamentais

A partir do capítulo anterior pudemos perceber o grande panorama de possibilidades de praticar a ginástica e de colocá-la em diferentes contextos de prática, de acordo com os objetivos institucionais. Um destes ambientes, que aos poucos vem ganhando gradativamente mais visibilidade, mas que ainda parece ser de pouca

incidência, é o TS e, mais especificamente as organizações não governamentais (ONGs) que dele fazem parte.

Embora nas últimas 3 décadas a ginástica tenha tido sua veiculação potencializada na mídia, sobretudo devido às conquistas de atletas de alto rendimento (especialmente da ginástica artística), sua prática ainda não parece presente nas ONGs, seja naquelas que tem o esporte como carro-chefe ou naquelas que o tem como uma das possibilidades. Essa ausência pode se dar por motivos como: falta de capacitação dos profissionais; falta de materiais (do próprio esporte ou para segurança); espaço físico inadequado, alto custo de materiais (de pequeno e grande porte), dentre outros. E as práticas gímnicas que não priorizam a competição, como a GPT, parecem ser desconhecidas pelos profissionais que atuam nessas organizações, muitos deles, por vezes, nem formados em Educação Física ou Ciências do Esporte. Segundo Toledo, Desiderio e Schiavon (2013, p.49):

A inserção da ginástica como prática possível e acessível às pessoas que frequentam entidades sociais, parece ocorrer ainda hoje num número bastante reduzido se comparada as outras práticas corporais (como esportes coletivos básicos, dança, capoeira etc.)

Especificamente em relação à Ginástica Artística, as autoras ainda mencionam o caso do Instituto S.O.S. Pequeninos (Campinas-SP), que, por meio de parcerias, desenvolveu cursos de formação para educadores e treinadores, vivências da modalidade para as crianças das ONGs filiadas ao S.O.S. Pequeninos, suporte ao treinamento das ginastas de alto rendimento e contato das mesmas com a comunidade. A partir desta iniciativa, as autoras destacam que:

Desta forma, o terceiro setor, composto por entidades como o Instituto S.O.S. Pequeninos, pode incluir entre suas possibilidades de ação, a do esporte de alto rendimento também, oferecendo melhores condições aos atletas que não contam com patrocínios ou grandes apoios financeiros para se desenvolverem, beneficiando talentos que não tinham a oportunidade de participar de equipes competitivas em clubes. E também estabelecendo uma relação com os projetos e entidades atendidos, assim como a “ponte” estabelecida no projeto S.O.S. Ginástica Artística, que aproximou crianças de maior vulnerabilidade social das ginastas (muitas que também vivem esta vulnerabilidade), unindo mundos até então distantes, mas que a partir da aproximação propiciada, perceberam muitas semelhanças, e o quanto se pode crescer juntos, assim como os parceiros desse projeto fizeram. (Ibidem, p. 69-70).

Ainda abordando as ginásticas competitivas, mais especificamente na Ginástica Rítmica (GR), podemos citar um projeto desenvolvido na Comunidade da Mangueira, a maior favela da cidade do Rio de Janeiro (RJ). Segundo Buarque (2005), a GR foi desenvolvida no Programa Social da Mangueira (especificamente no Projeto Olímpico),

intitulado “GRD no ritmo da Mangueira”, a partir do ano 2000, com crianças e adolescentes desta comunidade e adjacências. Para a referida autora,

Através da prática da GR, as ginastas tiveram a oportunidade de desenvolver múltiplas competências, valores e atitudes. Competências pessoais (aprendendo a ser), competências sociais (aprendendo a conviver), competências cognitivas (aprendendo e conhecendo sobre GR, corpo humano, arte, cultura, sobre as relações interpessoais e tudo mais que puderam aprender e conhecer no cotidiano da prática da GR) e competências produtivas (aprendendo a fazer). Ou seja, a prática da GR configurou-se como um instrumento de educação pelo esporte para o desenvolvimento humano e integral das meninas que a praticam (ou praticaram) no Projeto Olímpico da Mangueira. As ginastas da Mangueira com suas ações, atitudes e práticas são capazes intervir na sociedade em que vivem, modificando positivamente a realidade que as cerca. (BUARQUE, 2005, p.108).

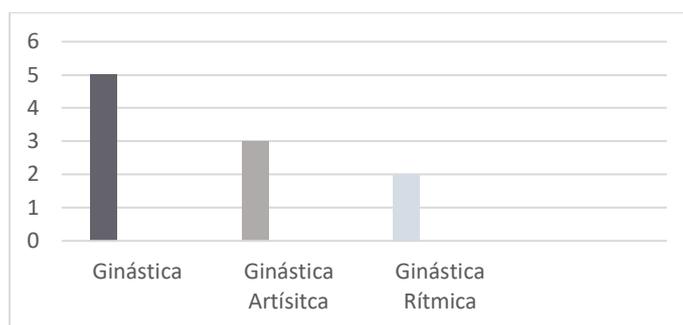
Acima foram citadas duas experiências bem-sucedidas em ONGs, que utilizaram a ginástica (competitiva) na intervenção social de crianças e adolescentes, em suas respectivas comunidades e realidades socioculturais.

Considerando que possa haver outras iniciativas desta natureza pelo país, ainda não publicadas em artigos e Congressos da área, Assumpção e Toledo (2017) realizaram uma pesquisa com o objetivo de identificar e analisar a presença da ginástica em ONGs que possuam alguma relação com o Esporte em seus estatutos. A pesquisa utilizou como amostra as ONGs filiadas à Rede Esporte Pela Mudança Social, instituição responsável por atuar na mobilização e fortalecimento de outras organizações do TS que reconheçam o esporte como fator para desenvolvimento humano (REMS, 2017).

Como método foi utilizada uma ferramenta de filtro disponível no *site* da própria REMS que oferece a busca por estados, por cidades, por tema e por tipo de atividade física. Para a referida pesquisa foi utilizado o tema *esporte* e o tipo de atividade física abordando três termos disponíveis pela ferramenta⁶: *ginástica*, *ginástica artística* e *ginástica rítmica*. Serão apresentados abaixo alguns resultados dessa pesquisa:

⁶ Esses termos/modalidades são informados pelas próprias ONGs e enviadas à REMS, isso quer dizer que cada organização define e classifica suas atividades e projetos desenvolvidos a partir dos seus referenciais e não tivemos acesso a este processo ou às concepções destes termos pelas ONGs. Além disso, ressaltamos que estes dados foram levantados no período de fevereiro de 2017 a abril de 2017, e estão sujeitos a mudanças, conforme a atualização do *site*.

GRÁFICO 1. Registros da prática gímnica em ONGs filiadas à REMS no Brasil (2017)



Fonte: Assumpção e Toledo (2017, p. 34)

Neste primeiro levantamento, as autoras identificaram que os registros das práticas gímnicas pelas ONGs filiadas à REMS no Brasil demonstram números muito baixos. Foram 5 registros na categoria **ginástica**, 3 registros na categoria **ginástica artística** e 2 registros na categoria **ginástica rítmica**, sendo que apesar de totalizar 10 registros, há uma ONG que se encontra nas três categorias. Portanto, de 86 ONGs filiadas à REMS, apenas 8 (9,3%) delas têm registradas suas atividades relacionadas à ginástica. Um segundo levantamento foi realizado referindo-se à incidência da ginástica nessas ONGs, por estados do Brasil. A partir dos dados, as autoras diagnosticaram que as regiões Nordeste e Sudeste apresentam maior incidência de registros de atividades gímnicas, tendo São Paulo e Rio de Janeiro como destaques, podendo estar relacionado à grande influência da ginástica na região Sudeste, tanto em escolas e associações, quanto em equipes de competição e clubes. E apontam que os números mostrados na pesquisa foram extremamente baixos e evidenciam o quanto a ginástica é incipiente nas ONGs associadas à REMS. Para as referidas autoras:

A ginástica, mesmo com sua diversidade de áreas, tipos e contextos de intervenção, parece estar ainda pouco presente no terceiro setor. Dessa forma, é clara a necessidade de potencializar e democratizar o ensino da ginástica no terceiro setor, por meio de diferentes iniciativas provenientes do poder público, privado, das próprias ONGs e seus parceiros institucionais (incluindo a Universidade), para alcançar, em maior escala, a transformação social e o desenvolvimento humano. (ASSUMPCÃO e TOLEDO, 2017, p.38).

O estudo citado acima não englobou especificamente a Ginástica para Todos, principalmente pela limitação da ferramenta utilizada no método, mas consideramos que é uma prática extremamente interessante e possível dentro das ONGs, relação a ser justificada no próximo capítulo.

2.2.4. Possibilidades da Ginástica para Todos nas organizações não governamentais

A partir das características e conceituações mencionadas, podemos perceber que a GPT é uma forma de praticar ginástica que se enquadra perfeitamente nos princípios e objetivos das organizações não governamentais, uma vez que possibilita a participação de todos, respeitando potencialidades e limitações individuais, promovendo de modo coletivo o aprendizado e a socialização dos conhecimentos (BARBOSA-RINALDI e PAOLIELLO, 2008). Dessa forma, pode ser trabalhada e inserida como uma ferramenta para a transformação da realidade social e construção de cidadania de jovens e crianças que participam de projetos e instituições do TS.

Nos Anais do Fórum Internacional de Ginástica para Todos - antes denominado Fórum Internacional de Ginástica Geral - evento mencionado anteriormente, podemos encontrar alguns depoimentos acerca de experiências com a GPT em organizações não governamentais (ONGs). Truzzi, Scarabotto e Rodrigues (2005) relata sua experiência nas ações de GPT junto ao programa "Ame a Vida sem Drogas", que teve como objetivo prevenir o uso de drogas nas escolas e organizações sociais. Para o autor e implementador da ação, a GPT pode ser uma possibilidade de protagonismo juvenil, principalmente por sua abordagem sociocultural, que:

[...] abre possibilidades à criatividade, estímulo à participação de qualquer indivíduo, oportunizando interação social, troca de experiência e aumento da auto-estima. Por não ter cunho competitivo e devido à ausência do foco nos rendimentos e performance física, facilita a integração nos mais diferentes aspectos, independente de raça, nível social, idade, sexo, crenças ou religiões, condição física e técnica. (TRUZZI, SCARABOTTO e RODRIGUES, 2005, p.84).

Esta experiência, além de possibilitar aos participantes conhecer pessoas e lugares novos e sociabilizar conhecimento, consolidou novas perspectivas de vida, conforme mostra o depoimento de Alex Henrique, ex-participante do projeto:

A participação que tive no projeto foi uma experiência na qual pude aprender muitas coisas, aprender a trabalhar em grupo e o mais importante respeitar as diferenças. Com o meu ingresso no projeto pude conhecer o esporte com o qual tive a oportunidade de me aperfeiçoar, a ginástica olímpica. Assim pude ser um atleta não renomado, mas tenho meu lugar na equipe da cidade de Campinas, representando algumas cidades da região em competições como jogos regionais, jogos abertos, campeonatos, brasileiros e estaduais. Já como membro ativo do projeto, pude ter experiências como apresentações em diversos locais e festivais, podendo assim conhecer, não somente outros integrantes do projeto realizado e outras entidades, mas também pessoas importantes, as quais hoje posso dizer que foram e são exemplos a serem seguidos em minha carreira profissional e pessoal. Dentro de tudo isso, não

poderia deixar de citar meu ingresso em um dos grupos mas conhecidos de GG que é o Grupo Ginástico Unicamp. Foi através do projeto que pude me conhecer e também demonstrar aos coordenadores do grupo que era um sonho estar ali do outro lado. Assisti todas aquelas coreografias com suas belezas inexplicáveis que o grupo produzia e produz. Seria possível, com um pouco de esforço e dedicação no qual hoje posso afirmar com toda a convicção tive um sonho realizado: estar lá do outro lado apresentando o que sei para pessoas que, assim como eu, admiram a GG. Hoje, o que para mim com 12 anos na época era apenas uma brincadeira, apenas um passatempo nas tardes de terças e quintas em uma quadra de esportes debaixo de sol, enfrentando preconceitos tanto dentro de casa quanto de pessoas sem conhecimentos da causa que me mantinha ali, aprendi a gostar do esporte que me foi apresentado e não tenho palavras pra agradecer o que o projeto me proporcionou e o que me fez crescer. Meu nome é Alex, tenho 23 anos e com muito orgulho digo que fiz parte do projeto AME A VIDA SEM DROGAS, e que sou grato a tudo e por tudo que aprendi. (TOLEDO, DESIDERIO e SCHIAVON, 2013, p.87).

Num âmbito geral, a GPT ainda não é difundida e implementada dentro das ONGs e projetos sociais como deveria, se considerarmos as experiências positivas citadas acima. Elizabeth Nobre, que também implementou - com sucesso - a GPT na ONG "Estrela Azul" situada em Mauá - SP, projeto este que iniciou em 2008, com crianças e jovens de 06 a 17 anos. A professora do projeto enfatiza que:

Após 29 meses de existência do nosso primeiro projeto [...] consigo perceber que meus alunos evoluem a cada dia, que os esforços para aprimorar o movimento, a dedicação do trabalho em grupo para elaborar coreografias, ou mesmo a aceitação de músicas nunca antes ouvidas, me trazem plena certeza de que a Ginástica Geral consegue envolver todos, independente de classe social. (NOBRE e MARTINS, 2010, p. 288-289).

Além disso, estas mesmas autoras ressaltam a importância de fortalecer a prática da GPT em ONGs, onde as crianças podem se sentir importantes e autoras do próprio movimento.

Os relatos acima mostram que a Ginástica para Todos pode ser uma valiosa contribuição no trabalho com crianças e jovens em instituições do TS, podendo ampliar as possibilidades e a ênfase na formação humana. Inúmeros frutos que podem ser gerados a partir da prática da GPT em diferentes contextos, especialmente nas ONGs, revelam a importância dos relatos de experiências e fontes de como vêm sendo desenvolvidos. Contudo, devemos pontuar a dificuldade de encontrar trabalhos que falem sobre a implementação e os procedimentos desses projetos, justificando assim, o sentido e a relevância dessa pesquisa para a GPT, ONGs e comunidade em geral.

3. A CONSTRUÇÃO DA PROPOSTA

Essa pesquisa foi constituída em 4 etapas, portanto, haverá mais de um método de pesquisa a ser utilizado. A **primeira etapa** caracterizou-se como pesquisa documental, a **segunda etapa** deu-se por uma pesquisa exploratória, a **terceira etapa**, ainda exploratória mas com caráter de intervenção e a **quarta etapa**, descritiva, utilizando-se o questionário como ferramenta. Este projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa⁷ da UNICAMP, por meio da Plataforma Brasil.

Para melhor organização e compreensão, o quadro abaixo ilustrará todos os métodos de pesquisa utilizados, bem como seus objetivos em cada etapa. Posteriormente, no próximo item, será feita a descrição de cada uma delas.

QUADRO 7. Métodos de pesquisa utilizados em cada etapa e seus respectivos objetivos

ETAPA	MÉTODO	OBJETIVO
1 ^a	Documental (documentos disponibilizados pela SMADS - Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social)	Levantamento do contexto das ONGs na cidade de São Paulo para definição da amostra
2 ^a	Exploratória (de campo)	Definição da amostra e contato com os participantes
3 ^a	Exploratória com intervenção (3 fases: curso de capacitação em GPT, implementação da GPT nas ONGs e participação em festival de GPT)	Implementar a prática de GPT nas ONGs por meio do conhecimento adquirido no curso e vivenciar uma experiência que esta prática proporciona (festivais)
4 ^a	Descritiva (utilizando questionário como ferramenta)	Analisar cada fase da intervenção a partir do olhar dos educadores participantes

Fonte: Autoria própria

3.1. Primeira etapa – Pesquisa documental

A primeira etapa desta pesquisa se deu por uma pesquisa documental, que segundo Oliveira (2007, p.69) “caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação”. Nesta etapa, o objetivo foi estabelecer um levantamento do contexto das ONGs da cidade

⁷ O número do CAAE desta pesquisa é 74972117.8.0000.5404 e o despacho de aprovação consta no ANEXO C.

de São Paulo, assim como melhor caracterizá-las a partir da obtenção de mais informações acerca das mesmas, como: localização, público alvo, tipo de serviço, número de atendidos e atividades desenvolvidas.

Para aperfeiçoar o detalhamento e a análise das informações obtidas, colaborando para a constituição da seleção da amostra da pesquisa, ainda nesta etapa foram obtidos e analisados documentos (inclusive alguns com quantitativos) fornecidos pela Secretaria Municipal da Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS), que continham o perfil das regiões da cidade de São Paulo e suas respectivas relações com o campo da assistência social (público atendido, localização, quantidade de atendimento e perfil de colaboradores).

3.2. Segunda Etapa – Pesquisa Exploratória

Na segunda etapa, iniciou-se uma pesquisa exploratória (ou de campo), que tem por finalidade: “[...] aprofundar o conhecimento do pesquisador sobre o assunto estudado. Pode ser usada, para facilitar a elaboração de um questionário ou para servir de base a uma futura pesquisa, ajudando a formular hipóteses, ou na formulação mais precisa dos problemas de pesquisa” (MATTAR, 1996, p.84). Neste momento, a partir da análise diagnóstica das ONGs do nosso universo (perfil, histórico, espaço físico, atividades desenvolvidas e profissionais envolvidos), foi estabelecida a amostra, que teve como critérios de inclusão:

- estar numa região de vulnerabilidade social;
- possuir pelo menos um profissional da Educação Física ou do Esporte no quadro de funcionários;
- realizar atendimento com a faixa etária de 6 a 10 anos;
- obter uma devolutiva positiva do CRAS.

A partir destes critérios, estabeleceu-se que a amostra seria constituída pelas seguintes entidades:

- ONG Social Bom Jesus – CCINTER Imbé
- ONG Social Bom Jesus – Clube da Turma;
- ONG Gotas de Flor com Amor

Concomitantemente a esta segunda fase foi elaborado⁸ um material didático em formato de apostila, a ser distribuído aos educadores participantes da pesquisa. Este material foi constituído com base em:

- leituras da área que abordam os temas envolvidos;
- experiência das autoras com a GPT;
- experiência da orientadora em cursos de formação (graduação em Educação Física, professores da rede pública, monitores e instrutores do SESC, em congressos científicos e em ONGs) e na confecção de material EAD (Claretiano);
- experiência da pesquisadora principal com a docência da GPT no TS (atuação durante estágio da graduação na ARIL (Associação de Reabilitação de Limeira) com crianças e jovens deficientes intelectuais.

Assim, iniciou-se o processo de confecção deste material, dividindo em módulos, que somente foi finalizado a partir do estabelecimento do período de duração do curso, a partir das possibilidades das ONGs envolvidas. Assim, cada módulo contemplou:

- temas;
- ilustrações;
- sugestões de atividades;
- orientação de leitura;
- orientação de vídeos.

3.3. Terceira etapa – Pesquisa intervenção

A terceira etapa, ainda exploratória, caracterizou-se por uma pesquisa intervenção, que segundo Barros e Passos (2000, p.73) “[...] tem como mote o questionamento do ‘sentido’ da ação”. Este método de pesquisa não se traduz numa solução previamente elaborada a ser aplicada, e sim um caminhar mútuo entre pesquisadoras/educadores/organizações possibilitando novas ações pedagógicas. Para Aguiar e Rocha (1997, p.97):

Na pesquisa-intervenção, a relação pesquisador/objeto pesquisado é dinâmica e determinará os próprios caminhos da pesquisa, sendo uma produção do grupo envolvido. Pesquisa é, assim, ação, construção, transformação coletiva, análise das forças sócio-históricas e políticas que atuam nas situações e das próprias implicações, inclusive dos referenciais de análise. É um modo de intervenção, na medida em que recorta o cotidiano em suas tarefas, em sua funcionalidade,

⁸ Este material foi elaborado pela autora principal deste projeto, com o apoio da orientadora.

em sua pragmática – variáveis imprescindíveis à manutenção do campo de trabalho que se configura como eficiente e produtivo no paradigma do mundo moderno.

A intervenção desta pesquisa teve duração de 6 meses e contou com um processo de 3 fases, que foram explicadas aos gestores e aos educadores antes do início da intervenção:

(FASE 1) Curso de capacitação em Ginástica para Todos: direcionado aos educadores (previamente selecionados pelas próprias lideranças das ONGs) que atuam nessas organizações. O curso foi elaborado a fim de propiciar aos educadores subsídios teóricos/práticos para a implementação desta prática em suas organizações. A capacitação foi proposta com a carga horária mínima de 48 horas divididas em 8 dias, porém, devido à disponibilidade de tempo das organizações envolvidas foi necessário um ajuste na estruturação (a justificar no capítulo 5.1);

(FASE 2) Implementação da Ginástica para Todos nas organizações e Tutoria: Após a elaboração coletiva de um cronograma de implementação nas respectivas organizações, foram definidas também, junto à coordenação das mesmas – as turmas e o público a ser envolvido nesta implementação. Definidas as turmas, os educadores iniciaram o trabalho de Ginástica para Todos e durante toda a implementação, contaram com a tutoria presencial e *online* (via *e-mail* e *WhatsApp*) da pesquisadora;

(FASE 3) Participação das ONGs num festival de Ginástica para Todos: Esta fase foi proposta como um fechamento do curso e implementação da GPT, entendendo que a mesma seria de grande relevância para todos os envolvidos e para uma perspectiva de continuidade da proposta de GPT nas ONGs. Após o aceite dos educadores envolvidos, foi definida a participação no Festival de Ginástica para Todos do SESC Bom Retiro, em razão da data de sua realização ser a mais adequada para o encerramento deste ciclo. Este festival ocorre há três anos e possui excelente organização por parte do SESC, o que foi uma preocupação da pesquisadora, para que o evento ofertasse boas condições de estrutura e organização, que, por conseguinte, oportunizassem uma experiência mais positiva para educadores que nunca participaram de festivais de GPT.

3.4. Quarta etapa – Pesquisa descritiva

A quarta e última etapa se deu por meio de uma pesquisa descritiva, que segundo Triviños (1987) exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar, pretendendo descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade. Sua abordagem é qualitativa e o instrumento de pesquisa escolhido foi o questionário, com questões abertas e fechadas. O objetivo da aplicação deste questionário foi fazer uma análise de cada fase da intervenção, visando possibilitar uma reflexão acerca de cada etapa, bem como do processo como um todo, e oportunizar o aperfeiçoamento desta intervenção no futuro.

Trata-se de uma análise preferencialmente qualitativa, sendo que alguns dados também serão analisados quantitativamente. Para a apreciação qualitativa dos dados obtidos por meio dos questionários, optamos pela análise de conteúdo de Bardin (2011). Este método consiste em analisar a comunicação por um conjunto de técnicas, onde o procedimento é objetivo na descrição da mensagem, passando por três fases:

- pré-análise;
- exploração do material e tratamento dos resultados;
- interferência e interpretação.

Na pré-análise, deve haver uma organização e esquema para o sistema de ideias iniciais, em que as respostas dos questionários serão separadas e reduzidas por unidades de contexto e unidade de registro, em ordem das categorias obtidas, de acordo com a interpretação das análises realizadas.

Em seguida, a exploração deve ser realizada por meio de uma análise comparativa do material. A interferência e a interpretação consistem em meios para facilitar a compreensão no processo de codificação, ou seja, transformar os dados brutos em sistematização das unidades que representam o conteúdo esclarecendo as características dos textos.

Para a análise quantitativa dos dados, será utilizada a proposta de Kerlinger (1980, p.171) que tem como objetivo: “[...] determinar a incidência e a distribuição das características [...]” encontradas no instrumento de pesquisa. No caso deste trabalho, os dados serão apresentados em forma de quadros e gráficos.

O questionário⁹ direcionado aos educadores que participaram do curso foi criado na plataforma *Google Forms*, e foi submetido aos mesmos no período de 04 de dezembro, considerando-se que a participação no festival se deu em 02 de dezembro de 2017.

⁹ Este questionário consta no anexo D.

4. A CONSOLIDAÇÃO DA PROPOSTA

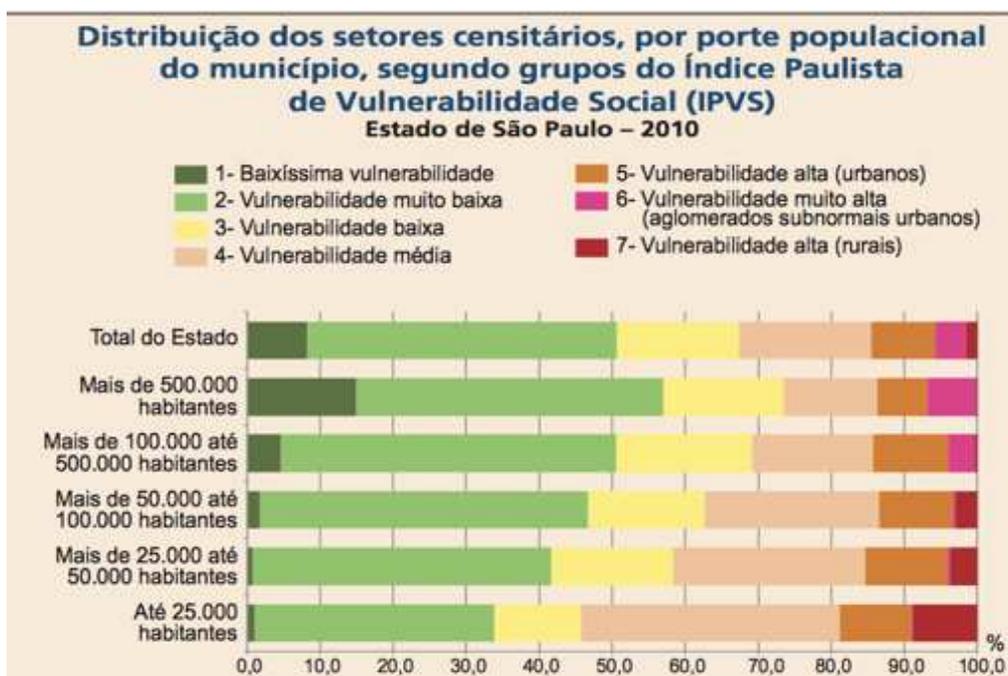
Dada a utilização de diferentes métodos de pesquisa, optou-se por apresentar os resultados de acordo com a divisão das etapas, como explicitado anteriormente. Serão apresentados e discutidos os dados provenientes da etapa documental da pesquisa e, posteriormente, todas as informações acerca da consolidação da proposta de implementação.

4.1. As organizações não governamentais na cidade de São Paulo: primeira etapa

Nesta primeira etapa objetivou-se estabelecer um levantamento do contexto das ONGs da cidade de São Paulo, a partir de uma pesquisa documental.

Ao pesquisar sobre as organizações que fazem parte da Assistência Social e, entender como este cenário se desenvolve na cidade de São Paulo, houve a necessidade de primeiramente encontrar os dados públicos disponíveis *online* acerca do assunto. Especificamente acerca da vulnerabilidade social, foram encontrados dados de 2010, da Fundação Seade (SEADE, 2010), que divulgou o Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS) do estado de São Paulo, e categorizou a população em possíveis grupos:

GRÁFICO 2. Distribuição da população do estado de São Paulo segundo o IPVS (2010)

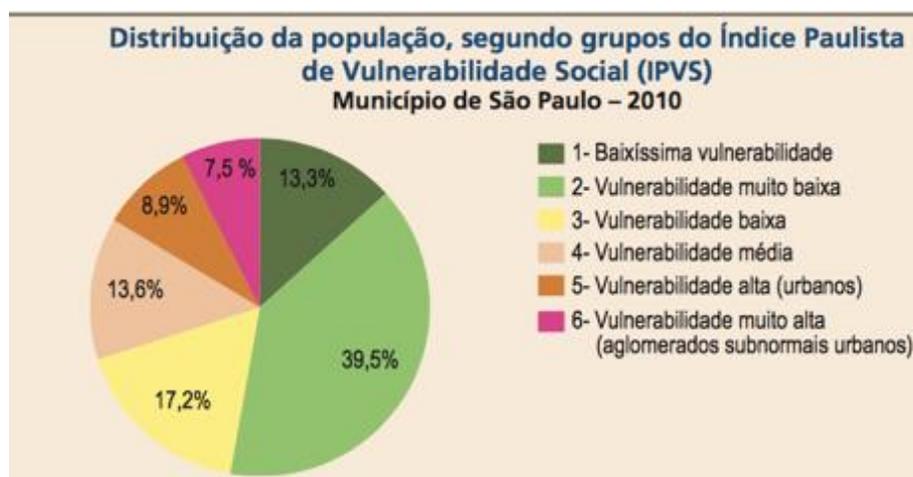


Fonte: Fundação Seade. Índice Paulista de Vulnerabilidade Social – IPVS (2010)

Segundo este documento (IPVS) a tipologia dessas áreas baseia-se nas informações do Censo Demográfico e tem como variáveis como a renda domiciliar per capita, o percentual de mulheres de 10 a 29 anos responsáveis pelos domicílios e a situação de aglomerado subnormal (favela) do setor censitário. No GRÁFICO 2 apresentado acima, é perceptível que as cidades com maior volume populacional contemplam maior desigualdade social, pois concentram maior riqueza na mão de poucos e por conseguinte, apresentam grande nível de pobreza e miséria. Dessa maneira, o nível de vulnerabilidade das cidades parece proporcional ao número da população que se tem.

Além disso, em todos os portes de município observa-se a existência de setores censitários classificados em muito baixa e baixa vulnerabilidade, com participações bem similares. E o gráfico abaixo, traz os dados específicos da cidade de São Paulo:

GRÁFICO 3. Distribuição da população da cidade de São Paulo segundo o IPVS (2010)



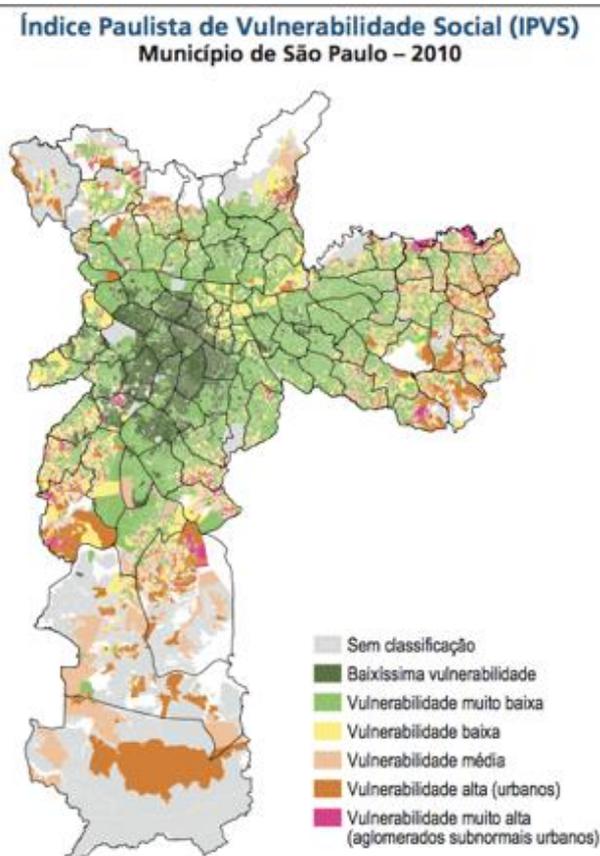
Fonte: Fundação Seade. Índice Paulista de Vulnerabilidade Social – IPVS (2010)

Conforme ilustrado, a população que vive em condições de baixíssima vulnerabilidade, vulnerabilidade muito baixa e vulnerabilidade baixa somam mais de 70% da população total do município de São Paulo e além disso, a cidade não apresenta índice de vulnerabilidade alta em áreas rurais, justamente por se tratar da maior metrópole brasileira.

Por outro lado, levando-se em conta que a cidade de São Paulo neste período contava com 11.2 milhões de habitantes, verifica-se que aproximadamente 840 mil pessoas encontravam-se em situação de vulnerabilidade muito alta, o que revela um número bastante representativo de pessoas nessas condições.

Já a figura 2, demonstra a distribuição geográfica da vulnerabilidade social na cidade de São Paulo.

FIGURA 2. Distribuição geográfica do IPVS (2010)



Fonte: Fundação Seade. Índice Paulista de Vulnerabilidade Social – IPVS (2010)

Como já esperado e presente em outras metrópoles nacionais e internacionais, as periferias da cidade (extremo norte, extremo leste e extremo sul) apresentam maior índice de vulnerabilidade, enquanto as regiões centrais apresentam menor vulnerabilidade. Estes dados colaboraram para o início da delimitação da amostra. Concomitantemente a este levantamento, foi realizado outro relacionado ao perfil das ONGs na cidade de São Paulo, optando em inicialmente abordar ONGs que tivessem o esporte como missão institucional principal, as quais chamaremos de ONGs Esportivas. Esta busca foi realizada por meio do *site* da REMS (Rede Esporte Pela Mudança Social), que é a organização responsável por atuar na mobilização e fortalecimento das organizações do terceiro setor que reconheçam o esporte como fator para o desenvolvimento humano (REMS, 2017). Embora possa haver ONGs Esportivas que não pertençam a esta rede, considerou-se que dada a sua abrangência e legitimação na cidade, este seria um primeiro passo.

A relação de ONGs Esportivas da cidade de São Paulo que são membros da REMS, encontra-se no quadro abaixo, em ordem alfabética.

QUADRO 8. ONGs Esportivas da cidade de São Paulo membros da REMS¹⁰

ORGANIZAÇÃO
ADD – Associação Desportiva para Deficientes
Alma Rugby
Amigos da Raquete
Associação Hurra!
Fundação Cafu
Fundação Gol de Letra
Fundação Tênis
Futebol de Rua
Futebol Social
Instituto Amigos do Vôlei
Instituto Barrichello
Instituto Chuí
Instituto Corrida Amiga
Instituto Esporte Educação
Instituto Evolução do Esporte
Instituto Passe de Mágica
Instituto Patricia Medrado
Instituto Plataforma Brasil
Instituto Rugby Para Todos
Love Fútbol Brasil
PRODHE
Projeto Viva Corrida
Projeto Viver Bem

Fonte: Autoria própria, baseado nos dados disponíveis no site da REMS

Como mostra o quadro acima, são 23 organizações membros da REMS que desenvolvem diferentes modalidades esportivas como tênis, rugby, futebol e vôlei, estando os esportes, em alguns casos, presentes em seu próprio nome da organização e em outros casos, relacionados aos seus fundadores ou inspiradores.

¹⁰ Nesta relação foram consideradas apenas as Organizações Não Governamentais que atendem a população e ofertam atividades relacionadas a uma ou diversas modalidades esportivas, excluindo então faculdades, associações profissionais e outras entidades que não realizam atendimento.

A partir destes dados presumiu-se que possivelmente as ONGs Esportivas possuíssem já um esporte específico como foco e desse modo não abordassem outros, seja por um desalinhamento institucional, seja por uma rejeição pelo corpo diretivo e ex-atletas, que objetivam a coerência com suas propostas iniciais (com apenas um esporte como foco dos projetos e ações). Assim, conclui-se que nossa proposta poderia ser ampliada, proporcionando justamente algo novo e diferenciado para ONGs em geral (portanto, abarcando um número maior de entidades), que trabalham e valorizam o esporte, mas que não o tem como “carro-chefe”.

Perspectivando este novo horizonte, optou-se por iniciar uma nova investigação acerca das entidades sociais na cidade de São Paulo. As informações a serem apresentadas, bem como o desenvolvimento da pesquisa como um todo, foram possibilitadas e facilitadas por meio do contato com a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS), que segundo o *site* da Prefeitura Municipal de São Paulo (SMADS, 2017) é a seção que: “[...] reúne e divulga, de forma espontânea, dados da Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social que são de interesse coletivo ou geral com o objetivo de facilitar o acesso à informação pública, conforme determina a Lei de Acesso à Informação (Lei 12.527, de 18/11/2011) e o Decreto Municipal 53623 /2012.”

Neste primeiro contato com a SMADS, realizado em 10 de janeiro de 2017, foi requerido o preenchimento de um formulário no portal *online* do *site*, com informações detalhadas do projeto de pesquisa para a autorização da demanda, segundo a Portaria N° 39/SMADS/COPS/2013. Esta Portaria, que teve seu encaminhamento por e-mail, dispõe sobre a implantação de procedimento a ser adotado em caso de solicitações para uso da SMADS como campo de pesquisa ou proposta de formação. Após avaliação realizada pelo Comitê de Pesquisa a pesquisa foi aprovada, o que facilitou o acesso às informações específicas fornecidas pela Secretaria.

Conforme o *site* da SMADS, esta tem a missão institucional de “[...] formular, implantar, regular, financiar, executar, monitorar e avaliar a Política Municipal de Assistência Social como parte integrante do Sistema Único de Assistência Social (SUAS)”. (SMADS, 2017). A Proteção Social, que objetiva garantir a inclusão a todos os cidadãos que se encontrem em situação de vulnerabilidade ou risco, é uma das principais bases do SUAS. Esta é dividida em duas modalidades (Especial e Básica), de acordo com a necessidade e complexidade do caso. Ainda segundo o referido *site*:

A Proteção Social Especial é destinada a famílias e indivíduos que se encontram em situação de risco pessoal e social, por ocorrência de abandono, maus tratos físicos e/ou psíquicos, abuso sexual, uso de substâncias psicoativas, cumprimento de medidas socioeducativas, situação de rua, situação de trabalho infantil, entre outras situações de violação dos direitos. [...] A Proteção Social Básica atua na prevenção de situações de risco e no fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários dos diversos ciclos de vida, por meio da realização de atividades que desenvolvam potencialidades e aquisições. Destina-se à população que vive em situação de fragilidade decorrente da pobreza, acesso precário ou nulo aos serviços públicos, bem como fragilização de vínculos afetivos (discriminações etárias, étnicas, de gênero ou por deficiências, dentre outras). (SMADS, 2017).

Os Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) constituem-se a porta de entrada para as famílias que desejam ou precisam de algum atendimento de Proteção Social. Estes somam 54 unidades estatais¹¹ que ofertam o acesso aos benefícios, serviços, programas e projetos e se encontram em todas as regiões de São Paulo, de acordo com as subprefeituras responsável por cada uma delas. Baseando-se no site da SMADS:

QUADRO 9. Os CRAS nas subprefeituras da cidade de São Paulo

REGIÃO	SUBPREFEITURA
CENTRO	Bela Vista, Liberdade, República, Santa Cecília, Sé, Bom Retiro, Cambuci
LESTE 1	Aricanduva, Sapopemba, Penha, Vila Prudente, Mooca
LESTE 2	São Mateus, Itaquera, São Mateus, Ermelino Matarazzo, São Miguel, Cidade Tiradentes, Guaianazes, Itaim Paulista
SUL 1	Ipiranga, Vila Mariana, Jabaquara
SUL 2	Parelheiros, Campo Limpo, M'Boi Mirim, Capela do Socorro, Cidade Ademar, Santo Amaro
NORTE 1	Jaçanã-Tremembé, Santana-Tucuruvi, Vila Maria-Vila Guilherme
NORTE 2	Perus, Pirituba, Casa Verde, Freguesia-Brasilândia
OESTE	Butantã, Pinheiros, Lapa

Fonte: Autoria própria

Nos CRAS situados em cada subprefeitura, as famílias podem ser encaminhadas para os diferentes Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos da Rede Socioassistencial, que buscam garantir a oferta de espaços de convivência e socialização para famílias e indivíduos. Os Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos da Proteção Social Básica são realizados em modalidades, são elas:

¹¹ Vale comentar que algumas subprefeituras contam com mais de um CRAS.

QUADRO 10. Modalidades dos Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos da Proteção Social Básica

MODALIDADE	ATENDIMENTO
CCA – Centro para Crianças e Adolescentes	Crianças e adolescentes de 6 a 14 anos e 11 meses
CJ – Centro para Juventude	Adolescentes de 15 a 17 anos e onze meses
CEDESP – Centro de Desenvolvimento Social e Produtivo para adolescentes, jovens e adultos	Jovens a partir dos 15 anos e adultos
CCINTER – Centro de Convivência Intergeracional	Crianças, jovens, adultos, idosos e famílias
Núcleo de Convivência de Idosos	Idosos com idade igual ou superior a 60 anos com atividades presenciais e à domicílio
Clube da Turma	Crianças e adolescentes com idade entre 6 e 17 anos e 11 meses
Circo Social	Crianças e adolescentes com idade entre 6 e 17 anos e 11 meses

Fonte: Autoria própria, baseado no site da SMADS

Para a definição da amostra, ou seja, das ONGs que participariam da pesquisa, foi necessário definir previamente a região da cidade, chamada pela SMADS de “território”. Em conversa por *e-mail* com uma das funcionárias da SMADS¹², foi demonstrado o interesse da pesquisadora de realizar o trabalho em regiões que tivessem alta vulnerabilidade social (conforme já demonstrado também pelos dados do SEADE) e fossem mais carentes de serviços. Analisando os dados expostos acima foi definida a região Sul 2 (Parelheiros, Campo Limpo, M’Boi Mirim, Capela do Socorro, Cidade Ademar, Santo Amaro), pelas seguintes razões:

- Uma das regiões mais carentes da cidade;
- Grande demanda de atendimento à crianças e adolescentes;
- Baixa oferta de serviços para a população (se comparada às outras regiões).

Definido o “território” foi estabelecido o contato com todos os CRAS, como mostra o quadro abaixo.

QUADRO 11. Data de contato e retorno das pesquisadoras com os CRAS

CRAS	DATA DE CONTATO	DATA DE RETORNO	DEVOLUTIVA
Campo Limpo	02.05.2107	12.05.2017	Positiva
Capão Redondo	02.05.2017	08.05.2017	Negativa ¹³

¹² A funcionária da SMADS que nos atendeu desde o primeiro contato foi Kátia Gregório, membro do Comitê de Avaliação de pesquisas da Secretaria.

¹³ O CRAS Capão Redondo retornou o contato, porém, se recusou a participar da pesquisa alegando estar num momento conturbado de trocas de cargos e funções.

Capela do Socorro	02.05.2017	Sem retorno	-
Cidade Ademar	02.05.2017	Sem retorno	-
M'Boi Mirim	02.05.2017	04.04.2017	Positiva
Parelheiros	02.05.2017	Sem retorno	-
Santo Amaro	02.05.2017	16.05.2017	Positiva

Fonte: Autoria própria

A proposta do projeto foi então enviada aos CRAS acima citados, via e-mail, e estes sugeriram algumas ONGs que teriam perfil para participar da pesquisa, seguindo os critérios já definidos para a pesquisa:

- ter pelo menos um profissional da área da Educação Física na sua rede de colaboradores¹⁴;
- atendimento a crianças da faixa etária entre 6 e 10 anos, pois segundo a SMADS é a maior demanda de atendimento da região.

Vale salientar aqui, que o primeiro critério diminuiu significativamente as possibilidades de participação, já que grande parte dos profissionais que atuam com esporte não têm formação específica em Educação Física ou Esporte ou não são registrados no sistema como tais, dificultando este processo.

A partir desse momento, foi iniciado o contato direto com as organizações, e então, agendadas as reuniões para uma nova apresentação do projeto. A seguir, as organizações que participariam da pesquisa, após aprovação dos respectivos presidentes:

- Gotas de Flor com Amor (Santo Amaro);
- Social Bom Jesus - Convivendo e Aprendendo (Campo Limpo);
- Social Bom Jesus - Clube da Turma (M'Boi Mirim).

4.2. Encontros preparatórios: segunda etapa

Com a amostra já definida, esta etapa se deu pelo contato direto com a coordenação das ONGs e objetivou definir os caminhos a serem trilhados até o início do curso de capacitação (terceira etapa). Neste período, foram realizados os seguintes encontros:

¹⁴ Vale ressaltar aqui nossa preocupação com a formação dos profissionais e com a valorização dos mesmos dentro dessas entidades.

QUADRO 12. Datas dos encontros da pesquisadora com as ONGs e seus responsáveis

DATA	ONG	RESPONSÁVEL/FUNÇÃO
18.05.17	Gotas de Flor com Amor	Maria Casarin / Coordenadora Pedagógica
25.05.17	Social Bom Jesus - CCINTER Imbé	Ana Cláudia Almeida / Gerente de Serviços
29.05.17	Social Bom Jesus - Clube da Turma	Rosa Maria Paula Fernandes /Gerente de Serviços

Fonte: Autoria própria

Nesses encontros, o projeto foi apresentado utilizando *slides* da ferramenta Power Point, pela pesquisadora, contendo informações científicas e técnicas sobre a GPT e o projeto, assim como fotos e vídeos ilustrativos desta prática, uma vez que considera-se que esta ainda é pouco conhecida e praticada nas ONGs. Nos encontros foram esclarecidas as possíveis dúvidas,, tanto sobre o projeto (e suas respectivas etapas e compromissos éticos) como sobre a GPT. Todas as três responsáveis das ONGs foram extremamente receptivas ao projeto, demonstrando entusiasmo com a possibilidade de participação. Ouviu-se mais de uma vez (pelas responsáveis), em encontros distintos, que este projeto era “um presente para a comunidade”.

Após os encontros presenciais foram realizados contatos via *e-mail* para a adequação do cronograma dos encontros presenciais com os educadores, a partir de agosto de 2017. Após diálogo constante durante um mês, foram definidos os profissionais que participariam¹⁵:

- 1 profissional (Gotas de Flor com Amor);
- 2 profissionais (Convivendo e Aprendendo);
- 4 profissionais (Clube da Turma).

O número de profissionais participantes era livre, e foi definida por cada organização de acordo com suas possibilidades. Além disso, foi definida a carga horária e o período dos encontros:

- 8 encontros com duração de 3 horas¹⁶;
- Encontros realizados às terças feiras das 10h às 13h;
- Sede dos encontros no Clube da Turma – sugerido pela própria coordenação da ONG.

Após esta definição, a coordenação da ONG Gotas de Flor com Amor nos informou que não seria possível sua participação, pois a programação da ONG não

¹⁵ Dos 7 profissionais apenas 1 não tinha formação em Educação Física e sim em Pedagogia.

¹⁶ A ideia inicial de estruturação o curso contaria com 48 horas e seria realizado em 8 encontros. Porém, por conta das necessidades de cada organização, readequamos a estrutura do curso.

permitia a saída de nenhum profissional devido ao enxuto quadro de professores. Tentou-se ao máximo flexibilizar a estrutura do curso para possibilitar a participação da ONG, mas embora a coordenadora desejasse fazer parte do projeto, essa decisão foi tomada dando prioridade ao funcionamento da organização e ao bom serviço aos atendidos.

Abaixo, será apresentada nossa amostra final. Como trata-se de dois serviços diferentes da Organização Social Bom Jesus (CCINTER Imbé e CCINTER Clube da Turma)¹⁷, será apresentada primeiramente, a ONG Social Bom Jesus e depois especificaremos os serviços.

A ONG Social Bom Jesus (SBJ), segundo seu *site* (SBJ, 2017), atua nos distritos de maior índice de exclusão social de São Paulo desde 1981. Atingindo diferentes públicos (crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos) e desenvolvendo ações educacionais, culturais, esportivas, de lazer e profissionalizantes, a ONG SBJ totaliza 5.751 atendidos por dia. A referida entidade explicita sua missão, visão e valores em seu *site* como sendo:

- Missão: Realizar ações que promovam autonomia dos atendidos, a partir do fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários.
 - Visão: Que todos os atendidos pelo Social Bom Jesus tenham seus direitos humanos e sociais garantidos e respeitados.
 - Valores: Fraternidade; Igualdade; Justiça; Ética e Respeito.
- (SBJ, 2017)

A ONG SBJ tem 22 núcleos espalhados por São Paulo e contempla modalidades como CCINTER (Centro de Convivência Intergeracional), CEDESP (Centro de Desenvolvimento Social e Produtivo), CCA (Centro da Criança e do Adolescente), NCI (Núcleo de Convivência para Idosos) e Circo Escola. Um desses núcleos e parte da nossa amostra, é o CCINTER Clube da Turma, localizado no bairro Jardim Ângela, extremo sul de São Paulo. Este serviço conta com ótima infraestrutura e amplos espaços para a prática de atividade física.

¹⁷ Importante salientar que a escolha por dois serviços de uma mesma ONG foi mera coincidência, pois os mesmos foram indicados por CRAS diferentes, como mencionado anteriormente.

FIGURA 3. Entrada principal do Clube da Turma



Fonte: Acervo institucional do Clube da Turma

FIGURA 4. Parque do Clube da Turma



Fonte: Acervo institucional do Clube da Turma

FIGURA 5. Pátio e salas de aula do Clube da Turma



Fonte: Acervo institucional do Clube da Turma

FIGURA 6. Corredor de salas do Clube da Turma



Fonte: Acervo institucional do Clube da Turma

FIGURA 7. Interior de sala do Clube da Turma



Fonte: Acervo institucional do Clube da Turma

FIGURA 8. Piscina do Clube da Turma



Fonte: Acervo institucional do Clube da Turma

FIGURA 9. Ginásio poliesportivo do Clube da Turma



Fonte: Acervo institucional do Clube da Turma

FIGURA 10. Quadras externas do Clube da Turma



Fonte: Acervo institucional do Clube da Turma

FIGURA 11. Pista de skate do Clube da Turma



Fonte: Acervo institucional do Clube da Turma

FIGURA 12. Refeitório do Clube da Turma



Fonte: Acervo institucional do Clube da Turma

As principais atividades desenvolvidas no CCINTER Clube da Turma são¹⁸: artesanato, corte e costura, afromix, ginástica para melhor idade, ballet, capoeira, dança contemporânea, dança urbana, dança e ritmos, musicalização, percussão, handebol, vôlei, judô, futsal e recreação.

O outro serviço que faz parte da nossa amostra é o CCINTER Imbé que, embora apresente estruturas físicas menores, valoriza a prática esportiva dentro de suas possibilidades. As imagens abaixo pertencem à página do *facebook* da ONG, pois a gerência de serviço ainda não liberou o uso de imagem do espaço:

FIGURA 13. Pátio externo do CCINTER Imbé



Fonte: <https://www.facebook.com/convivendoeaprendendojdimbe/>¹⁹

¹⁸ Essas informações foram cedidas pela própria coordenação do CCINTER Clube da Turma, já que no site da ONG Social Bom Jesus não encontramos informações específicas de cada serviço.

¹⁹ Como estas imagens já estão publicadas no *Facebook*, entendemos que já são imagens públicas, com direitos de imagem autorizados por pais e/ou responsáveis pelos menores.

FIGURA 14. Pátio interno do CCINTER Imbé



Fonte: <https://www.facebook.com/convivendoeaprendendojdimbe/>²⁰

FIGURA 15. Corredor de salas do CCINTER Imbé



Fonte: <https://www.facebook.com/convivendoeaprendendojdimbe/>

Este serviço desenvolve atividades como dança de salão, dança urbana, música, artesanato, capoeira, judô, ginástica e saúde e bem-estar.

De maneira geral, é possível verificar que tanto o Clube da Turma quanto o CCINTER IMBÉ, são categorizados como “CCINTER” – Centro de Convivência Intergeracional e, portanto, valorizam o convívio e o fortalecimento de vínculos entre diferentes faixas etárias, ofertando atividades que sejam de interesse de todos os atendidos.

²⁰ Como estas imagens já estão publicadas no *Facebook*, entendemos que já são imagens públicas, com direitos de imagem autorizados por pais e/ou responsáveis pelos menores.

A principal diferença entre os dois serviços se dá quanto à estrutura física e, por conseguinte, no tipo de atividades e esportes ofertados. O Clube da Turma, devido sua grandiosa estrutura física, possibilita maior diversidade em sua oferta de atividades e ainda, a inclusão de esportes coletivos com bola sendo praticados numa quadra poliesportiva, atividades aquáticas, esportes radicais etc.

Por outro lado, o CCINTER Imbé, devido à sua estrutura mais limitada, prioriza a oferta de atividades culturais relacionadas à música e à dança, e atividades esportivas que não exijam tanto espaço físico. Vale salientar que o CCINTER Imbé, não deixa de ofertar por exemplo, esportes coletivos com bola a despeito de não apresentar uma quadra poliesportiva, adaptando, porém, as atividades ao espaço da entidade.

Como mencionado na metodologia, esta etapa também contemplou a confecção de um **material didático** (teórico) a ser distribuído para os participantes do curso. Esse material constituiu-se como uma apostila e contou com os seguintes temas, nesta ordem:

Universo da ginástica

- Os conceitos da ginástica
- O universo da ginástica (áreas e tipos)

As Ginásticas

- Ginástica Artística
- Ginástica Rítmica
- Ginástica Acrobática

Ginástica para Todos

- Aspectos históricos
- Principais eventos
- O que é Ginástica para Todos?
- Características da Ginástica para Todos
- Composição Coreográfica

Embora a GPT seja bem mais ampla do que os conteúdos abordados nesta apostila, foram escolhidos os temas e as práticas gímnicas que consideramos mais utilizadas nos trabalhos de GPT e mais acessíveis para serem desenvolvidas em ONGs (nem sempre com muita disponibilidade de materiais e espaços físicos).

Conforme exposto no método, este material foi constituído com base em leituras da área e experiência das pesquisadoras com a GPT e com cursos de formação. Dessa

maneira, cada módulo continha: temas, ilustrações, sugestões de atividades, orientação de leitura e orientação de vídeos.

O material foi impresso pela pesquisadora e entregue aos educadores no primeiro dia do curso, para que fosse utilizado durante cada encontro, além de viabilizar o seu acesso a outros profissionais da ONG (que não puderam participar do mesmo).

4.3. Curso, implementação e festival de GPT: terceira etapa

Esta etapa, conforme apontado na metodologia, é composta por 3 fases, sendo: (1) *Curso de capacitação*; (2) *Implementação da Ginástica para Todos nas organizações e tutoria* e (3) *Participação das organizações num festival de GPT*.

4.3.1. FASE 1 - Curso de capacitação em GPT

Antes de iniciar a apresentação dos resultados, vale comentar aqui que o termo “capacitação” foi escolhido mediante a grande quantidade de conteúdo e do pouco tempo para ser desenvolvido, porém, sem deixar de lado a formação humana, que julgamos ser fundamental em qualquer processo educativo. Concordando com Altenfelder (2005), a capacitação pode ser coerente com a ideia de formação continuada se for considerada a ação de capacitar no sentido de tornar capaz, habilitar, entendendo que para exercer a função de educar, a pessoa necessita adquirir condições de desempenho próprias à profissão, ou seja, tornar-se capaz.

Na construção e desenvolvimento do curso, não ignoramos a possibilidade de reprodução do conteúdo pelos educadores, tivemos uma preocupação nesse sentido e, por isso, buscamos ao longo do processo dar autonomia aos educadores, para que não fossem momentos de transmissão de conhecimentos, e sim, de compartilhamento. De qualquer forma, sabíamos que a formatação do curso numa abordagem *top-down* nos faria correr riscos, mas o risco foi assumido na perspectiva de efetivar a realização, a despeito de fatores como a limitação de tempo e a não experiência dos educadores e das ONGs com o conteúdo da GPT.

Dessa maneira, o curso foi organizado em 8 encontros, com 3 horas de duração, realizados uma vez por semana, num período de 2 meses (agosto e setembro). Os encontros foram organizados da seguinte maneira:

QUADRO 13. Cronograma do curso de capacitação em GPT nas ONGs

DATA	MÓDULO DO ENCONTRO	SUBTEMAS (CONTEÚDOS)	PROCEDIMENTOS PEDAGÓGICOS
08.08.17	(1) O universo da Ginástica	<ul style="list-style-type: none"> - Conceitos de Ginástica; - Áreas de prática da Ginástica; - Tipos de Ginástica; - Relações entre os tipos e reflexões sobre as possibilidades no terceiro setor; 	<ul style="list-style-type: none"> - Dinâmica: “Quando você pensa em ginástica, o que te vem na cabeça?” - Apresentação expositiva dos conceitos e tipos de ginástica; - Discussão sobre os conceitos e tipos. <ul style="list-style-type: none"> - Debates - Problematização
15.08.17	(2) Ginástica Artística	<ul style="list-style-type: none"> - Histórico no mundo e no Brasil - Elementos da GA; - Vivência prática: Elementos e habilidades básicas (correr, saltar, rolar, girar etc.); Fundamentos da GA (rolamentos, parada de cabeça, parada de mãos, acrobacias básicas etc.) 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação expositiva sobre a história da GA (trechos da apostila, publicações, vídeos etc.) - Atividades lúdicas de aquecimento evidenciando as habilidades básicas, utilizando diferentes estilos de ensino; - Exploração de novos movimentos; - Técnicas de execução de elementos básicos da GA; atenção à segurança e apoio. - Reflexão sobre o que foi vivido.
22.08.17	(3) Ginástica Rítmica	<ul style="list-style-type: none"> - Histórico no mundo e no Brasil; - Elementos corporais da GR; - Elementos com materiais; - Vivência prática: Elementos corporais específicos (saltos, saltitos, giros, ondas etc.) e Experimentação dos materiais (Bola, Arco, Corda, Fita e Maças). 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação expositiva sobre a história da GR (trechos da apostila, publicações, vídeos etc.) - Aquecimento relembando alguns elementos da GA, de forma investigativa e colaborativa; - Exploração livre dos materiais; - Exploração e orientação de manejos específicos da GR com cada aparelho; - Associação de conceitos e experiências dos elementos ginásticos e dos manejos da GR; - Processo criativo de pequenas sequências de movimentos com aparelhos e música. - Reflexão sobre o que foi vivido.
29.08.17	(4) Ginástica Acrobática	<ul style="list-style-type: none"> - Histórico no mundo e no Brasil; - Bases e apoios; - Vivência prática: Acrobacias em duplas e trios; Acrobacias em quartetos e grupos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação expositiva sobre a história da GACRO (trechos da apostila, publicações, vídeos etc.) - Aquecimento evidenciando de forma criativa e crítica, as formas de equilíbrio, apoio, força e suspensão. - Tentativas livres e depois orientadas de posturas em duplas e trios; - Tentativas de posturas e quartetos e grupos; - Processo criativo de sequência de posturas com diferentes músicas (lentas e rápidas). - Reflexão sobre o que vivido.
05.09.17	(5) Ginástica para Todos	<ul style="list-style-type: none"> - Conceitos de GPT; - Histórico no mundo e no Brasil; - Principais características; 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação expositiva sobre a história da GPT; - Sites de eventos; - Apresentação de vídeos de coreografias de GPT em diferentes contextos

		<ul style="list-style-type: none"> - Eventos de GPT - Vídeos 	<ul style="list-style-type: none"> (internacional, universitário, escolar e exemplos de outras ONGs). - Debates - Problematização
12.09.17	(6) Composição Coreográfica	<ul style="list-style-type: none"> - Aspectos importantes numa composição coreográfica; - Música e vestimenta; - Construção coletiva; - Vivência prática: Experiência com material de grande porte (paraquedas). 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação expositiva sobre os fundamentos da GPT e relação com os fundamentos das outras modalidades gímnicas vivenciadas; - Propostas de ensino de composição coreográfica; - Exploração livre e depois orientada do paraquedas; - Processo criativo de pequena sequência coreográfica evidenciando diferentes formações com o material e a construção coletiva. - Reflexão sobre o que foi vivido.
19.09.17	(7) Materiais de pequeno e grande porte	<ul style="list-style-type: none"> - Outros exemplos de materiais de grande porte; - Construção de material alternativo (barangandã); - Vivência prática: Experiência com material construído e de pequeno porte. 	<ul style="list-style-type: none"> - Exploração dos materiais trazidos pelos educadores, com utilização de música escolhida por eles; - Construção coletiva do material barangandã; - Exploração livre do barangandã; - Escolha livre de dois materiais para um novo processo criativo de construção coreográfica coletiva. - Reflexão do que foi vivido.
26.09.17	(8) Planejamento e Fechamento	<ul style="list-style-type: none"> - Reflexão sobre as possibilidades em cada organização; - Elaboração de um cronograma; - Conversa e Fechamento. 	<ul style="list-style-type: none"> - Diálogo; - Discussão; - Reflexão; - Problematização; - Organização.

Fonte: Autoria própria

Todos os encontros aconteceram conforme planejado, apenas alguns ajustes de espaço e conteúdo tiveram que ser feitos, por exemplo: no dia em que vivenciariamos a GR na quadra (por conta dos lançamentos dos aparelhos), tivemos que diminuir o tempo de prática, pois um jogo de futsal entre o Clube da Turma e outra ONG - que estava previsto – demorou mais que o programado para acabar; outro ajuste de conteúdo ocorreu quando faríamos a exploração do paraquedas no gramado do parque (por conta do tamanho do material), porém, a chuva forte impediu a atividade e adiamos a exploração para o próximo encontro. De todo modo, estas adequações não alteraram a estrutura e o andamento do curso. Estes encontros foram realizados numa sala de prática de capoeira, contando com a disponibilidade de um retroprojetor. A seguir, serão relatados e ilustrados os encontros presenciais, em ordem cronológica.

4.3.1.1. Descrição dos encontros do curso

Dia 08.08: O primeiro encontro foi realizado no Clube da Turma (M'Boi Mirim) e estavam presentes todos os educadores, as duas pesquisadoras e uma das coordenadoras da Organização Social Bom Jesus.

FIGURA 16. Equipe gestora do projeto e do Clube da Turma



Legenda (da esquerda para a direita): orientadora Eliana de Toledo, coordenadora pedagógica Ana Rita Rocha da Costa e pesquisadora Bianca Assumpção.

Fonte: Acervo pessoal de Bianca Assumpção

O primeiro momento desse encontro foi de apresentações, tanto das pesquisadoras e do projeto, quanto dos educadores que ali estavam. Após as apresentações e antes de introduzir o conteúdo previsto, os participantes responderam uma pergunta bem simples: “Quando você pensa em GINÁSTICA, o que vem na sua cabeça?”. Tivemos respostas como:

- Exercícios localizados e ritmados;
- Ginástica Aeróbica;
- Ginástica Funcional;
- Academia (*step, jump, crossfit*);
- Movimento corporal.

Além disso, os participantes falaram de suas experiências anteriores com ginástica, seja atuando, seja praticando ou assistindo. Algumas das respostas:

- Na graduação;
- Assistindo aos Jogos Olímpicos;

- Ginástica aeróbica na academia;
- Ginástica dançante.

A partir desse momento notou-se que os participantes tinham tido pouco contato com a ginástica de maneira mais ampla, o que motivou-me ainda mais por entender que seria algo realmente novo para todos ali presentes. Apenas um dos participantes citou “ginástica geral” como experiência na graduação.

Foi interessante iniciar com este tipo de dinâmica, para entender qual o universo da ginástica “deles”, antes de convidá-los para o “nosso” universo da ginástica. Num segundo momento foi entregue o material didático e a reação dos educadores ao recebê-lo foi extremamente positiva, de surpresa e gratidão. Ainda neste encontro, foi iniciada a introdução do conteúdo específico programado e no final, criou-se um grupo no *WhatsApp* - ferramenta digital que foi de extrema importância ao longo de todo o processo.

Foi percebido certo entusiasmo por parte dos educadores, que se mostraram receptivos e gratos pela oportunidade de agregar em sua formação, bem como as gestoras do serviço.

FIGURA 17. Educadores participantes do curso e pesquisadoras²¹



Legenda (da esquerda para a direita, no plano alto): Paulo Pini, Nicole Costa, Bianca Assumpção, Taina de Oliveira, Anderson Silva e Diego Oliveira; e no plano baixo: Eliana de Toledo e Deise Ribas.

Fonte: Acervo pessoal de Bianca Assumpção

Ainda neste encontro, levamos alguns livros da área para a apreciação deles, e deixamos para a entidade o livro “Fundamentos das Ginásticas” (NUNOMURA e

²¹ Esta imagem, assim como todas as outras a seguir, foram autorizadas pelos educadores.

TSUKAMOTO, 2016), o qual foi utilizado como base para a construção do material didático, enaltecendo a produção da área e estimulando a leitura.

Dia 15.08: No encontro, cujo tema foi “Ginástica Artística”, estavam presentes todos os educadores (6) e a partir desse momento, o andamento se deu pela pesquisadora principal. Para introduzir o conteúdo, foi elaborada uma apresentação expositiva dos conceitos, fotos e vídeos, como em todos os outros temas do curso. Além disso, a partir desse encontro, houve momentos de vivência prática, entendendo que seria importante pois as experiências prévias dos educadores praticando ginástica foram poucas ou inexistentes. Os educadores demonstraram ter algum conhecimento e entendimento acerca da Ginástica Artística, principalmente pela maior aparição na mídia por conta das conquistas de medalhas internacionais e olímpicas dos atletas brasileiros nos últimos anos.

Vale mencionar aqui, que os educadores se mostraram “receosos” num primeiro momento na vivência prática, por enxergar a Ginástica Artística como “difícil” ou “impossível”, pois faziam alusão ao alto rendimento. Aos poucos, foram entendendo que a Ginástica Artística poderia ser praticada por qualquer público, inclusive eles mesmos, inserindo movimentos básicos e aumentando sua dificuldade gradativamente. De qualquer maneira, considerou-se que seria desejável ter mais tempo para trabalhar elementos básicos da ginástica e então, da Ginástica Artística, principalmente porque como já mencionado, os educadores não tinham experiência prévia com a modalidade, e, portanto, algumas atividades demandaram mais tempo do que o programado.

Dia 22.08: Neste encontro estavam presentes 5 dos 6 educadores participantes. Com a temática da “Ginástica Rítmica”, o encontro seguiu a dinâmica de contemplar o conteúdo teórico por meio de conceitos, histórico da modalidade, fotos, vídeos e reflexão sobre possibilidades de prática, e num segundo momento, uma vivência prática de elementos específicos da modalidade. Foram levados²² alguns materiais oficiais da GR para exploração dos participantes que, em sua maioria, tiveram pouca ou nenhuma vivência prévia. Os educadores tiveram contato pela primeira vez com sequências coreográficas no curso, unindo elementos ginásticos com música e em determinados momentos com os aparelhos também.

²² Alguns materiais como paraquedas e aparelhos oficiais da Ginástica Rítmica foram emprestados do LAPEGI (Laboratório de Pesquisas e Experiências em Ginástica) da UNICAMP e outros como bastões, bancos, cordas, bolas, pranchas, tatame etc, já havia na ONG Clube da Turma (local de realização do curso).

Como no encontro anterior, identificou-se certa dificuldade por parte da pesquisadora em relação ao tempo, que pareceu curto para associar os elementos gímnicos básicos, que foram vivenciados anteriormente, com os novos manejos dos aparelhos da GR.

FIGURA 18. Curso de capacitação – vivenciando a Ginástica Rítmica com a utilização de bambolês²³



Fonte: Acervo pessoal de Bianca Assumpção

Dia 29.08: Neste encontro estavam presentes 5 dos 6 participantes e o tema abordado foi “Ginástica Acrobática”, um dos temas que gerou maior empolgação. Na vivência prática realizamos formações de diferentes níveis e com diferentes números de componentes, estimulando ideias para serem trabalhadas com seus respectivos alunos. Assim que experimentávamos determinadas formações acrobáticas, surgiam comentários do tipo: “Nossa, meus alunos vão amar fazer isso”. Tamanha a empolgação, no dia seguinte ao encontro, um dos educadores incluiu essas vivências acrobáticas em uma das aulas e relatou (pelo aplicativo *WhatsApp*) puro divertimento por parte dos alunos.

Neste encontro, embora tenha sido uma vivência nova para eles, não se observou grandes dificuldades como nos anteriores, talvez pela não necessidade de realizar movimentos mais técnicos e pela descontração e interação entre eles.

²³Como já mencionado, foi levado um arco oficial para conhecimento e apreciação dos educadores, porém, como a ONG não possuía este material, adaptamos a vivência com a utilização dos bambolês.

FIGURA 19. Curso de capacitação - experimentando
figuras acrobáticas em duplas



Fonte: Acervo pessoal de Bianca Assumpção

FIGURA 20. Curso de capacitação – experimentando
figuras acrobáticas em trios



Fonte: Acervo pessoal de Bianca Assumpção

FIGURA 21. Curso de capacitação – experimentando figuras acrobáticas coletivas I



Fonte: Acervo pessoal de Bianca Assumpção

FIGURA 22. Curso de capacitação – experimentando figuras acrobáticas coletivas II



Fonte: Acervo pessoal de Bianca Assumpção

Dia 05.09: Depois de trabalhados os conceitos e os elementos básicos das modalidades gímnicas que, ao nosso ver, são as mais utilizadas na GPT (GA, GR e AGRO), iniciamos com o tema específico da “Ginástica para Todos”. Por ser novidade para a maioria dos participantes, optamos por fazer este primeiro encontro acerca da temática mais denso e sem vivência prática. Abordamos diferentes conceitos e investimos em vídeos, de composições coreográficas, entendendo que este é um bom caminho para a contextualização. Os participantes exaltaram sua admiração pela “criatividade” das

composições coreográficas assistidas, o que de fato é uma das características da GPT. No encontro seguinte, alguns educadores relataram que começaram a olhar para materiais do cotidiano para os quais nunca imaginaram outra função (exemplo dado por eles: pneu), e pensaram outras possibilidades.

Neste encontro, no qual todos os educadores estavam presentes, foi nítida a percepção deles de que a GPT é possível de ser praticada por todos e inclusive, naquele mesmo ambiente. Todos saíram animados para as vivências práticas que teríamos na próxima semana.

Dia 12.09: Neste encontro, no qual 5 educadores estavam presentes, abordamos especificamente o tema “Composições Coreográficas” evidenciando a construção de forma coletiva. Utilizamos como referencial teórico a proposta de ensino da GPT de Pérez Gallardo e Souza (1995), utilizando a exploração de movimentos – com ou sem materiais - de forma individual, depois em duplas, em trios, em quartetos e grupos maiores chamados de “cardume”. Além disso, falamos sobre a utilização de materiais tradicionais e alternativos, de diferentes portes, e nesse momento, exploramos um material de grande porte: o paraquedas. Todos os educadores já conheciam o material pois participaram juntos de uma formação de jogos cooperativos, porém, tiveram a oportunidade de experimentar novas possibilidades.

FIGURA 23. Curso de capacitação – explorando material de grande porte (paraquedas) I



Fonte: Acervo pessoal de Bianca Assumpção

FIGURA 24. Curso de capacitação - explorando material de grande porte (paraquedas) II



Fonte: Acervo pessoal de Bianca Assumpção

Como ilustrado nas imagens acima, buscou-se realizar as vivências práticas em diferentes ambientes, com o objetivo de oportunizar a vivência aos educadores da possibilidade da GPT ser desenvolvida em diferentes espaços (de acordo com as possibilidades de cada ONG), fazendo-os perceber que a GPT é possível de ser praticada não somente dentro de uma sala de ginástica ou num ginásio (com aparelhos oficiais).

Dia 19.09: Neste encontro foi pedido para que os educadores levassem materiais do cotidiano, de suas próprias entidades, não necessariamente esportivos, mas materiais que fizessem parte do dia a dia de suas aulas ou da própria organização. Os materiais levados foram: prancha de EVA, bastões de madeira, mini cones, tablados de EVA e guarda-chuva. Neste encontro, com todos os participantes presentes, exploramos todos os materiais levados de formas diferentes e por fim, numa construção coletiva, foi feita uma composição coreográfica com dois dos materiais explorados anteriormente. Foi interessante notar que a partir desse dia, os educadores passaram a se considerar capazes de compor uma coreografia, de forma coletiva, o que antes parecia distante.

Além disso, no fim do encontro, fizemos um momento de confecção de um material alternativo chamado “barangandã”, mostrando possibilidades de construir os próprios materiais e valorizar o folclore que, segundo Toledo (2011), manifesta de forma expressiva e estética a cultura de um povo, proporcionando uma identificação da região de origem, devido aos elementos que as caracterizam, como a história, lendas e costumes.

A utilização de materiais já existentes nas ONGs, sejam do dia a dia (como os mini cones, bastões, tatames etc), sejam os construídos (como o barangandã), possibilitou realizar a proposta da GPT e evidenciar todas as suas características, o que evidencia a autonomia e a sustentabilidade deste projeto.

Nos encontros em que ocorreram as vivências específicas da GPT, a maior dificuldade encontrada foi estimular nos educadores a criatividade, a ousadia, a autonomia e a confiança. Principalmente no início dos encontros a timidez mostrava-se bastante presente, mas ao longo das atividades eles se envolviam e desenvolviam a atividade com mais leveza. Um fator que facilitou nesse aspecto foi o fato de os educadores já se conhecerem previamente e serem colegas de trabalho, minimizando assim, essa questão da timidez.

FIGURA 25. Curso de capacitação – explorando materiais do cotidiano (mini cones)



Fonte: Acervo pessoal de Bianca Assumpção

FIGURA 26. Curso de capacitação – explorando materiais do cotidiano (tablados de EVA)



Fonte: Acervo pessoal de Bianca Assumpção

FIGURA 27. Curso de capacitação – explorando materiais do cotidiano (bastões de madeira)



Fonte: Acervo pessoal de Bianca Assumpção

FIGURA 28. Curso de capacitação – construindo o “barangandã”



Fonte: Acervo pessoal de Bianca Assumpção

Dia 26.09: No último encontro estavam presentes todos os participantes e fizemos uma rápida revisão de tudo o que havia sido visto anteriormente. Pela conversa deste último encontro foi nítido que o curso agregou novos conhecimentos aos participantes, em aspectos técnicos, motores, conceituais etc. Neste dia, foi realizada novamente a dinâmica feita no primeiro dia com a pergunta “Quando você pensa em GINÁSTICA o que te vem na cabeça?” e apareceram alguns termos como:

- Bem-estar individual e coletivo;
- Expressão corporal;
- Manejo de materiais;
- Acrobacias;
- Sociabilização;
- Criatividade;
- Diversão;
- Habilidades motoras;
- Inclusão;
- Tipos diferentes de ginástica;
- Ginástica competitiva;

Assim como no primeiro encontro, não foi especificado nenhum tipo de ginástica nesta dinâmica, a ideia era conversar sobre a ginástica como um todo, porém, todos os participantes fizeram alusão à Ginástica para Todos. Independentemente disso, é notório que eles terminaram o curso compreendendo a abrangência da ginástica e percebendo

outras possibilidades desse universo, o que para nós, como pesquisadoras, foi gratificante.

Como esclarecido anteriormente, em cada uma das aulas houve ausências de profissionais em algumas datas; mas, em todos os casos, houve a preocupação em avisar previamente. As ausências justificaram-se basicamente por questões de saúde e adequação de cronograma na entidade (substituição de algum professor, atividades canceladas, aumento da demanda etc.). Todos os conteúdos foram disponibilizados por *e-mail* e estavam contidos na apostila também; além disso, em cada início de encontro era feita uma breve recapitulação do conteúdo e atividades desenvolvidas no encontro anterior, tentando sanar, assim, o “prejuízo” dessas ausências.

No período de implementação (fase seguinte), ficou decidido pela coordenação da ONG que os educadores trabalhariam em duplas de acordo com o público que já atendiam normalmente. Portanto, ainda neste encontro, com as duplas já formadas iniciamos a proposta de um planejamento e as mesmas tiveram um tempo para organizar e estruturar um calendário de implementação pensando no seu público, na quantidade de alunos, no tempo disponível etc. Foram definidas informações como: em qual turma eles iriam desenvolver (ou se iriam formar uma nova turma); quanto tempo de aula; principais conteúdos e espaços a serem utilizados.

Por fim, conversamos sobre a possibilidade de participar de um festival de GPT ao final do processo de implementação (dezembro de 2017), meta que estava proposta desde o primeiro encontro com as gestoras e com os educadores. Todos se mostraram animados com esta possibilidade, porém, não ficou definida a participação pois questões de ordem burocrática haveriam de ser confirmadas (verba para ônibus, lanche, autorização dos pais etc).

Este encontro foi extremamente importante para mim, como pesquisadora e educadora, em meio a tantos agradecimentos. Perceber o entusiasmo dos educadores para iniciar o trabalho e perceber que pudemos agregar à formação deles de alguma forma, foi gratificante, mesmo com algumas limitações já identificadas na proposta do próprio curso. Neste momento, todos estão preparados para a segunda fase.

4.3.2. *FASE 2 - Implementação da Ginástica para Todos nas organizações e tutoria*

A implementação da GPT nas organizações, conduzida pelos próprios educadores, durou cerca de 2 meses e foram realizados em média 16 encontros (2 vezes por semana) com as turmas.

A seguir, algumas informações sobre as aulas que foram desenvolvidas neste período de implementação com os alunos, bem como informações acerca das turmas que participaram desse processo.

(A) SOBRE AS AULAS

Primeiramente, no quadro abaixo, estão contidas algumas informações básicas sobre as turmas estabelecidas pelos próprios educadores junto aos seus gestores.

QUADRO 14. Perfil das turmas de GPT formadas nas ONGs

TURMA	DIA E HORÁRIO DAS AULAS	QUANTIDADE DE EDUCADORES	QUANTIDADE DE ALUNOS (EM MÉDIA)	FAIXA ETÁRIA (ANOS)	LOCAL
SBJ Clube da Turma I	Terças e Sextas das 8h às 10h	2	18 a 20	9 a 18	Livre ²⁴
SBJ Clube da Turma II	Terças e Quintas das 8h às 10h	2 ²⁵	18 a 20	6 a 9	Livre
SBJ CCINTER Imbé	Terças, Quartas e Quintas das 13h às 15h	1 ²⁶	20 a 22	6 a 12	Sala de aula ou pátio

Fonte: Autoria própria

Como mencionado acima, as turmas foram criadas a partir do diálogo entre educadores e gestoras, sem qualquer interferência das autoras do projeto. Foram escolhidos os horários em que houvesse a possibilidade de estarem dois educadores para cada turma, considerando também, o horário de trabalho dos educadores e as turmas já existentes. A única turma formada especificamente para esta experiência foi a SBJ Clube da Turma (I), aproveitando um horário em que existia uma turma de handebol, porém, com poucos alunos inscritos. Então, optou-se por alterar o curso promovido e captar outros interessados.

As outras duas turmas já existiam com seus respectivos educadores, porém, sem uma modalidade definida; eram atividades socioeducativas variadas, de acordo com o período, com a quantidade de alunos, com temas emergentes etc. Dessa maneira, essas

²⁴ No caso do SBJ Clube da Turma não foi definido apenas um lugar para o desenvolvimento das aulas, principalmente porque a ONG apresenta uma boa estrutura física que poderia diversificar a prática, como veremos nas imagens seguintes.

²⁵ Como já mencionado anteriormente, um dos educadores participantes tinha formação em Pedagogia e a nível de esclarecimento, este esteve acompanhado de uma profissional de Educação Física em todas as aulas realizadas.

²⁶ Neste período, um dos educadores do CCINTER Imbé foi desligado da ONG e não deu continuidade às próximas etapas, portanto, um professor ficou sozinho na turma.

duas turmas passaram a trabalhar especificamente com a GPT a partir da implementação. Abaixo serão apresentadas imagens das aulas desenvolvidas neste período, enviadas pelos próprios educadores.

FIGURA 29. Implementação da SJS Clube da Turma I – alunos realizando atividades de saltos²⁷



Fonte: Acervo pessoal do educador Paulo Pini

FIGURA 30. Implementação da SJS Clube da Turma I – alunos realizando atividades de saltitos



Fonte: Acervo pessoal do educador Paulo Pini

²⁷ Esta imagem, assim como todas referentes ao processo de implementação, foi autorizada pela própria ONG, que tem o direito de imagem de todas as crianças atendidas, autorizado e assinado pelos pais ou responsáveis.

FIGURA 31. Implementação da SJS Clube da Turma II – alunos realizando atividades de passos



Fonte: Acervo pessoal do educador Paulo Pini

Num primeiro momento os educadores priorizaram o ensinamento de elementos básicos da ginástica (saltos, ondas, giros, saltitos e passos), conforme evidenciam as imagens acima, todos eles aprendidos no primeiro módulo do curso. Segundo depoimentos dos educadores, os alunos e as alunas também não tinham experiência prévia com a ginástica.

FIGURA 32. Implementação da SJS Clube da Turma II – alunos realizando atividades de suspensão (1)



Fonte: Acervo pessoal da educadora Taina Rodrigues

FIGURA 33. Implementação da ONG SJS Clube da Turma II - alunos realizando atividades de suspensão (2)



Fonte: Acervo pessoal da educadora Taina Rodrigues

FIGURA 34. Implementação da ONG SJS Clube da Turma II – alunos realizando atividades de suspensão (3)



Fonte: Acervo pessoal da educadora Taina Rodrigues

Estas imagens mostram a vivência de habilidades motoras, que possuem relação direta com os elementos ginásticos e acrobáticos, com destaque para a suspensão, tão utilizada na ginástica artística. Importante perceber a preocupação dos educadores em utilizar diferentes ambientes e explorar os espaços físicos da ONG, pois no caso das figuras 29, 30 e 31, o ambiente de prática parece ser uma sala de aula e nestas últimas imagens, o próprio parquinho. Não houve nenhuma consulta acerca da utilização de

outros espaços para as atividades, o que mostra que o processo pedagógico e a premissa da autonomia, evidenciados durante todo o processo, estavam sendo alcançados.

FIGURA 35. Implementação da SJS Clube da Turma II – alunos realizando atividades de rolamento



Fonte: Acervo pessoal da educadora Taina Rodrigues

FIGURA 36. Implementação da SJS Clube da Turma II - alunos realizando atividades de equilíbrio



Fonte: Acervo pessoal da educadora Taina Rodrigues

Elementos acrobáticos (como rolamento para frente) e de equilíbrio (como o avião) também foram ensinados e aperfeiçoados.

O uso de aparelhos oficiais da ginástica ocorreu, conforme orientado nos módulos de GA e GR do curso, como ilustra a imagem abaixo. Nota-se que os aparelhos mais comuns da cultura infantil, como a corda, são muito utilizados para o ensino de outras habilidades e na preparação física (aeróbica e coordenação motora) de outros esportes também (TOLEDO, 2016).

FIGURA 37. Implementação da SJS Clube da Turma II – alunos realizando exploração de materiais (corda 1)



Fonte: Acervo pessoal da educadora Taina Rodrigues

FIGURA 38. Implementação da SJS Clube da Turma II – alunos realizando atividades de exploração de materiais (corda 2)



Fonte: Acervo pessoal da educadora Taina Rodrigues

E a exploração de aparelhos ou materiais do cotidiano, já existentes nas ONGs, ocorreu, conforme o vivenciado no curso (no módulo 7), de forma coletiva e colaborativa, também conforme orientado nos aspectos metodológicos para o ensino da GPT.

FIGURA 39. Implementação da SJS Clube da Turma I – alunos realizando atividades de exploração de materiais (pneus)



Fonte: Acervo pessoal do educador Paulo Pini

Estes materiais alternativos, como no exemplo dos pneus, já foram vistos em coreografias de escolas em festivais de GPT; e segundo Barcellos (2008) a utilização desse tipo de material em aula é essencial por despertar interesse e motivação nos alunos. Moura, Carvalho e Cruz (2016) mencionam também a utilização de pneus com crianças de 3 a 10 anos de idade e além de ser um material de exploração para a GPT, o pneu pode ser também uma forma alternativa de construir um trampolim, como fizeram Macedo, Gomes e Lopes (2012) em escolas da cidade de Diamantina.

E sem materiais, parece que as posturas acrobáticas foram sedutoras e bem-sucedidas, causando grande motivação, segundo depoimento dos educadores.

FIGURA 40. Implementação da SJS CCINTER Imbé – alunos realizando atividades acrobáticas



Fonte: Acervo pessoal do educador Diego Oliveira

FIGURA 41. Implementação da SJS Clube da Turma I – alunos realizando atividades acrobáticas (1)



Fonte: Acervo pessoal do educador Paulo Pini

FIGURA 42. Implementação da ONG SJS Clube da Turma I – alunos realizando atividades acrobáticas (2)



Fonte: Acervo Pessoal do educador Paulo Pini

FIGURA 43. Implementação da ONG SJS Clube da Turma I -alunos realizando atividades acrobáticas (3)



Fonte: Acervo Pessoal do educador Paulo Pini

As aulas em que foram vivenciadas algumas formações acrobáticas coletivas tiveram um alto índice de divertimento, segundo os educadores, concordando com Merida, Nista-Piccolo e Merida (2008) quando destacam a cooperação, a confiança em si e nos outros, a autonomia e o prazer permeando a prática da GACRO. Almeida (2016) e Almeida e Bortoleto (2016) destacam o diálogo das acrobacias coletivas com os princípios da GPT, evidenciando a coletividade, a formação humana, a diversidade e o respeito.

Foi possível identificar posturas acrobáticas realizadas anteriormente pelos educadores no curso, acrobacias em duplas, em trios e em grupos, com diferentes níveis de dificuldade; ademais, os educadores relataram que os alunos também criaram outras posturas.

FIGURA 44. Implementação da SJS CCINTER Imbé – alunos confeccionando o “barangandã” (1)



Fonte: Acervo pessoal do educador Diego Oliveira

FIGURA 45. Implementação da SJS CCINTER Imbé – alunos confeccionando o “barangandã” (2)



Fonte: Acervo pessoal do educador Diego Oliveira

Além da exploração de materiais que já existiam nos espaços os alunos puderam construir seu próprio material, neste caso, o “barangandã”. Material este que foi ensinado e explorado durante o curso de capacitação (módulo 7) e que também foi utilizado na coreografia de um dos grupos (no festival).

Durante o período de implementação, foi realizada uma tutoria por parte da pesquisadora, com o objetivo de instruir, auxiliar, dar suporte e empoderar os educadores nesse processo. A seguir, mais informações acerca da tutoria.

(B) SOBRE A TUTORIA

A tutoria foi um processo importante e que se deu desde o primeiro dia de curso por meio de conversas individuais e coletivas no aplicativo *WhatsApp*. Este foi mantido como uma ferramenta de tutoria por se tratar de uma ferramenta ágil e acessível, o que possibilitou diálogos constantes, especialmente depois da implementação das turmas de GPT nas ONGs, com narrativas de como havia sido o processo, abordando aspectos positivos e negativos, com dúvidas sobre os passos seguintes e com o envio de fotografias.

Destaca-se que esta ferramenta criada para a tutoria *online* (via *WhatsApp*) funcionou como um espaço de suporte entre os professores tanto para discussão e trocas durante a realização do curso, quanto para se alimentarem para o prosseguimento do projeto em suas entidades após a finalização do curso, pensando na importância da formação continuada.

A ferramenta funcionou, assim, como um espaço virtual de troca de saberes e experiências, e isso aconteceu sem a interferência da pesquisadora. Ou seja, os educadores tinham autonomia e foram incentivados a alimentar o *WhatsApp* com dúvidas, exemplos, registros das experiências. De maneira geral, foi uma via de mão dupla, havia acompanhamento, incentivo e questionamentos por parte da pesquisadora, mas por outro lado, eles tinham total autonomia para trazer seus relatos e reflexões.

Conforme previsto no projeto, os educadores deveriam se comprometer a participar de um festival de GPT ao final do processo, e durante esta fase de implementação, foi confirmada a participação dos dois serviços (CCINTER Clube da Turma e CCINTER Imbé) no Festival de Ginástica para Todos do Sesc Bom Retiro, que aconteceria no dia 02 de dezembro. Vale salientar, aqui, o esforço por parte da coordenação da ONG para a participação no Festival, já que isso demandou realocação interna de verba²⁸ e mobilização de outros profissionais, e a importância de uma coordenação comprometida, tanto com os educadores quanto com os atendidos. O diálogo

²⁸ Inicialmente, a participação no festival com o transporte cedido pelo Sesc Bom Retiro, porém, a supervisão esportiva do Sesc comunicou que não seria possível viabilizá-lo e então, passando esta informação à coordenação das ONGs o festival se tornou uma dúvida, já que o pedido de transporte para a prefeitura deve ser feito no início de cada ano. Considerando que a participação no festival não estava prevista no começo do ano, não haveria a possibilidade de conseguir o transporte em poucos meses e assim, num esforço louvável da coordenação do Clube da Turma, a situação foi resolvida. Houve realocação na verba de um evento de judô para o transporte do festival, entendendo que esta seria uma experiência nova para todos, diferente das competições de judô que aconteciam mais de uma vez por ano. Ainda, o Clube da Turma se mobilizou em ligar para a coordenação do Convivendo e Aprendendo para oferecer o compartilhamento do transporte.

entre as pesquisadoras do projeto e a coordenação das ONGs também foi de extrema importância para que, acompanhando todas as etapas do projeto, pudessem compreender a relevância dessa participação num evento como este. Pois, segundo Artusi (2008), a participação de grupos em festivais de GPT faz parte da busca da identidade desta prática no Brasil, além de trazer inúmeros benefícios para os que se apresentam, para os que coordenam e para os que assistem.

Após a definição da participação no festival, os educadores iniciaram um processo de composição coreográfica com as turmas, aproximadamente após um mês (8 aulas) da implementação da GPT. A partir disso, a tutoria *online* tornou-se mais frequente, pois havia muitas dúvidas e insegurança, principalmente pelo fato de os educadores não terem experiência prévia com ginástica e composições coreográficas. Por outro lado, esta apresentação com um novo “foco” passou a motivá-los ainda mais e trabalhar com algo antes desconhecido tornou-se um desafio a ser enfrentado.

De acordo com a experiência das pesquisadoras, perspectivou-se uma tutoria presencial, para poder colaborar de forma mais efetiva, inclusive levando análises e propostas para o desenvolvimento do trabalho coreográfico em aspectos que não estavam sendo identificados e notificados como dificuldades e que dessa forma passavam despercebidas, pela pouca experiência dos educadores na área da ginástica (como aspectos relacionados à relação música-movimento, exploração mais diversa do material, segurança dos elementos, posturas acrobáticas etc).

Assim, a tutoria presencial ocorreu durante esse processo de composição coreográfica, em que foram realizadas as seguintes visitas:

QUADRO 15. Encontros presenciais com as ONGs para tutoria

LOCAL	ENCONTRO 1	MOMENTO DA COREOGRAFIA	ENCONTRO 2	MOMENTO DA COREOGRAFIA
SBJ CLUBE DA TURMA 1	07.11.2017	Tema e material escolhido, apenas algumas sequências coreográficas	13.11.2017	Da metade para o fim da coreografia.
SBJ CLUBE DA TURMA 2	08.11.2017	Tema e material escolhido, apenas algumas sequências coreográficas	17.11.2017	Do início para o meio da coreografia.
SBJ CCINTER IMBÉ	12.11.2017	Tema e material escolhido, sem sequências.	28.11.2017	Coreografia quase finalizada

Fonte: autoria própria

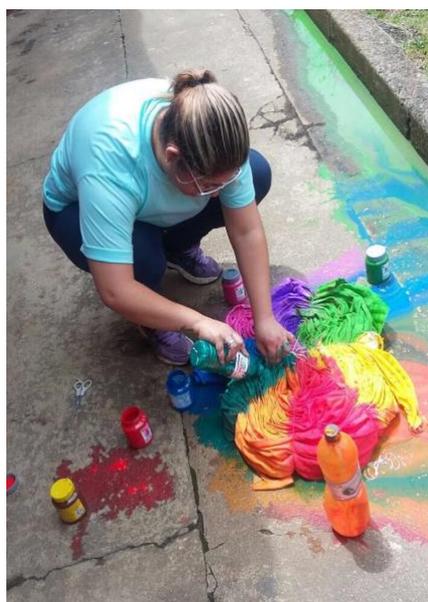
Além do acompanhamento da aula, foram realizadas reuniões com os educadores a fim de dar suporte num momento em que surgiram muitas inseguranças, como mencionado acima. Segundo os próprios educadores, estas conversas presenciais foram de extrema importância para o caminho da composição coreográfica.

Sendo a coreografia um processo de criação coletiva na GPT (SOUZA, 1997; SANTOS e SANTOS, 1999; SCARABELIM e TOLEDO, 2016), os educadores dialogaram com as turmas sobre possíveis temas, materiais e serem utilizados, músicas etc. Um relato de uma das educadoras acerca desse momento de diálogo com as crianças (entre 6 e 10 anos) exemplifica como este processo é importante.

Ao questionar a turma acerca de um possível tema para a coreografia surgiu o tema “Brasil”, e então a educadora perguntou o que poderiam falar sobre o Brasil, e duas respostas chamaram atenção: “podemos falar sobre os políticos que roubam dinheiro” e “podemos falar sobre as crianças ficarem muito tempo no celular e brincar pouco”. As educadoras responsáveis pela turma ficaram felizes pelas reflexões feitas e pela riqueza que este momento proporcionou a todos.

De maneira geral, os educadores relataram que os alunos se mostraram animados para se apresentar no festival e gostando de criar e ensaiar a coreografia. Além disso, os próprios educadores mostraram-se surpresos com algumas ideias e sugestões vindas dos alunos. Na foto abaixo, a transformação de cortina branca (existente na ONG) em um tecido colorido, material a ser utilizada por uma das turmas (Clube de Turma I).

FIGURA 46. Educadora Nicole Costa na transformação da cortina



Fonte: Acervo pessoal de Taina Rodrigues

FIGURA 47. Tecido colorido após tintura



Fonte: Acervo pessoal de Taina Rodrigues

Finalizando este processo, foi realizada também a tutoria para a inscrição no festival, auxiliando no preenchimento da ficha de inscrição (disponível no ANEXO E) e nas descrições da coreografia, pois eles nunca haviam participado de um evento como este.

4.3.3. FASE 3 - Participação das organizações em festival de GPT

A participação dos 3 grupos formados pela ONG Social Bom Jesus (2 grupos do CCINTER Clube da Turma e 1 grupo do CCINTER Imbé) deu-se no dia 2 de dezembro na unidade do Sesc Bom Retiro.

O *Festival de Ginástica para Todos* do Sesc Bom Retiro foi composto pela apresentação de 11 composições coreográficas, dentre elas grupos universitários, grupos de escolas, de prefeituras e de outras unidades do Sesc.

FIGURA 48. Programa oficial do Festival de Ginástica para Todos do Sesc Bom Retiro²⁹

FESTIVAL DE GINÁSTICA PARA TODOS
SESC BOM RETIRO
ORDEM DAS COREOGRAFIAS

ORDEM	GRUPO	COREOGRAFIA
1	CEU Alvarenga	Albatroz
2	SESC Belenzinho	Caos
3	CIA Rosana Marques	Desconstruindo <u>Amélia</u>
4	EMEF Giuseppe <u>Tavolara</u>	Água, fonte de vida!
5	SESC Bom Retiro	
6	CEU Alvarenga	Festa Junina
7	ONG Convivendo e Aprendendo	Felicidade no crescer
8	SESC Belenzinho	
9	ONG Clube da Turma	Vem viver!
10	CIA Rosana Marques	O mundo
11	ASSEDEC	Segue o seco
12	Colégio Liceu Jardim	Os guardiões da floresta
13	GYMNUSP	Quem se importa?
14	ONG Clube da Turma	Libertação e Alegria
15	CIA Rosana Marques	Vitória
16	ASSEDEC	<u>Melting Pot</u>
17	Grupo Abaré	Forró de Cordel

Fonte: Documento enviado por *e-mail* por Mariana Martelli (supervisora de esportes do Sesc Bom Retiro)

No dia do festival, todos os alunos da ONG Social Bom Jesus chegaram juntos e acompanhados dos educadores e dos coordenadores. Tanto os alunos quanto os educadores pareciam estar ansiosos para mostrar o que haviam preparado e curiosos para conhecer o novo.

²⁹ Este documento foi enviado com estas mesmas lacunas em branco, possivelmente pela falta da informação até o momento de envio do mesmo.

FIGURA 49. Integrantes do grupo de ginástica da SBJ Clube da Turma (II) a caminho do festival³⁰



Fonte: Acervo pessoal da educadora Taina Rodrigues

Seguindo o cronograma do evento, os grupos realizaram um ensaio para se ambientar com o espaço que, evidentemente, era novo e diferentes para eles. O CCINTER Imbé apresentou um pouco mais de dificuldade pois utilizava na ONG um espaço três vezes menor do que o do festival.

FIGURA 50. Ensaio do CCINTER Imbé no Sesc Bom Retiro



Fonte: Acervo pessoal de Taina Rodrigues

³⁰ As imagens do festival que envolvem os menores foram autorizadas pelos pais e/ou responsáveis, por meio de um termo enviado pelo SESC. No caso das imagens de acervo pessoal dos educadores, os mesmos estão autorizados a utilizar as imagens dos menores, seja de aulas, seja de eventos, por meio de um documento da própria ONG, assinado também pelos pais e/ou responsáveis.

FIGURA 51. Ensaio do CCINTER Clube da Turma II
no Sesc Bom Retiro



Fonte: Acervo pessoal de Taina Rodrigues

FIGURA 52. Ensaio do CCINTER Clube da Turma I
no Sesc Bom Retiro



Fonte: Acervo pessoal de Taina Rodrigues

Este momento foi importante para que os alunos começassem a se soltar e conhecer um pouco do trabalho dos outros grupos. Ao mesmo tempo, assistir ao ensaio de alguns grupos realizando acrobacias de alto nível técnico, causou certa insegurança tanto nos alunos quanto nos educadores. Um dos educadores chegou a falar: “Estou um pouco envergonhado, minhas crianças mal fazem os rolamentos com perfeição. Estamos realmente no lugar certo?”. Essa reação por parte dos educadores já era esperada, porém, o Festival do Sesc Bom Retiro, bem como a maioria dos festivais de GPT, busca uma

participação ampla e diversa “de e para todos”, fazendo deles um espaço democrático, sem a presença de normatizações, e permitindo manifestações com grande diversidade técnica e estética (BORTOLETO, 2008).

Com o andamento do evento todos foram tranquilizando-se e sentindo-se mais à vontade. Os grupos começaram a se organizar para a tão esperada apresentação.

FIGURA 53. Preparação para a apresentação



Fonte: Acervo pessoal de Taina Rodrigues

FIGURA 54. Concentração antes da apresentação



Fonte: Acervo pessoal de Taina Rodrigues

É dado, então, o início do Festival de Ginástica do Sesc Bom Retiro. Abaixo e separadamente, fotos de cada grupo e descrição das coreografias:

CCINTER Clube da Turma I

FIGURA 55. Pré-apresentação Clube da Turma I



Fonte: Acervo pessoal de Taina Rodrigues

FIGURA 56. Apresentação Clube da Turma I (1)



Fonte: Acervo pessoal de Taina Rodrigues

FIGURA 57. Apresentação Clube da Turma I (2)



Fonte: Acervo pessoal de Taina Rodrigues

FIGURA 58. Apresentação Clube da Turma I (3)



Fonte: Acervo pessoal de Taina Rodrigues

Coreografia: Vem viver!

Música: Living la vida loca

Nº de participantes: 15

Material utilizado: Tecido

CCINTER Clube da Turma II

FIGURA 59. Pré-apresentação Clube da Turma II



Fonte: Acervo pessoal de Taina Rodrigues

FIGURA 60. Apresentação Clube da Turma II (1)



Fonte: Acervo pessoal de Taina Rodrigues

FIGURA 61. Apresentação Clube da Turma II (2)



Fonte: Acervo pessoal de Taina Rodrigues

FIGURA 62. Apresentação Clube da Turma II (3)



Fonte: Acervo pessoal de Taina Rodrigues

Coreografia: Libertação e Alegria

Música: Magalena

Nº de participantes: 11

Material utilizado: Bastões de madeira

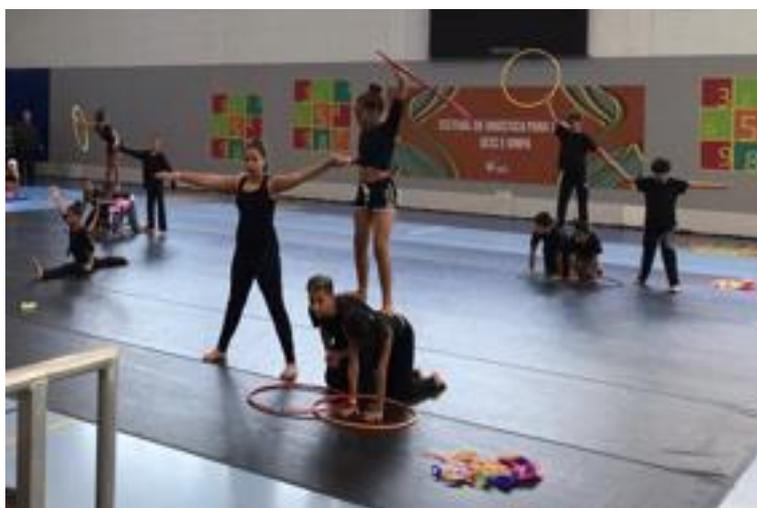
CCINTER Imbé

FIGURA 63. Pré-apresentação CCINTER Imbé



Fonte: Acervo pessoal de Taina Rodrigues

FIGURA 64. Apresentação CCINTER Imbé (1)



Fonte: Acervo pessoal de Taina Rodrigues

FIGURA 65. Apresentação CCINTER Imbé (2)



Fonte: Acervo pessoal de Taina Rodrigues

FIGURA 66. Apresentação CCINTER Imbé (3)



Fonte: Acervo pessoal de Taina Rodrigues

Coreografia: Felicidade no crescer

Música: Happy

Nº de participantes: 16

Materiais utilizados: Barangandã e arco

A participação dos grupos no festival foi um ponto alto da pesquisa. Como pesquisadora, foi como reconhecer o fruto de um trabalho, preparado e pensado com dedicação, a fim de atingir um novo público e com o desejo de que isso se multiplique. Como professora e amante da GPT, foi emocionante ver a alegria das crianças ao se apresentarem, o encantamento com o novo, o orgulho de receber aplausos de tantas pessoas, sem contar a satisfação dos educadores que em alguns casos, se traduziu em lágrimas. O festival teve um papel importante como catalisador no sentido de dinamizar, estimular e motivar o processo e seus envolvidos.

A pesquisadora e a orientadora deste projeto refletiram sobre um aspecto importante no processo metodológico do projeto, que não contemplava a coleta de depoimentos das crianças após a apresentação. Como cientistas, membros e coordenadoras de grupo de GPT, sabemos que este momento é único e traz experiências incríveis. Estes depoimentos seriam importantes para nós pesquisadoras, mas também para os educadores, como um reconhecimento pelo trabalho desenvolvido e a certeza de que ele valeu a pena.

Assim, foi solicitado aos educadores que colhessem depoimentos das crianças perguntando “o que eles haviam achado de se apresentar”. Estes depoimentos foram enviados em formato de vídeo à pesquisadora, que transcreveu os mesmos, somente como caráter ilustrativo desta experiência, uma vez que este procedimento não estava previsto no projeto encaminhado ao Comitê de Ética em pesquisa. Deste modo, os depoimentos foram colhidos para ser uma devolutiva (*feedback*) para os próprios educadores e gestores. Abaixo trechos dos depoimentos:

- *“Eu fiquei morrendo de vergonha, só que achei muito legal apresentar aqui.”*
- *“Eu gostei muito da apresentação, foi bem divertida.”*
- *“Eu gostei da parte que todo mundo começou a gritar para gente.”*
- *“Eu gostei dessa ginástica porque envolve a dança, a ginástica, você aprende várias coisas. Eu ensaiei muito para apresentar aqui no Sesc e eu gostei muito porque foi muito legal.”*
- *“Quando eu fui apresentar eu senti algo muito legal e eu amei a ginástica.”*
- *“Eu gostei muito da ginástica, achei uma coisa diferente, até mesmo as pessoas mais velhas estavam fazendo, um monte de criança pequena fazendo estrelinha. Achei muito legal a nossa coreografia e a ginástica.”*

- *“Eu gostei muito de treinar e gostei mais ainda de apresentar aqui no Sesc”;*
- *“A parte que eu mais gostei foi quando eles bateram palma para gente”.*

Os trechos acima mostram o quanto a experiência de se apresentar no festival foi rica para as crianças. Alguns termos se repetem em várias falas: palmas, legal, treino, apresentação, diversão. Podemos então, traçar eixos transversais identificados em vários discursos: realização, superação, emoção e alegria. Embora não tenha sido relatada, pode ser que tenha havido alguma experiência que não tenha sido tão significativa ou até mesmo frustrante.

O último trecho citado chamou-nos atenção (“A parte que eu mais gostei foi quando eles bateram palma para gente”). Nesse sentido, podemos refletir o quão importante foi para aquelas crianças se sentirem protagonistas e receberem o aplauso e o calor de tanta gente, cena que não deve ser comum no ambiente em que vivem.

O ambiente de um festival de GPT reúne universos distintos, seja em idade, seja em proposta, seja em nível técnico, e a todo momento as pessoas são surpreendidas com diferentes possibilidades. Segundo Patrício, Bortoleto e Carbinatto (2016): “Os Festivais Ginásticos consistem em eventos no qual diversas possibilidades gímnicas são apresentadas visando em sua maioria, o conagraçamento e o intercâmbio entre praticantes e seu viés com uma identidade nacional”. Nesse contexto, todos têm a possibilidade de ser protagonistas e de mostrar o que sabem fazer de melhor, dentro de suas potencialidades e limitações. Acolhedor, amigável, inspirador, diversificado, surpreendente. É um cenário onde o “esporte para todos” realmente acontece.

Para os educadores não foi pedido nenhum depoimento, porém, a maioria se manifestou voluntariamente após o festival, enviando mensagens pela ferramenta *WhatsApp*. Alguns trechos dos depoimentos abaixo:

- *“Bianca, o que foi isso hoje? Não sei explicar a felicidade que estou sentindo, amei de paixão. Esse momento de aprendizado foi lindo. Obrigada por passar seu conhecimento para nós.”*
- *“Foi muito emocionante, acho que fiquei sem respirar nas três apresentações. E ver que todo o esforço foi recompensado com os aplausos e principalmente com o sorriso de cada um é muito gratificante mesmo. Obrigado por proporcionar essa vivência inesquecível”.*

- *“Foi um dia realmente especial para todos nós. Fazer algo que fugia totalmente das minhas atribuições me fez descobrir mais uma área que faz sentir orgulho da minha formação. Quero agradecer a você Bianca por ter dado todo o suporte e apoio na montagem de tudo, porque tenho certeza que se você não estivesse presente todos os dias, seja visitando ou por meio do WhatsApp, não teríamos alcançado o objetivo final com tanto êxito. Muito obrigado pela oportunidade e também por tudo que passamos desde o dia da reunião.”*

- *Estou em êxtase, preciso falar. Eu não consigo demonstrar minha felicidade, nós fizemos alterações grandes por conta de ausência e eles fizeram tudo direitinho. [...] Não tem recompensa maior do que ter feito uma plateia que talvez já esteja acostumada com tudo isso, se surpreender, fazer eles darem risada. Teve horas que eles riram, teve horas que eles aplaudiram, teve horas que eles gritaram, não tem melhor sensação que essa. Eu vi muitas coreografias muito legais, super elaboradas e tudo, e não me senti pequena, porque realmente foi muito bom. Saiu tudo como esperávamos, eu achei maravilhoso. Eu espero realmente que este projeto continue, a gente só quer crescer com isso. Se em pouco tempo conseguimos fazer algo tão legal, imagina com mais tempo?”*

Os depoimentos acima são reflexos de todo o processo que construímos juntos. Um período de trocas de experiência, de se abrir e mergulhar em algo novo, de se desafiar e provocar os alunos também. Um processo que pareceu encerrar naquele momento, mas que na verdade, pode ser o início de um trabalho para eles e toda aquela comunidade.

Refletindo sobre o processo de intervenção como um todo pode-se destacar a participação e o envolvimento dos educadores como ponto alto e facilitador do processo, e o tempo curto para a capacitação e para a implementação como pontos a serem repensados. Os resultados mostrados acima explicitam o quão significativa foi essa experiência para todos os envolvidos - professores, gestores, alunos, pais e pesquisadoras – mas ainda assim, considera-se que uma capacitação e uma implementação organizadas num maior espaço de tempo, podem constituir um processo ainda mais efetivo e impactante.

4.4. Análise dos questionários: quarta etapa

Conforme exposto no capítulo 4 (Método), a quarta e última etapa dos resultados terá foco na análise dos dados obtidos por meio do questionário aplicado aos participantes do projeto que concluíram sua participação em todas as etapas anteriores, totalizando 5 educadores. Este questionário, foi enviado por meio da ferramenta *Google Forms* no dia 04 de dezembro (dois dias após a participação no festival), e todas as respostas foram obtidas até o fim daquele mês. Com perguntas abertas e fechadas, este instrumento foi estruturado da seguinte forma:

BLOCO (1) - Dados Pessoais (questões de 1 a 7); refere-se a perguntas sobre idade, gênero, formação e trabalho desenvolvido em sua entidade, objetivando melhor traçar o perfil do participante da pesquisa.

BLOCO (2) - Esporte e Ginástica nas ONGs (questões de 8 a 11); refere-se a perguntas sobre a promoção do esporte e da ginástica na entidade, buscando também diagnosticar se há um conhecimento específico acerca da Ginástica Para Todos.

BLOCO (3) - Processo de Capacitação em GPT (questões de 12 a 16); refere-se a perguntas sobre o curso de capacitação de maneira geral, buscando entender o que foi mais relevante em cada módulo, qual módulo foi mais significativo, bem como de que forma o curso impactou na formação dos educadores.

BLOCO (4) - Processo de Implementação de GPT nas ONGs (questões de 17 a 23); refere-se a perguntas acerca de todo o período de implementação, no intuito de analisar o perfil das turmas formadas, as dificuldades e facilidades encontradas durante o processo, aceitação por parte de todos os participantes (alunos, educadores e funcionários) e a viabilidade dessa implementação para uma manutenção na prática nesse contexto.

BLOCO (5) - Sobre a Tutoria (questões 24 e 25); refere-se as perguntas sobre a tutoria presencial e *online* ofertada pela autora do projeto, buscando compreender seu papel durante todo o processo, pelo olhar dos educadores.

BLOCO (6) - Participação no Festival de GPT (questão 26) e comentários gerais; refere-se a perguntas sobre o papel da participação no festival por parte dos educadores, dos alunos e da entidade, além de uma questão aberta para comentários gerais.

Para esta fase descritiva da pesquisa (TRIVINOS, 1987) será preferencialmente utilizada uma análise qualitativa, baseada na análise de conteúdo de Bardin (2011),

Porém, alguns dados, como é o caso do primeiro bloco de perguntas, também serão analisados quantitativamente, utilizando a proposta de Kerlinger (1980, p.171) que tem como objetivo: “[...] determinar a incidência e a distribuição das características [...]” encontradas no instrumento de pesquisa.

4.4.1. BLOCO (1) – Dados pessoais

Apresenta-se aqui um quadro geral que mostra o perfil dos educadores que participaram da pesquisa, englobando as questões de 1 a 7 com dados acerca da idade, sexo, formação profissional, entidade onde trabalha, tempo de trabalho da referida entidade, atividades desenvolvidas atualmente e outras atividades já desenvolvidas nesta ou em outra entidade.

QUADRO 16. Perfil dos participantes da pesquisa (questões de 1 a 7)

SUJEITO	IDADE	SEXO ³¹	FORMAÇÃO	ENTIDADE	TEMPO	ATIVIDADES	OUTRAS ³²
01	30	M	Graduação em Educação Física e Pós-graduação em Futebol e Futsal	SBJ CCINTER Clube da Turma	3 anos	Futsal	Futsal, vôlei, handebol, basquete e ginástica para terceira idade
02	29	F	Graduação em Educação Física	SBJ CCINTER Clube da Turma	6 anos	Atividades socioeducativas	-
03	22	F	Graduação em Pedagogia (em andamento)	SBJ CCINTER Clube da Turma	4 anos	Atividades socioeducativas	-
04	31	F	Graduação em Educação Física	SBJ CCINTER Clube da Turma	9 anos	Judô	Judô, natação e recreação
05	28	M	Graduação em Educação Física	SBJ CCINTER Imbé - Convivendo e Apreendendo	5 anos	Judô e atividades socioeducativas	Judô, futebol e handebol

Fonte: Autoria própria

³¹ Para a categoria “SEXO” será designado (M) para masculino e (F) para feminino.

³² No caso dessa pergunta, “OUTRAS” refere-se às atividades desenvolvidas em outras entidades sociais.

A partir destes dados foi possível destacar alguns pontos acerca do perfil geral dos participantes:

- os cinco estão na faixa etária entre 22 e 31 anos;
- dois participantes homens e 3 participantes mulheres;
- quatro participantes formados em Educação Física e um participante cursando Pedagogia;
- Quatro participantes trabalham no CCINTER Clube da Turma e 1 no CCINTER Imbé;
- os participantes têm no mínimo 3 anos de trabalho na atual entidade;
- dois participantes trabalham com modalidades esportivas (futsal e judô), dois trabalham com atividades socioeducativas (não especificadas nas respostas) e um trabalha com as atividades socioeducativas (também não especificadas) e esportivas (judô).
- somente um participante teve vivência com ginástica profissionalmente.

Identificamos que os participantes são relativamente jovens, com **idades** entre 22 e 31 anos e, embora sejam uma maioria recém-formada (exceto um participante que ainda se encontra em formação), apresentam no mínimo 3 anos de trabalho em suas respectivas entidades. Nota-se também, por meio da resposta sobre “outras” atividades desenvolvidas em outras entidades que, para dois dos participantes tratava-se da primeira experiência de trabalho na área.

Outra questão interessante refere-se ao **sexo** dos participantes, sendo três mulheres e dois homens. Mesmo sendo uma amostra pequena, ela está em consonância com a realidade das ONGs no Brasil, especialmente no que se refere à força de trabalho neste setor. Segundo uma pesquisa realizada pela ABONG (Associação Brasileira das ONGs) em 2002, as mulheres representavam 65,7% dos funcionários das ONGs associadas, número este que pode ter aumentado ainda mais segundo tendências do mercado de trabalho.

Alguns motivos para esta predominância foram apontados nessa pesquisa: a assistência social ter um papel culturalmente reservado às mulheres; as mulheres serem maioria já na escolha dos cursos de graduação que mais se aproximam ao trabalho social (psicologia, serviço social e sociologia); a remuneração ser baixa em sua grande maioria, o que afasta a procura dos homens por este serviço já que são tradicionalmente cobrados por maiores recursos financeiros. Assim, nossos dados apresentam uma proximidade com este índice, ao mesmo tempo que também aponta uma maior equidade entre gêneros na

atuação neste setor, o que pode ter sido um acaso ou uma nova perspectiva que está se consolidando no mesmo.

Quanto à **formação** profissional dos participantes, os dados apontam que quatro são formados em Educação Física e um está em formação de Pedagogia, ressaltando que a formação em Educação Física foi um dos critérios para a participação das entidades na pesquisa, e como mencionado nos resultados da primeira etapa (capítulo 5.1), foi o critério mais limitante para a definição da amostra. Além disso, apenas um dos participantes apresenta pós-graduação (em futsal e futebol).

As **atividades** desenvolvidas atualmente por cada sujeito em sua entidade mostram a prevalência dos esportes coletivos tradicionais (futsal, handebol, basquete e vôlei), como ocorre também no âmbito escolar (SILVA e SAMPAIO, 2012; BRACHT e GONZÁLEZ, 2015; DARIDO, 1999) além da presença de esportes individuais como judô e natação e, por fim, atividades voltadas à proposta socioeducativa.

Vale salientar que apenas um dos participantes apontou experiência profissional anterior com ginástica, citando a “ginástica para terceira idade”. Esta prática associa-se com uma abordagem voltada ao condicionamento físico e a atividade física para a manutenção da saúde e é, sem dúvida, o tipo de ginástica mais praticado no âmbito nacional.

Como mencionado no método desta pesquisa, a análise de conteúdo de Bardin (2011) se dá em três momentos, os quais podem ser chamados de reduções, sendo elas: Unidades de Contexto (UC), Unidades de Registro (UR) e Categorização. Assim, a partir do segundo bloco (2) os resultados poderão ser apresentados das seguintes maneiras:

- análise quantitativa, contemplada por gráficos e quadros;
- análise de conteúdo proposto por Bardin (2011) passando por todas as reduções: unidades de contexto (UC), unidades de registro (UR) e categorização.

Abaixo, serão apresentadas e analisadas as questões do próximo bloco:

4.4.2. BLOCO (2) – Esporte e Ginástica nas ONGs

Neste bloco, serão analisadas perguntas acerca da promoção do esporte e da ginástica de maneira geral na entidade dos participantes. Além disso, será diagnosticado o conhecimento ou não da GPT por eles, previamente ao início deste projeto. Assim, a análise inicia-se com a questão 8:

Questão 8: “*De que maneira sua entidade contribui para a promoção do esporte?*”

Unidades de Contexto

Baseado nos depoimentos dos participantes, identificamos as Unidades de Contexto (UC) apresentadas no quadro a seguir.

QUADRO 17. Unidades de Contexto da questão 8

SUJEITO	UNIDADE DE CONTEXTO (UC)
01	Ser um espaço de atividades culturais e esportivas.
02	Promovendo iniciação nas modalidades esportivas.
03	Espaço físico repleto de locais próprios para esporte; Temos muitos materiais esportivos; Profissionais de Educação Física que promovem várias modalidades.
04	Oferecendo dinâmica e ânimo para o dia a dia.
05	Promovendo atividades esportivas; Entrelaçando com os temas socioeducativos.

Unidades de Registro

A partir das Unidades de Contexto (UC) foram identificadas as Unidades de Registro (UR):

QUADRO 18. Unidades de Registro da questão 8

SUJEITO	UNIDADE DE REGISTRO (UR)
01	UR 01 – Atividades culturais UR 02 – Atividades esportivas
02	UR 03 – Modalidades esportivas
03	UR 04 – Espaço físico UR 05 – Materiais esportivos UR 06 – Profissionais de Educação Física
04	UR 07 – Dinâmica e ânimo
05	UR 08 – Atividades esportivas

Categorização

Partindo do levantamento das unidades de registro, foram identificados 3 grupos, os quais serão denominados categorias, pois correspondem a um grupamento de ideias a partir de suas similaridades, conforme exposto por Bardin (2011).

As unidades de registro (UR) suscitaram as seguintes categorias:

Atividades relacionadas ao esporte: Atividades sociais e culturais associadas ao esporte.

Atividades esportivas: oferecimento de diferentes modalidades esportivas como judô, futsal, vôlei e handebol.

Estrutura física: Instalações, aparelhagem esportiva, materiais e equipamentos utilizados em aula.

Profissionais: Profissionais com formação adequada para trabalhar com esporte.

A partir do estabelecimento destas categorias, elaborou-se uma tabela contemplando a frequência que as unidades de registro aparecem:

QUADRO 19. Categorização da questão 8

CATEGORIA	FREQUÊNCIA (UR)
Atividades relacionadas ao esporte	01, 02, 07
Atividades esportivas	02, 03, 08
Estrutura física	04, 05
Profissionais	06

Fonte: A autoria própria

Quanto à contribuição para a promoção do esporte, os participantes destacam dois principais pontos: a presença das *atividades relacionadas ao esporte* e das *atividades esportivas*. Como já mencionado na categorização, as *atividades relacionadas* contemplam atividades voltadas ao desenvolvimento cultural e social dos mais variados tipos conforme as propostas das próprias entidades (contidas no capítulo 5.2): artesanato, corte e costura, musicalização, percussão, atividades recreacionais e etc.

Embora não seja o carro-chefe dessas entidades, é possível perceber o quanto se preocupam em promover o esporte por meio das *atividades esportivas* (esportes coletivos e individuais, diferentes estilos de dança, atividades físicas e condicionamento físico), entendendo seu benefício nesse contexto, conforme explicitam os autores Neto, Dantas e Maia (2015).

Quanto à *estrutura física* adequada contribuindo para a promoção do esporte, vale salientar que o Clube da Turma conta com um espaço mais amplo e com mais possibilidades que o Imbé, o que demanda adaptações quanto ao tipo de atividades desenvolvidas, como já mencionado na definição das amostras. De qualquer maneira, é visível que os dois serviços apresentam grande preocupação com a utilização e manutenção de seus espaços físicos.

Por último, e não menos relevante, um participante citou a presença de *profissionais* de Educação Física como forma de promover o esporte na entidade, no sentido de diversificar atividades e contribuir com práticas pedagógicas aplicadas ao esporte. Cabe comentar, que esta menção foi realizada pelo único sujeito que não tem formação em Educação Física, evidenciando o valor que este profissional tem dentro da própria entidade.

Nesse contexto, pode-se perceber que as entidades contribuem não só para a promoção do esporte mas para atingir seu principal objetivo que é a promoção do desenvolvimento humano (ARAÚJO e OLIVEIRA, 2010).

A questão 8 abordou aspectos da promoção do esporte nas entidades, a questão 9, na sequência, vai tratar sobre a prática da ginástica como um todo.

Questão 9: “ *A ginástica já foi promovida na sua entidade antes do início deste projeto?*”
Se SIM, quais tipos?”

Como esta questão envolve a promoção da ginástica pela entidade, a análise será feita a partir do serviço onde atuam os profissionais atualmente, e não a partir dos sujeitos individualmente.

QUADRO 20. Respostas obtidas na questão 9 sobre a promoção da ginástica na entidade onde trabalham

SUJEITO	SIM ou NÃO	SERVIÇO	TIPOS DE GINÁSTICA
01	Não	CCINTER CLUBE DA TURMA	-
02	Não		-
03	Não		-
04	Não		-
05	Sim	CCINTER IMBÉ	Condicionamento físico

Fonte: Autoria própria

Levando em consideração que os sujeitos 01, 02, 03 e 04 representam o CCINTER Clube da Turma e o sujeito 05 representa o CCINTER Imbé, pode-se dizer que um dos serviços da ONG SBJ promove a ginástica e o outro não. Importante notar que promoção da ginástica é feita pelo serviço que apresenta uma estrutura física limitada, com poucas opções para a prática da atividade física. Relacionando com a questão anterior, podemos refletir se o Clube da Turma dá prioridade à outros tipos de esportes (esportes coletivos, aquáticos, radicais etc) que demandam maior estrutura física, enquanto o Imbé busca

outras atividades que não demandam de tamanha estrutura, como por exemplo a dança, o judô, e a ginástica de condicionamento.

Quanto ao tipo de ginástica, a de *condicionamento físico* é a única que aparece e, segundo a literatura, é a prática de ginástica mais encontrada nas instituições do terceiro setor (ASSUMPCÃO e TOLEDO, 2017). Mesmo tendo uma amostra limitada, esta questão reforça a lacuna da ginástica nas ONGs de maneira mais ampla, e especialmente de outros tipos de ginástica que não as de condicionamento físico, como as desportivizadas e a GPT.

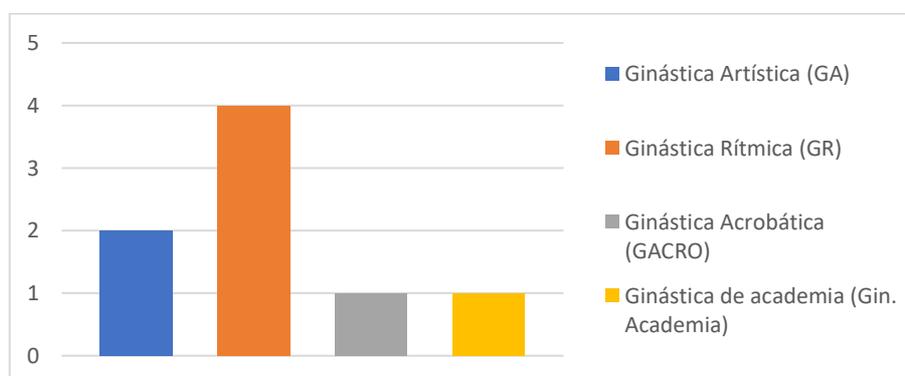
No campo teórico, a possível relação entre a ginástica de condicionamento e a GPT, foco deste trabalho, não se dá pelos seus campos de atuação, já que há uma distinção entre as duas práticas (SOUZA, 1997). No entanto, é possível encontrar composições coreográficas de GPT que se utilizam da ginástica de condicionamento como um de seus conteúdos.

Buscando extrapolar o campo de atuação dos participantes nas entidades, a próxima questão vai abordar os tipos de ginástica que eles conheciam anteriormente ao início da intervenção.

Questão 10: “*Quais tipos de Ginástica você já conhecia?*”

O gráfico abaixo foi criado para a análise quantitativa e, posteriormente, os dados serão apresentados também num quadro, a fim de analisar-se qualitativamente.

GRÁFICO 4. Respostas obtidas questão 10 sobre os tipos de ginástica que os participantes conheciam previamente ao início do curso



Fonte: Autoria própria

Em relação aos tipos de ginástica previamente conhecidos pelos participantes, destacaram-se a Ginástica Rítmica (GR), citada por quatro participantes e a Ginástica

Artística (GA) por dois participantes, o que não é coincidência já que estas são as duas modalidades gímnicas mais presentes nos currículos da graduação em Educação Física (BARBOSA, 1999). Além disso, GR e GA são as modalidades de maior veiculação na mídia, principalmente porque as equipes brasileiras de ginástica têm conseguido melhores resultados e conquistado medalhas nessas modalidades, principalmente na GA.

Mesmo que em menor proporção, a Ginástica Acrobática e de Academia também foram citadas, enquanto outros tipos (Ginástica Aeróbica, Ginástica para Todos, Ginástica Laboral etc) não tiveram nenhuma menção. No quadro abaixo, para uma análise qualitativa, estão especificadas as respostas de cada sujeito.

QUADRO 21. Respostas obtidas na questão 10 sobre os tipos de ginástica que cada participante conhecia previamente ao início do curso

SUJEITO	TIPOS
01	Todas ³³
02	GA, GR, GACRO, Ginástica de academia
03	GR
04	GR
05	GA e GR

Fonte: Autoria própria

Aqui cabe ressaltar que o sujeito 05 foi o único que, na questão anterior, indicou ter experiência profissional com a ginástica de condicionamento físico, porém, nesta questão ele aponta apenas a GA e a GR como tipos de ginástica de conhecimento prévio.

Vale ainda analisar que, como citado no capítulo 5.3.1 (Curso de Capacitação), no primeiro dia de encontro houve uma dinâmica na qual foi perguntado aos participantes “o que era ginástica para eles e os tipos de ginástica que conheciam”, e nenhum deles falou nas modalidades referidas no questionário (GA, GR, GACRO). Por outro lado, nesta mesma dinâmica citada, quase todas as menções foram relacionadas à ginástica de academia ou de condicionamento físico, e no questionário, apenas um dos participantes indicou este tipo de ginástica.

A aplicação do questionário realizada posteriormente ao curso, parece ter influenciado nesse tipo de questão, devendo-se ao fato de terem vivenciado algumas modalidades gímnicas específicas no curso (GA, GR, GACRO e GPT). Mas a vivência no curso também pode ter sido um ativador de memória das experiências vividas na graduação ou observadas pela mídia, trazendo aos participantes uma maior certeza acerca

³³ A resposta foi desconsiderada nesta análise pois a compreensão não se fez possível neste caso.

da denominação (nomenclatura) de ginástica que eles já tiveram contato, de forma direta ou indireta, em todo o seu processo de formação, conforme já debatido no capítulo 2.

O participante que responde “Todas” não deixa claro se seriam todos os tipos de ginástica existentes, todas as apresentadas no curso, ou ainda todas as vivenciadas por eles. Dessa maneira, a resposta foi desconsiderada para a análise. Entendendo quais os tipos de ginástica os participantes já conheciam, buscou-se na questão 11, saber especificamente sobre a GPT.

Questão 11: *“No caso específico da Ginástica para Todos, você já conhecia? Se SIM, como?”*

Para a análise qualitativa, as respostas dos sujeitos no quadro a seguir:

QUADRO 22. Respostas obtidas na questão 11 sobre o conhecimento específico da Ginástica para Todos

SUJEITO	RESPOSTA
01	Sim
02	Não
03	Não
04	Não
05	Sim

Fonte: Autoria própria

Quando questionados sobre o conhecimento específico da Ginástica para Todos referente, percebe-se que a maioria dos participantes não conheciam a Ginástica Para Todos, o que não é surpresa visto que na resposta anterior nenhum deles a mencionou.

Por outro lado, o sujeito 05 que diz conhecer a GPT, também não a menciona na questão 10, o que revela certa incoerência. O sujeito 01 que também afirma conhecer a GPT é o mesmo que responde conhecer “Todas” as ginásticas na questão anterior, impossibilitando a análise. Dessa maneira, fica incerto o real conhecimento dos dois sujeitos em questão.

Segundo Ayoub (2003), Toledo e Schiavon (2008), Paoliello et al (2014), a GG e, por conseguinte a GPT, é uma prática relativamente nova no Brasil, instituída oficialmente na década de 80 pela CBG, e tendo sido integrada gradativamente aos currículos de formação profissional em EF e Esporte, a partir da década de 90 (marco do referencial teórico a partir da produção da Unicamp). Também por ser relativamente nova, e por seu caráter essencialmente demonstrativo, ainda é pouco veiculada pela mídia. Nesse contexto, as respostas dos participantes não surpreendem, embora o estado de São

Paulo, e a capital, tenham proximidade de acesso aos saberes, festivais e cursos promovidos pela Unicamp, fazendo com que esse “conteúdo” aparecesse em seus respectivos currículos.

Abaixo, será discutido “COMO” os participantes conheceram a GPT.

QUADRO 23. Respostas obtidas na questão 11 sobre como os participantes conheceram a Ginástica para Todos

SUJEITO	COMO?
01	Na faculdade, como Ginástica Geral.
02	-
03	-
04	-
05	Na faculdade, como Ginástica Geral.

Fonte: Autoria própria

Levando em consideração que os sujeitos 01 e 05 de fato conheciam a GPT antes do início do curso, buscou-se entender de que forma isso se deu. Ambos revelaram ter conhecimento da prática por meio da graduação a partir do termo “Ginástica Geral”, provavelmente porque no período em que estudavam, a Ginástica Para Todos (GPT) ainda era comumente chamada de Ginástica Geral (GG), embora o termo tenha sido modificado em 2007 pela FIG. Outra hipótese para a incidência desse dado, refere-se ao uso do termo Ginástica Geral, para abordar as “ginásticas em geral”, métodos e tipos de ginástica, conforme já encontrado em alguns currículos universitários.

Dos outros três participantes que desconheciam a GPT, dois são graduados em Educação Física, o que nos leva a refletir sobre como a GPT e a ginástica de maneira mais ampla são tratadas e desenvolvidas nos currículos de graduação. Como já mencionado anteriormente, a ginástica na graduação é geralmente mais abordada a partir dos conteúdos mais presentes na literatura, na mídia e no cotidiano social brasileiro, que são as ginásticas desportivizadas, com destaque para GR e GA (BARBOSA, 1999).

Especificamente sobre a GPT, trata-se de um conteúdo pouco evidenciado nos currículos da graduação em Educação Física e por vezes, como ressalta ainda essa autora, parece não ser um conteúdo de domínio da maioria dos docentes. Com a afirmação GPT nas escolas por autores da área (AYOUB, 2013; PAOLIELLO et al, 2014; MIRANDA, EHRENBURG e BRATIFISCHE, 2016) e nos currículos de base (BRASIL, 2016), juntamente com a potencialização de publicações e propostas em universidades e a promoção de eventos científicos ou não – citando como exemplo o Grupo de Pesquisa

em Ginástica da Unicamp (GPG-UNICAMP) e o FIGPT (Fórum Internacional de Ginástica Para Todos) – a presença da GPT nos currículos da Educação Física parece ter aumentado ao longo dos anos.

Abaixo, serão apresentadas as questões do terceiro bloco de perguntas, acerca do curso de capacitação.

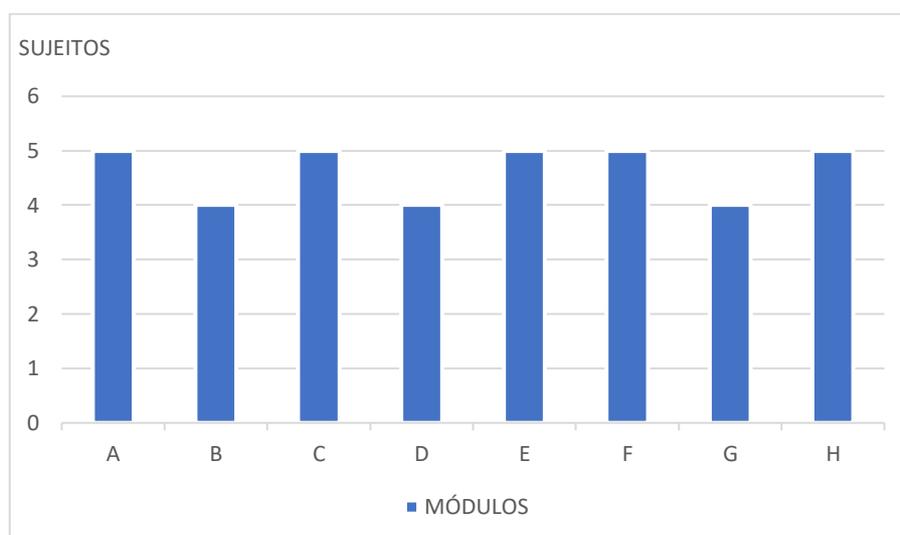
4.4.3. BLOCO (3) – Processo de Capacitação em GPT

Neste bloco serão apresentadas as questões referentes ao curso de capacitação em GPT, incluindo a visão dos participantes sobre cada um dos módulos, e o que foi mais significativo e relevante para os mesmos.

Questão 12: “Assinale os módulos do curso que você participou: (A) Universo da Ginástica; (B) Ginástica Artística; (C) Ginástica Rítmica; (D) Ginástica Acrobática; (E) Ginástica Para Todos – Conceitos; (F) Ginástica Para Todos – Materiais de pequeno e médio porte e composição coreográfica; (G) Ginástica Para Todos – Materiais de grande porte e construção de materiais; (H) Elaboração de cronograma e Finalização.”

Para uma análise quantitativa desta questão, será apresentado o gráfico abaixo:

GRÁFICO 5. Respostas obtidas na questão 12 acerca da presença dos participantes em cada um dos módulos do curso



Fonte: Autoria própria

O gráfico aponta que a maioria dos sujeitos participou de todos os módulos, contabilizando ausências em 3 dos módulos, advindas de apenas dois sujeitos, possibilitando assim uma visão interessante do curso como um todo. Como já mencionado no cap. 8.3.1, todas as ausências foram previamente avisadas e justificadas, e isso se deu por problemas de saúde e de necessidade da entidade na substituição de outro professor ausente. Lembrando que todos os conteúdos foram disponibilizados por *e-mail* e estavam contidos na apostila também, na tentativa de minimizar os efeitos das ausências.

A partir da presença e participação dos sujeitos, buscou-se compreender na questão seguinte o que foi considerado mais relevante em cada módulo na visão deles, a fim de refletir sobre as estratégias utilizadas ao longo do curso.

Questão 13: “*Descreva o que você considerou mais relevante em cada módulo*”.³⁴

Nesta questão, serão apresentadas as unidades de contexto (UC), seguidas das unidades de registro (UR) de cada módulo e posteriormente, realizada a categorização englobando todos os módulos, de forma a obter uma análise mais ampla e comparada.

- Módulo A: Universo da Ginástica

QUADRO 24. Unidades de contexto da questão 13 (módulo A)

SUJEITO	UNIDADE DE CONTEXTO (UC)
01	Foi possível situar e entender que a ginástica tem diferentes tipos dependendo das suas características.
02	Várias escolas europeias (francesa, alemã e sueca) adaptaram a ginástica cada uma em sua necessidade; ocorreram várias modificações no universo da ginástica entre elas a divisão dos tipos de ginástica.
03	O conceito de ginástica que me foi apresentado, sendo totalmente diferente do que eu acreditava ser.
04	A imensidão de opções para ela.
05	A história e os conceitos da ginástica; os tipos da ginástica como de condicionamento físico, competição, fisioterápica, de demonstração, etc.

QUADRO 25. Unidades de registro da questão 13 (módulo A)

SUJEITO	UNIDADE DE REGISTRO (UR)
01	UR 01 – Situar UR 02 – Diferentes tipos

³⁴ Nessa questão, o módulo (H) Elaboração de cronograma e finalização foi desconsiderado por se caracterizar com outra estrutura de aula, completamente diferente dos módulos anteriores.

02	UR 03 – Escolas europeias UR 04 – Tipos de ginástica
03	UR 05 – Conceito de ginástica UR 06 – Diferente do que eu acredito ser
04	UR 07 – Imensidão de opções
05	UR 08 – História e conceitos da ginástica UR 09 – Tipos da ginástica

- Módulo B: Ginástica Artística

QUADRO 26. Unidades de contexto da questão 13 (módulo B)

SUJEITO	UNIDADE DE CONTEXTO (UR)
01	Conhecer os materiais de competição e ver os vídeos; os fundamentos como saltitos, saltos, giros, rolamentos.
02	Ver nos vídeos os aparelhos divididos em feminino e masculino; uma modalidade individual mas que pode ser trabalhada em atividades em grupo.
03	A apresentação dos aparelhos e vídeos das apresentações.
04	-
05	Sobre os aparelhos utilizados e materiais de apoio; outro ponto que me chamou a atenção foram os fundamentos como saltos, rolamentos e rotações.

QUADRO 27. Unidades de registro da questão 13 (módulo B)

SUJEITO	UNIDADE DE REGISTRO (UR)
01	UR 10 – Conhecer materiais de competição UR 11 – Vídeos UR 12 – Fazer os fundamentos na prática
02	UR 13 – Ver nos vídeos os aparelhos UR 14 – Pode ser trabalhada em atividades em grupo
03	UR 15 – Apresentação dos aparelhos UR 16 – Vídeos das apresentações
04	-
05	UR 17 – Aparelhos utilizados UR 18 – Materiais de apoio UR 19 – Aprender os fundamentos

- Módulo C: Ginástica Rítmica

QUADRO 28. Unidades de contexto da questão 13 (módulo C)

SUJEITO	UNIDADE DE CONTEXTO (UC)
01	Conhecer os aparelhos e unir com movimentos; exige muita coordenação.
02	A junção de movimento com aparelho; auxílio de aparelhos (arco, bola, fita, maças e corda) torna-se uma das modalidades mais lindas
03	O mais relevante foi a vivência com os materiais corda, bola, arco e principalmente fita.
04	É a ginástica mais alegre
05	O manejo dos aparelhos, como a bola, arco, fita e corda.

QUADRO 29. Unidades de registro da questão 13 (módulo C)

SUJEITO	UNIDADE DE REGISTRO (UR)
01	UR 20 – Conhecer os aparelhos UR 21 –Unir aparelho com movimento UR 22 – Exige coordenação
02	UR 23 – Junção de movimento com aparelho UR 24 – Modalidade mais bonita
03	UR 25 – Vivência com os materiais
04	UR 26 – Ginástica mais alegre
05	UR 27 – Manejo dos aparelhos

- Módulo D: Ginástica Acrobática

QUADRO 30. Unidades de contexto da questão 13 (módulo D)

SUJEITO	UNIDADE DE CONTEXTO (UC)
01	Vivenciar diferentes posições acrobáticas em duplas, em trios e em grupos; fazer pirâmides criativas e entender as funções de cada um (base, volante, etc..)
02	Sua dificuldade me surpreendeu; é a ginástica mais divertida.
03	-
04	Grau de dificuldade
05	A construção de pirâmides foi algo que mais me chamou a atenção; a forma de distribuição de peso foi algo fantástico pra mim.

QUADRO 31. Unidades de registro da questão 13 (módulo D)

SUJEITO	UNIDADE DE REGISTRO (UR)
01	UR 28 – Vivenciar diferentes posições acrobáticas UR 29 – Fazer pirâmides criativas UR 30 – Entender as funções
02	UR 31 – Sua dificuldade surpreendeu UR 32 – Mais divertida
03	-
04	UR 33 – Grau de dificuldade
05	UR 34 – Construção de pirâmides UR 35 – Distribuição de peso UR 36 - Fantástico

- Módulo E: Ginástica Para Todos (conceitos)

QUADRO 32. Unidades de contexto da questão 13 (módulo E)

SUJEITO	UNIDADE DE CONTEXTO (UC)
01	Os conceitos e os vídeos passados ajudaram a entender a GPT; a utilização da criatividade e a liberdade para utilizar movimentos, roupa, música, etc.
02	A GPT é a junção de várias ginásticas possibilitando a exploração de qualquer material e o mais importante, para qualquer faixa etária e limitações.
03	A criatividade e a liberdade de criação dentro dessa ginástica.
04	Incentivador
05	Os vídeos e conceitos foram de suma importância; a visão que a GPT nos proporciona do trabalho coletivo; para todos sem exclusão.

QUADRO 33. Unidades de registro da questão 13 (módulo E)

SUJEITO	UNIDADE DE REGISTRO (UR)
01	UR 37 – Conceitos e vídeos UR 38 – Liberdade UR 39 - Criatividade
02	UR 40 – Junção de várias ginásticas UR 41 – Exploração de qualquer material UR 42 – Qualquer faixa etária e limitações
03	UR 43 – Criatividade UR 44 – Liberdade de criação
04	UR 45 – Incentivador
05	UR 46 – Vídeos e conceitos UR 47 – Trabalho coletivo UR 48 – Sem exclusão

- Módulo F: Ginástica Para Todos (materiais de pequeno e médio porte)

QUADRO 34. Unidades de contexto da questão 13 (módulo F)

SUJEITO	UNIDADE DE CONTEXTO (UC)
01	A vivência com materiais que estavam no nosso dia a dia mas nunca pensamos em utilizar, começamos a olhar eles com outros olhos e imaginar coisas diferentes; Foi importante começar a criar sequências de coreografia.
02	No início tem uma dificuldade de entender antes da prática como vamos fazer uma coreografia com "pneus" por exemplo, mas quando é lembrado que é um material simples fica fácil; eu fiquei deslumbrada.
03	Ao ver alguns vídeos da GPT, fiquei tensa em pensar que não conseguiria fazer nada parecido com aquilo; quando pegamos e exploramos os materiais e fomos pouco a pouco montando uma coreografia fiquei muito feliz, satisfeita e motivada; foi de suma importância essa vivência.
04	Aprendizado
05	O uso dos materiais diferentes dos quais havíamos visto; realizar na prática a montagem de uma coreografia nos fez ter uma abrangência muito maior da GPT.

QUADRO 35. Unidades de registro da questão 13 (módulo F)

SUJEITO	UNIDADE DE REGISTRO (UR)
01	UR 49 – Materiais do dia a dia UR 50 – Nunca pensamos utilizar UR 51 – Imaginar coisas diferentes UR 52 – Criar sequências de coreografia
02	UR 53 – Dificuldade de entender antes da prática UR 54 - Materiais simples UR 55 – Fiquei deslumbrada
03	UR 56 – Ver vídeos de GPT UR 57 - Fiquei tensa e achei difícil UR 58 – Exploramos os materiais UR 59- Montando uma coreografia UR 60 - Fiquei muito feliz, satisfeita e motivada
04	UR 61 – Aprendizado
05	UR 62 – Uso de materiais diferentes UR 63 – Montagem de uma coreografia

- Módulo G: Ginástica Para Todos (materiais de grande porte e construção de materiais)

QUADRO 36. Unidades de contexto da questão 13 (módulo G)

SUJEITO	UNIDADE DE CONTEXTO (UC)
01	Podemos criar materiais é bem legal e faz eles se sentirem mais importantes. O Paraquedas também foi legal pra entender que um depende do outro e dá um visual bonito.
02	O material grande aumenta o nível de dificuldade; todos têm que fazer juntos senão não dá certo.
03	-
04	Aprendizado no manuseio coletivo
05	A utilização do paraquedas foi uma experiência primordial para entender que a GPT é um trabalho em conjunto; em relação a construção de materiais, o "BARANGANDAM" foi de grande importância pois posteriormente fizemos uso dele na coreografia.

QUADRO 37. Unidades de registro da questão 13 (módulo G)

SUJEITO	UNIDADE DE REGISTRO (UR)
01	UR 64 – Criar materiais é bem legal UR 65 – Alunos se sentem importantes UR 66 – Entender que um depende do outro UR 67 – Visual bonito do paraquedas
02	UR 68 – Material grande aumenta o nível de dificuldade UR 69 – Todos têm que fazer juntos
03	-
04	UR 70 – Manuseio coletivo
05	UR 71 – Experiência primordial UR 72 – GPT é trabalho em conjunto UR 73 – Uso do “barangandam” na coreografia

Categorização

Na categorização desta questão optou-se por desconsiderar o *módulo (H) - Elaboração de cronograma e Finalização* pelo fato de ter sido este o único módulo com estrutura de aula diferente dos outros, com caráter de encerramento do curso, entendendo assim, a necessidade de separá-los nesta análise. Assim, foram criadas categorias baseadas em todas as respostas/módulos da questão 13, do módulo A ao módulo G, exceto o módulo (H).

Foram identificadas cinco categorias:

Vivências práticas: Atividades práticas desenvolvidas (vivência de elementos corporais, aprendizagem dos fundamentos das ginásticas, exploração de materiais, jogos, atividades lúdicas, construção de materiais, composições coreográficas etc).

Compreensão da concepção: Entendimento dos conceitos, características e fundamentos dos diferentes tipos de ginástica que foram abordados nos encontros.

Sensações/Impressões: Demonstração de sensações como medo, ansiedade, alegria, satisfação etc., e impressões sobre determinadas modalidades ou atividades, por exemplo: “achei bonito”, “para mim foi divertido”, etc.

Utilização de vídeos: Contato visual com as diferentes modalidades gímnicas.

Novas experiências: Novo contato com determinadas modalidades, aparelhos, modalidades etc.

QUADRO 38. Categorização da questão 13 (avaliação dos participantes sobre os conteúdos do curso de capacitação)

CATEGORIA	FREQUÊNCIA (UR)
Vivências práticas	12, 14, 18, 19, 21, 22, 23, 25, 27, 28, 29, 30, 34, 35, 49, 50, 51, 52, 54, 58, 59, 62, 63, 64, 67, 68, 69, 70, 73
Compreensão da concepção	01, 02, 03, 04, 05, 07, 08, 09, 10, 15, 17, 20, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 61, 66, 72
Sensações/Impressões	16, 24, 26, 31, 32, 33, 36, 45, 53, 55, 57, 60, 65, 71
Utilização de vídeos	11, 13, 16, 37, 46, 56
Novas experiências	06, 50, 51

Fonte: Autoria própria

Quanto ao que foi considerado significativo pelos participantes em cada módulo, destacam-se as *vivências práticas*, evidenciadas em todos os módulos, como esperado e programado por meio do conteúdo. Algumas vivências foram evidenciadas nas respostas, como: fundamentos das ginásticas, exploração e manejos de materiais, utilização de materiais de apoio e segurança, composições coreográficas, etc.

Vivenciar, experimentar e praticar é de suma importância para dar confiança aos educadores no momento de ensinar, condizendo com o objetivo do curso que foi oferecer subsídios e compartilhar experiências para que os educadores se sentissem aptos a ensinar conteúdos da ginástica e desenvolver suas ações pedagógicas. Sobre essa questão, Schiavon (2003) aponta que um dos fatores que impede os professores de Educação Física escolar a desenvolverem a ginástica e seus conteúdos, é o medo de machucarem as crianças por não saberem como fazer a segurança dos exercícios, evidenciando assim, a importância das vivências práticas nas diversas possibilidades da ginástica.

Especialmente quando se aborda a GPT, vale ressaltar ainda mais o valor de vivenciar e possibilitar aprendizagens práticas, explorando materiais, conteúdos de diferentes tipos de ginástica e construindo sequências coreográficas.

Quanto à categoria *compreensão da concepção*, é visível que esta incidência tem total relação com o planejamento programado para cada módulo. Por exemplo: o primeiro

módulo (A) *Universo da Ginástica* foi basicamente teórico pois considerou-se a necessidade de introduzir o assunto conceitualmente, já que todos demonstraram certo distanciamento da temática. Da mesma forma, o módulo (D) *Ginástica Para Todos (conceitos)* também teve foco em apresentar e discutir conceitos, já que era a introdução do tema principal do curso, a GPT.

Nesse sentido, a maioria das URs alocadas na categoria *compreensão da concepção* são referentes a estes dois módulos, porém, podemos perceber que há também a incidência de respostas referentes a módulos compostos por muitas atividades “práticas”. A perspectiva educacional do curso foi da práxis, diálogo constante entre teoria e prática, assim, seja na exposição teórica, seja nas vivências, havia ambas as perspectivas, complementando-se e atuando na experiência dos participantes. Esta proposta é fundamentada na proposta de Paulo Freire (1983), o qual defende que a práxis significa que, ao mesmo tempo, o sujeito age/reflete e ao refletir age, ou seja, o sujeito da teoria vai para a prática e da sua prática chega à nova teoria, sendo assim, teoria e prática se fazem juntas e perpetuam-se na práxis.

A categoria *sensações/impressões* retrata algo mais abstrato e de caráter sentimental por parte dos participantes, advindo das diferentes sensações que tiveram em alguns módulos e das impressões sobre alguns tipos de ginástica. Os módulos que mais apresentaram esse tipo de comentário foram o (D) *Ginástica Acrobática* trazendo dificuldade, desafios e divertimento como pontos principais, e o módulo (E) *Ginástica Para Todos (materiais de pequeno e médio porte)* evidenciando a criatividade e outras sensações como “feliz”, “deslumbrada”, “motivada” principalmente quanto à exploração de materiais do cotidiano. Todas essas questões parecem “tocar” os educadores ao longo do curso, no sentido de inspirá-los para o desenvolvimento da prática.

Outro ponto importante e evidenciado em diferentes módulos, foi a *utilização de vídeos* como ferramenta didática capaz de possibilitar e complementar uma discussão. Segundo Gardner (1994) e sua teoria das inteligências múltiplas, os indivíduos apresentam diferentes vias de aprendizagem (verbal/linguística, lógica/matemática, visual/espacial, corporal cinestésica, musical, interpessoal e intrapessoal), e como educadora e organizadora do curso, é importante considerar diferentes ferramentas e contemplar diferentes formas de ensinar, possibilitando que cada indivíduo se sensibilize a partir do seu perfil de aprendizagem.

Todos os pontos citados acima parecem ter sido valorizados, principalmente por serem *novas experiências*. Alguns participantes, realizaram pela primeira vez um

“rolamento para trás” por exemplo, outros utilizaram pela primeira vez a “fita” da Ginástica Rítmica, entre outras novas experiências que foram citadas pelos próprios participantes. Além disso, a concepção da GPT de maneira mais ampla, englobando seus conceitos, fundamentos e vivências práticas, foi a principal “novidade” para os mesmos. Esta categoria está diretamente relacionada à anterior (*sensações/impressões*) uma vez que proporciona experiências novas que vão suscitar diferentes sensações, sejam elas positivas ou negativas.

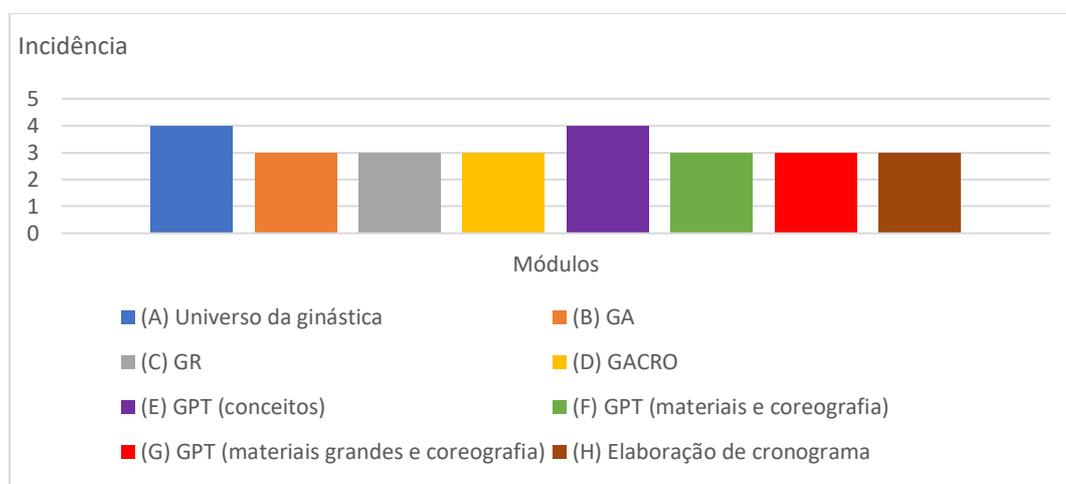
Vale reforçar a importância de apresentá-los e envolvê-los numa proposta inovadora - um dos objetivos desse projeto - no sentido de oferecer mais uma possibilidade de prática que pode se encaixar perfeitamente nos preceitos do trabalho socioeducativo, além de poder incentivá-los e motivá-los com uma “novidade”.

Na questão 13, os sujeitos descreveram os pontos mais relevantes de cada módulo. Já na questão seguinte, vão ser destacados os módulos que foram mais significativos para cada um, buscando também compreender o porquê dessa percepção.

Questão 14: “*Quais foram os módulos mais significativos para você e o porquê*”.

Primeiramente, será apresentado um gráfico demonstrando, quantitativamente, os módulos mais significativos para os participantes. A posteriori, serão identificadas as unidades de contexto (UC) e de registro (UR) para compreender o “porquê” da escolha.

GRÁFICO 6. Respostas obtidas na questão 14 sobre os módulos mais significativos para os participantes



Fonte: Autoria própria

A partir dos dados acima é possível verificar que os módulos apontados como mais significativos foram (A) *Universo da Ginástica* e (E) *Ginástica para Todos (conceitos)*, ambos introdutórios, sendo que o primeiro foi responsável por apresentar o contexto histórico, conceitos e diferentes tipos de ginástica, e o segundo teve como foco discutir diferentes conceitos da GPT e vídeos para facilitar o entendimento.

Com exceção do módulo (H), que se diferenciou quanto à estrutura didática por ser o último encontro, estes dois módulos - (A) e (E) - foram os únicos com conteúdo com caráter mais teórico, embora o diálogo com diferentes linguagens de conhecimento estivessem presentes (textos, fotografias, vídeos etc.) e com diferentes estratégias de ensino (exposição, debate, leitura e reflexões coletivas etc.). Assim, embora tenham sido utilizadas diferentes linguagens e estratégias didáticas, foram os únicos encontros nos quais não houve vivências essencialmente práticas.

Esta análise nos mostra que talvez estes participantes tenham certa “carência” em questões conceituais, dando mais relevância para este tipo de abordagem do que para abordagens práticas, com as quais podem ter tido mais contato durante sua formação, já que por muito tempo os cursos de Educação Física priorizaram a execução de gestos motores em suas disciplinas. Concordando com Ghilardi (1998), a diferenciação entre “teoria” e “prática” ocorre apenas em nível conceitual, pois “tanto a teoria quanto a prática referem-se ao conhecimento, seja ele aplicado ou não” (GHILARDI, 1998, p.5).

Todos os outros módulos (B, C, D, F, G e H) tiveram a mesma incidência, três dos cinco sujeitos consideraram um desses módulos o mais significativo. Nenhum dos módulos foi eleito um dos mais significativos para todos os sujeitos, levando a entender que cada sujeito valorizou o conteúdo que provavelmente tinha maior necessidade, bem como a didática e a ferramenta com as quais mais se identificou.

Abaixo, serão apresentadas as unidades de contexto (UC) e de registro (UR) da questão, acerca da justificativa da escolha dos sujeitos.

QUADRO 39. Unidades de contexto da questão 14

SUJEITO	UNIDADE DE CONTEXTO (UC)
01	O primeiro (A) pois sem ele não seria possível entender todo histórico da GPT; os últimos (E, F e G) porque conhecemos e vivenciamos de fato a GPT.
02	Ginástica artística (B) pelos movimentos básicos que ainda não sabíamos; Ginástica Rítmica e Ginástica acrobática (C e D) pela dificuldade e pela coreografia
03	Havia em mim alguns pré-conceitos sobre o que era a ginástica que foram quebrados no primeiro módulo (A); ver a GPT acontecer no quinto módulo (E) foi extremamente assustador ("nunca vou conseguir criar algo assim") e convidativo também ("mas se eu

	conseguir, vai ser muito legal"); no último (H) onde tivemos que juntar tudo aquilo que aprendemos e pensar como íamos passar aquilo adiante, foi muito desafiador.
04	Todos (A, B, C, D, E, F, G e H) porque um completa o outro
05	Todos os módulos (A, B, C, D, E, F, G e H) foram importantes, porque um modulo interliga no outro.

QUADRO 40. Unidades de registro da questão 14

SUJEITO	UNIDADE DE REGISTRO (UR)
01	UR 01 - Entender o histórico da GPT UR 02 - Vivenciamos de fato a GPT
02	UR 03 - Movimentos básicos que não sabíamos UR 04 - Pela dificuldade UR 05 - Pela coreografia
03	UR 06 - Pré-conceitos sobre a ginástica foram quebrados UR 07 - Ver a GPT acontecer UR 08 - Assustador UR 09 - Convidativo UR 10 - Pensar como passar adiante UR 11 - Desafiador
04	UR 12 - Um completa o outro
05	UR 13 - Um interliga o outro

Categorização

Nessa questão, por se tratarem de questões semelhantes, apenas com mudança de direcionamento (a questão anterior referia-se ao ponto mais significativo de cada módulo, enquanto esta questiona por que tal módulo foi considerado mais significativo) as URs suscitaram categorias similares às da questão anterior, e outras diferentes:

Vivências práticas: Atividades práticas desenvolvidas (vivência de elementos corporais, aprendizagem dos fundamentos das ginásticas, exploração de materiais, jogos, atividades lúdicas, construção de materiais, composições coreográficas, etc).

Compreensão da concepção: Entendimento dos conceitos, características e fundamentos dos diferentes tipos de ginástica que foram abordados nos encontros.

Sensações/Impressões: Demonstração de sensações como medo, ansiedade, alegria, satisfação, etc, e impressão sobre determinadas modalidades ou atividades.

Sequência modular: Sequência interligada dos módulos, no sentido de um complementar o outro.

Reflexão: Momento de pensar e refletir no processo e em sua continuidade.

QUADRO 41. Categorização da questão 14

CATEGORIA	FREQUÊNCIA
Sensações/Impressões	04, 08, 09, 11
Vivências práticas	02, 03, 05, 07
Compreensão da concepção	01, 06
Sequência modular	12, 13
Reflexão	10

Fonte: Autoria própria

Como já mencionado, algumas categorias são similares às da questão anterior, no entanto, algumas respostas chamaram atenção. O foco desta análise será especialmente nessas respostas que se destacaram como diferentes. Na categoria *Sensações/Impressões* apareceu, assim como na questão anterior, respostas relacionadas à motivação, ao incentivo, ao desafio, sensações muitas vezes trazidas pela “dificuldade”, como mencionado pelos próprios sujeitos. Aparece aqui também, um adjetivo singular - “assustador” - que parece ir no sentido de acometimento e posteriormente, de desafiador - "nunca vou conseguir criar algo assim" - e convidativo também - "mas se eu conseguir, vai ser muito legal". (Sujeito 03).

No caso das *vivências práticas*, seguindo o mesmo caminho da questão anterior, as vivências práticas aparecem com bastante frequência, evidenciando o valor dado pelos sujeitos às atividades vivenciadas, à execução de elementos corporais, às construções corporais e etc.

O que principalmente aparece de novo nessa questão, é a importância que os sujeitos deram à estruturação dos módulos, o fato de terem sido elaborados de forma interligada, seguindo uma sequência pedagógica. Essa *sequência modular* seguindo uma lógica pedagógica, sempre do simples para o complexo, orienta e norteia a complexidade dos conteúdos e sua profundidade (Bertolini, 2005).

Outra questão singular que aparece nessa questão, é importância do último módulo como um momento de *reflexão*. É claro que isso não aparece na questão anterior, uma vez que o módulo não fez parte da análise, mas aparece nesta questão por um dos sujeitos evidenciando a função que ele teve de possibilitar uma reflexão, de discutir os próximos passos, de organizar as ideias e elaborar um cronograma.

Na próxima questão, buscou-se entender se todos os módulos citados e o curso de capacitação de maneira mais ampla, colaborou na formação profissional e pessoal dos participantes.

Questão 15: “*Houve colaboração deste curso para sua formação profissional e pessoal?. Descreva como.*”

Referente à primeira pergunta (*sim ou não*), todos os sujeitos responderam que “SIM”, houve colaboração para sua formação profissional e pessoal, demonstrando que por mais que o curso tenha tido o objetivo de “capacitar”, de alguma forma ele colaborou para a formação pessoal e portanto, para a formação humana dos participantes. O curso foi elaborado justamente sob a reflexão de que a capacitação pode ser um caminho para a formação humana, corroborando com Barbosa-Rinaldi (2005).

Abaixo, será discutida a maneira como a capacitação colaborou, segundo a visão de cada um dos participantes, a partir das unidades de contexto (UC) e unidades de registro (UR).

QUADRO 42. Unidades de contexto da questão 15

SUJEITO	UNIDADE DE CONTEXTO (UC)
01	Consegui enxergar a Ginástica com outros olhos e entender que a GPT é uma opção muito boa para trabalhar com os atendidos, pois é participativa, criativa e respeita os limites; eu que sempre trabalhei com futebol agora tenho outras opções, por isso agregou bastante para minha formação.
02	Com auxílio de apostilas, vídeo, aulas práticas e livros abriu minha mente e me tirou da zona de conforto; me proporcionou desafios.
03	Esta modalidade de ginástica é incrível para se trabalhar criatividade, trabalho em grupo, respeito ao próximo, virtudes que tenho que trabalhar em mim e nas crianças que atendo.
04	Mais possibilidade de aula, aprendi algo novo
05	Nunca pensei em trabalhar com ginástica, por isso foi motivante; vejo como uma ótima opção para os atendidos; abriu meu leque de aulas

QUADRO 43. Unidades de registro da questão 15

SUJEITO	UNIDADE DE REGISTRO (UR)
01	UR 01 – Enxergar a ginástica com outros olhos UR 02 – Opção muito boa para trabalhar UR 03 – Participativa, criativa e respeita os limites UR 04 – Agora tenho outras opções
02	UR 05 – Me tirou da zona de conforto UR 06 – Proporcionou desafios
03	UR 07 – Incrível para trabalhar criatividade, trabalho em grupo e respeito UR 08 – Virtudes
04	UR 09 – Possibilidade de aula UR 10 – Aprendi algo novo
05	UR 11 – Nunca pensei em trabalhar com ginástica UR 12 – Motivante

UR 13 – Ótima opção UR 14 - Abriu meu leque
--

Categorização

A partir das respostas foram criadas quatro categorias, a seguir:

Possibilidade de aula: A ginástica como outra possibilidade a ser inserida nas aulas, diferente das que eles já trabalham nas entidades.

Conhecer o novo: A ginástica proporcionando um novo olhar e uma nova experiência.

Concepção da GPT: Características e conceitos da própria GPT relacionando-se com valores e virtudes dos participantes.

Motivação: O curso motivando, estimulando e desafiando nas tarefas diárias, além de provocar reflexões sobre seu sentido, que pode ir além da formação profissional.

QUADRO 44. Categorização da questão 15

CATEGORIA	FREQUÊNCIA
Possibilidade de aula	02, 04, 09, 13, 14
Concepção da GPT	03, 07, 08
Conhecer o novo	01, 10, 11
Motivação	05, 06, 12

Fonte: Autoria própria

Em primeiro lugar, ressalta-se que o curso teve colaboração na formação profissional e pessoal de todos os participantes, como já mencionado anteriormente. Essa colaboração apareceu de diferentes formas para os sujeitos e embora não tenha sido pedido a separação das colaborações “pessoais” e “profissionais”, algumas categorias parecem estar mais ligadas ao campo profissional, enquanto outras categorias, se aproximam mais do campo pessoal. O que não quer dizer que as duas coisas são fragmentadas, pelo contrário, quando se tem colaboração ou um ganho no âmbito profissional, provavelmente isso se reflete no âmbito pessoal no sentido de satisfação, inspiração etc.

As entidades sociais buscam educadores com perfis “versáteis” para atuar, tanto com relação ao público (que no caso da SBJ é intergeracional) quanto em relação às atividades desenvolvidas. Talvez por este motivo, o curso tenha colaborado trazendo a GPT e outros conteúdos gímnico como mais uma *possibilidade de aula*, abrindo o leque de atividades dos participantes.

Outro fator de colaboração envolve a *concepção da GPT*, a compreensão de suas características e fundamentos e como isso reflete na sua atuação, de forma profissional e pessoal. O depoimento do sujeito 03 mostra que ele transporta as características da GPT para a vida, se aproximando dos conceitos de formação humana: “Esta modalidade de ginástica é incrível para se trabalhar criatividade, trabalho em grupo, respeito ao próximo, virtudes que tenho que trabalhar em mim e nas crianças que atendo.” (Sujeito 03).

A colaboração se deu também pelo fato de o curso proporcionar experiências e conteúdos novos aos participantes que em sua maioria, como mencionado anteriormente, não haviam tido contato prévio com esta prática. *Conhecer o novo* reflete na categoria anterior, no sentido de ganhar novas possibilidades de atuação e além disso, reflete na categoria seguinte, no âmbito da *motivação*.

Sobre *motivação* e aspectos educacionais, alguns autores (GUIMARÃES e BORUCHOVITCH, 2004; BORUCHOVITCH, BZUNECK e GUIMARÃES, 2010; RIBEIRO, 2011) apontam que a motivação intrínseca do aluno está diretamente ligada às ações e ao estilo motivacional do professor, assim, um professor motivado consegue mais facilmente motivar seu alunos, enquanto um professor desmotivado não tem esse poder. Essa falta de motivação do professor é um comportamento complexo que Cavalcanti (1980), Cavalcanti (1981), Cruz (1983) e Rêgo (1983), apud Witter e Lomônaco (1984), por meio de vários estudos comprovaram que ocorre por diferentes motivos: insuficiência de formação, pouca diversidade de conteúdos, falta de envolvimento com os alunos, baixo índice de iniciativa, desinteresse pelas atualizações e inovações, dentre outros.

Nesse sentido, o curso ofertado parece ter colaborado para a formação dos participantes como um fator de motivação e inspiração, pelo fato de ser um conteúdo novo, de possibilitar vivências singulares, e de ofertar outra possibilidade de prática, prática esta que tem em sua concepção fatores relacionados às virtudes do ser humano em seu mais amplo desenvolvimento.

Finalizadas as questões acerca do curso de capacitação, o próximo bloco trará as questões acerca da implementação da GPT nas ONGs.

4.4.4. BLOCO (4) – Processo de implementação da GPT nas ONGs

Questão 16: “Descreva o perfil das turmas formadas quanto à: - Faixa etária dos alunos; - Número de alunos; - Frequência e duração das aulas; - Se a turma já existia ou foi criada para esta experiência; - Se já existia, quais eram as atividades desenvolvidas?”

A partir das descrições, foi possível traçar um perfil das turmas formadas:

QUADRO 45. Respostas obtidas na questão 16 sobre o perfil das turmas formadas no processo de implementação da Ginástica para Todos

SUJEITO	FAIXA ETÁRIA DOS ALUNOS	NÚMERO DE ALUNOS	FREQUÊNCIA (F) E DURAÇÃO (D) DAS AULAS	A TURMA JÁ EXISTIA?	ATIVIDADE DESENVOLVIDA
01	Acima de 9 anos	25	F: 2x por semana; D: 1h30	NÃO	-
02	6 a 9 anos	20	F: 2x por semana; D: 2h	SIM	Atividades recreativas e socioeducativas
03	6 a 9 anos	20	F: 2x por semana; D: 2h	SIM	Atividades recreativas e socioeducativas
04	Acima de 9 anos	25	F: 2x por semana; D: 1h30	NÃO	-
05	7 a 12 anos	25	F: 2x por semana; D: 1h30	SIM	Atividades diversas

Fonte: Autoria própria

Como já mencionado na fase de implementação, as turmas foram identificadas da seguinte forma:

-  SBJ Clube da Turma (1)
-  SBJ Clube da Turma (2)
-  SBJ CCINTER Imbé

Acima, com cores diferenciadas, as três turmas que foram formadas pelos educadores. No caso da ONG Clube da Turma que teve a participação de 4 educadores, a coordenação responsabilizou-se por subdividi-los de acordo com seu cronograma de atividades, estabelecendo assim, uma dupla de educadores para cada turma. Já no CCINTER Imbé, a ideia inicial era que os dois educadores participantes formassem juntos uma turma, porém, com a saída de um deles durante o processo, apenas um professor ficou responsável podendo contar com a ajuda de uma das coordenadoras.

Cabe analisar que cada turma abrangeu uma faixa etária diferente e, mesmo não tendo sido um critério prévio na escolha da amostra, essa diversidade foi importante para a reflexão sobre as diferenças na implementação em cada uma das turmas. Dessa forma, uma turma trabalhou com crianças de 6 a 9 anos, outra com crianças de 7 a 12 anos e outra na faixa etária acima de 9 anos (na maioria jovens).

As três turmas trabalharam com um número grande de alunos, duas turmas com 25 alunos e uma com 20 alunos. Esta quantidade parece adequada para o número de professores (dois) responsáveis e embora para a GPT não haja definição quanto ao número de participantes, essa quantidade parece interessante para a realização das atividades que seriam propostas.

As três turmas organizaram os cronogramas perspectivando dois encontros semanais, com duração entre 1h30 e 2h, porém, alguns ajustes foram feitos ao longo das aulas. Alguns encontros, devido a chuva, falta de energia, ausência de grande parte dos alunos, feriado, outras atividades etc., tiveram que ser cancelados e/ou adiados, da mesma forma que, à medida que se aproximava o dia do festival tiveram que ocorrer ensaios extras. Ou seja, todas as turmas tiveram aproximadamente 16 encontros num período de 2 meses (outubro e novembro).

Das três turmas, a única que foi criada especificamente para as aulas de GPT foi Clube da Turma (1), as outras duas turmas já existiam e realizavam outros tipos de atividades. Aqui podemos destacar novamente o esforço e o apoio da gestão que se mobilizou para disponibilizar o período e os jovens especificamente para este processo.

A próxima questão vai buscar destacar as dificuldades e facilidades que os educadores tiveram no processo de implementação.

Questão 17: “ Como professor, quais foram as dificuldades e facilidades no processo de implementação da GPT nas suas aulas?”

Para a análise dessa questão, serão apresentadas as unidades de contexto (UC) de forma conjunta (“dificuldades” e facilidades”) e posteriormente as unidades de registro (UR) de forma separada em dois quadros.

QUADRO 46. Unidades de contexto da questão 17

SUJEITO	UNIDADE DE CONTEXTO (UC)
01	Dificuldades: Construir a coreografia com eles; manter os jovens animados para participar. Facilidades: A ajuda e o incentivo da coordenação facilitou o processo; a presença da Bianca em algumas aulas.
02	Dificuldades: Não tive dificuldades pois os usuários gostam do novo e de desafios. Facilidades: Desde o início das aulas até o fim da apresentação foi tudo muito fácil; os usuários contribuíram para aprender e se entregaram de corpo e alma.
03	Dificuldades: Parece até arrogância, mas a verdade é que não houve dificuldades no meu processo. Facilidades: Ter tido aulas com a Bianca, que foi incrível nas explicações, mais ainda que

	isso, ela se fez presente durante todo o processo e isso facilitou mais ainda; o que mais facilitou o meu trabalho, foi o interesse dos usuários que estavam participando.
04	Dificuldades: Nenhuma Facilidades: Foi divertido
05	Dificuldades: A única dificuldade por conscientizar os alunos de que a GPT não é uma atividade competitiva. Facilidades: O apoio da coordenação/direção e a dedicação dos alunos, foram fatores que facilitaram todo o processo.

QUADRO 47. Unidades de registro da questão 17 (dificuldades)

SUJEITO	UNIDADE DE REGISTRO (UR) - DIFICULDADES
01	UR 01 – Construir a coreografia com eles UR 02 – Manter os jovens animados
02	UR 03 – Não tive dificuldade
03	UR 04 – Não houve dificuldade
04	UR 05 – Nenhuma
05	UR 06 – Conscientizar a GPT não é competitiva

QUADRO 48. Unidades de registro da questão 17 (facilidades)

SUJEITO	UNIDADE DE CONTEXTO (UC) - FACILIDADES
01	UR 01 – Ajuda e incentivo da coordenação UR 02 – Presença da Bianca
02	UR 03 – Aulas UR 04 – Apresentação UR 05 – Usuários contribuíram para aprender UR 06 – Usuários se entregaram de corpo e alma
03	UR 07 – As aulas com a Bianca UR 08 – Bianca se fez durante o processo UR 09 – Interesse dos usuários
04	UR 10 – Diversão
05	UR 11 – Apoio da coordenação /direção UR 12 – Dedicação dos alunos

Categorização

Para esta questão, foi realizada uma única categorização englobando as “dificuldades” e facilidades”, com a ideia de ter uma visão mais ampla e até comparativa, pois o que foi dificuldade para um sujeito, pode ter sido uma facilidade para outro. À seguir, as seis categorias que foram identificadas a partir das unidades de registro (UR):

Apoio da gestão: Suporte, ajuda e incentivo da gestão das ONGs, envolvendo coordenadores pedagógicos, orientadores pedagógicos e gestores do serviço.

Aulas/Coreografias: Processo de construção coreográfica e participação no festival de GPT do Sesc Bom Retiro.

Características da prática: As próprias características da GPT, por exemplo, a não competitividade e a diversão.

Interesse dos atendidos: A dedicação, interesse e motivação dos atendidos que participaram das aulas e da apresentação.

Tutoria: Tutoria presencial e online realizada pela autora do projeto durante o processo.

Nenhuma: Não tiveram nenhuma dificuldade/facilidade.

QUADRO 49. Categorização da questão 17

CATEGORIA	DIFICULDADES	FACILIDADES
Apoio da gestão		01, 11
Aulas/ Coreografias	01	03, 04
Características da prática	06	10
Interesse dos atendidos	02	05, 06, 09, 12
Tutoria		02, 07, 08
Nenhuma	03, 04, 05	

Fonte: Autoria própria

A partir dos dados obtidos nesta análise, é possível de antemão perceber que as respostas das questões 17 divergem em alguns pontos e como já anunciado, alguns fatores que aparecem como dificuldade para um sujeito, apareceu como facilidades para outros, como é o caso do as *aulas/coreografia* e as *características da prática* e o *interesse dos atendidos*.

No caso do *interesse dos atendidos*, vale comentar que esta dificuldade foi vivenciada na turma dos jovens, que segundo o sujeito 01 teve dificuldade em “manter os jovens animados”. O mesmo não foi vivenciado nas outras duas turmas de crianças; nestas, ao contrário, o interesse, a dedicação e o envolvimento dos atendidos foram considerados um facilitador do processo. Sabe-se que o período de adolescência vem se alongando cada vez mais e traz questões de conflito de ideias e crises de identidade, por isso, nesse período da vida, o papel do professor é fundamental para orientar e motivar esses adolescentes que estão confusos e insaciáveis (CHICATI, 2000). Nesse contexto, a motivação dos professores volta a ser referenciada nessa questão - assim como na questão 15 - como ponto crucial para a motivação dos alunos.

A categoria *aulas/coreografias* está diretamente relacionada com a categoria anterior, podendo notar que o mesmo sujeito que a destacou como dificuldade, teve dificuldade de manter os alunos envolvidos no projeto. Da mesma forma, os outros

sujeitos que destacaram esse envolvimento como facilidade, apontaram que as aulas, a construção coreográfica, e a apresentação foram pontos facilitadores também. Além disso, Scarabelim e Toledo (2016) apontam que há uma lacuna na formação dos profissionais de Educação Física quando se fala em aspectos relacionados à composição coreográfica, reforçando a dificuldade de criar, de utilizar a música, unir elementos corporais etc.

As *características da prática* foram consideradas como dificuldade para um dos sujeitos, porém, esta dificuldade parece ter sido superada ao longo das aulas já que este destaca: “no início foi difícil fazê-los entender que a GPT não é competitiva” (Sujeito 05). Outra característica da GPT que, por sua vez, foi apontada como facilitadora do processo, foi a “diversão”, característica esta fortemente ligada à GPT no âmbito do lazer, por ser uma prática que busca vincular o prazer de se movimentar à integração de diferentes pessoas e grupos (OLIVEIRA, 2007).

O *apoio da gestão* se mostrou essencial para a implementação da GPT, e mais do que isso, esse apoio parece ter sido muito valorizado pelos educadores pois, sem ele, provavelmente o projeto não acontecesse da mesma forma. Vale destacar aqui a importância de uma gestão comprometida com o processo, apoiando e colaborando os participantes, oferecendo subsídios, motivando os professores e alunos, se mobilizando para colaborar em diferentes sentidos.

A *tutoria* realizada pela pesquisadora principal, assim como o apoio da gestão, foi apontada exclusivamente como facilidade, ressaltando a importância de se ter um apoio, uma orientação e uma ajuda para dar segurança no momento de implementação. Embora a tutoria tenha sido feita de forma *online* também, os sujeitos destacaram nessa questão a tutoria presencial como facilitadora.

Importante destacar também, que para 3 dos 5 sujeitos, não houve *nenhuma* dificuldade.

As questões a seguir serão referentes a aceitação da prática da GPT por diferentes olhares: dos alunos, dos professores e dos funcionários. As unidades de contexto (UC) e de registro (UR) serão apresentadas separadamente e a categorização, por sua vez, de forma conjunta.

Questão 18: “ Como foi a aceitação da prática da GPT?”

(A): Por parte dos alunos

QUADRO 50. Unidades de contexto da questão 18 (A)

SUJEITO	UNIDADE DE CONTEXTO (UC)
01	Foi um pouco difícil no começo porque os alunos estavam tímidos; por serem adolescentes não aceitaram logo de cara.
02	Adoraram muito porque gostam de novidade
03	O interesse foi grande, eles ficavam ansiosos com as aulas, davam palpites em tudo e se prepararam muito para a apresentação.
04	Aceitaram mas alguns desistiram
05	A aceitação foi muito boa, logo na apresentação da proposta eles demonstraram um grande interesse e empolgação

QUADRO 51. Unidades de registro da questão 18 (A)

SUJEITO	UNIDADE DE REGISTRO (UR)
01	UR 01 – Um pouco difícil no começo UR 02 – Alunos tímidos UR 03 – Por serem adolescentes não aceitaram de cara
02	UR 04 – Adoraram muito UR 05 – Gostam de novidade
03	UR 06 – Interesse foi grande UR 07 – Ficavam ansiosos UR 08 – Davam palpites UR 09 – Se prepararam muito para a apresentação
04	UR 10 – Alguns desistiram
05	UR 11 – Muito boa UR 12 – Grande interesse UR 13 - Empolgação

(B) Por parte dos funcionários

QUADRO 52. Unidades de contexto da questão 18 (B)

SUJEITO	UNIDADE DE CONTEXTO (UC)
01	Os outros professores não se envolveram tanto mas gostaram do trabalho.
02	Todos contribuíram para que a GPT fosse realizada.
03	Difícil responder porque apenas se envolveu quem estava participando.
04	Positiva
05	Os funcionários acharam super positivo o fato de ter uma atividade nova pra apresentar para os atendidos.

QUADRO 53. Unidades de registro da questão 18 (B)

SUJEITO	UNIDADE DE REGISTRO (UR)
01	UR 01 – Não se envolveram UR 02 – Gostaram do trabalho
02	UR 03 – Todos contribuíram

03	UR 04 – Apenas se envolveu quem estava participando
04	UR 05 – Positiva
05	UR 06 – Super positivo UR 07 – Atividade nova

(C) *Por parte dos gestores*

QUADRO 54. Unidades de contexto da questão 18 (C)

SUJEITO	UNIDADE DE CONTEXTO (UC)
01	Total apoio, incentivo e ajuda.
02	Total apoio foi dado, com elogios, críticas e animação.
03	Minha supervisora e a coordenadora abraçaram a ideia; se não fossem elas acredito que não aconteceria.
04	Positiva também.
05	A gestão a todo momento demonstrou total apoio a proposta.

QUADRO 55. Unidades de registro da questão 18 (C)

SUJEITO	UNIDADE DE REGISTRO (UR)
01	UR 01 – Total apoio UR 02 – Incentivo UR 03 - Ajuda
02	UR 04 – Total apoio UR 05 – Elogios UR 06 – Críticas UR 07 - Animação
03	UR 08 – Abraçaram a ideia UR 09 – Se não fossem elas não aconteceria
04	UR 10 – Positiva
05	UR 11 – Total apoio a proposta

Categorização

Para a questão 21 (A), (B) e (C), foram criadas três categorias:

Resistência: Dificuldade de aceitação, certa timidez no desenvolvimento das atividades, ocorrências de desistência, etc.

Boa aceitação: Aceitação positiva, demonstração de interesse e envolvimento, contribuições para a realização da prática, animação, empolgação, etc.

Sem envolvimento: Sem contribuição e envolvimento com a prática.

QUADRO 56. Categorização da questão 18

CATEGORIA	FREQUÊNCIA(UR)		
	ALUNOS	FUNCIONÁRIOS	GESTORES
Resistência	01, 02, 10		
Boa aceitação	03, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 11, 12, 13	02, 03, 05, 06, 07	01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11
Sem envolvimento		01, 04	

Fonte: Autoria própria

Embora a categorização tenha sido apresentada de forma conjunta no intuito de possibilitar uma visão ampliada da aceitação da GPT por todos os envolvidos no processo, a análise dos dados será realizada separadamente, entendendo a impossibilidade de comparar o papel desses três atores (alunos, funcionários e gestores) que têm “pesos” tão diferentes na realização deste projeto.

Iniciando a análise pelos alunos, é visível que a GPT teve *boa aceitação* para a maioria, apresentando grande interesse pela prática, principalmente por ser uma atividade nova. Segundo os relatos dos sujeitos, os alunos se mostraram muito empolgados e animados, atentos às atividades, sugerindo coisas, dando ideias e se envolvendo de fato com o que estava sendo proposto.

Por outro lado, também pelos alunos foi verificada certa *resistência* na prática da GPT que, segundo relatos, demonstraram muita timidez em determinadas atividades e em alguns casos, desistiram da prática. Importante notar que esses relatos são advindos justamente da turma de jovens (acima de 9 anos), o que não causa tanta estranheza já que esta fase (adolescência) apresenta diversas mudanças hormonais e comportamentais e como já citado nas questões anteriores, uma das dificuldades do professor foi manter o interesse dos alunos na prática. De maneira geral, parece que todos se envolveram com a prática.

No caso dos funcionários, lembrando que aqui falamos de outros colaboradores da instituição, que não os participantes da pesquisa, não houve *resistência* e, por outro lado, não houve também *envolvimento* em alguns casos. Segundo relatos, os únicos funcionários que se envolveram com a prática foram os participantes do curso, porém, estando presentes em alguns encontros durante a implementação, notaram outros educadores se interessando e elogiando o trabalho, e em alguns casos, fazendo até filmagens das coreografias.

Vale esclarecer que outros educadores não tiveram a oportunidade de participar por conta da demanda de programação das entidades, mas foi questionada mais de uma

vez acerca de uma nova possibilidade de capacitação para que também pudessem participar, especialmente depois de terem visto a prática da GPT sendo implementada com os alunos.

Por fim, os gestores, que foram as peças mais fundamentais no processo, tiveram *boa aceitação* e demonstraram total apoio a proposta do projeto. De fato, eles “abraçaram a ideia” e participaram ativamente dando sugestões, críticas e *feedbacks* e mostrando-se animados com a ideia de ter aquela nova prática em sua entidade.

Importante mencionar que, mesmo sendo a gestão da ONG SBJ, como a grande maioria das ONGs, formada por assistentes sociais e psicólogos (sem o papel do profissional de Educação Física), parece não ter havido *resistência* alguma em receber uma prática como a GPT, muito pelo contrário, a gestão esteve sempre aberta e acreditou na ideia do projeto. Segundo Ander-Egg e Aguilar (1997), bons projetos sociais não dependem apenas de boas intenções, mas também de eficiência operativa de quem faz a gestão, a qual significa a capacidade de transformar ideias em ações.

A questão seguinte vai analisar a viabilidade de manter a prática de GPT na ONG, na visão dos participantes.

Questão 19: “ Você acha possível e viável manter esta prática dentro de sua ONG? Descreva COMO.”

Referente à primeira pergunta (*sim ou não*), todos os sujeitos responderam que “SIM”, acham possível e viável manter a GPT dentro da ONG. Abaixo, identificando as unidades de contexto (UC) e de registro (UR), serão analisadas as respostas referentes a “como” viabilizá-la.

QUADRO 57. Unidades de Contexto (UC) da questão 19

SUJEITO	UNIDADES DE CONTEXTO (UC)
01	Quando formos planejar as atividades, podemos incluir na programação e tentar compartilhar com outros professores também.
02	Com a implantação nas aulas do cotidiano e apresentação nos eventos.
03	É só ter comprometimento, interesse e disposição.
04	-
05	Tem que entrar na grade de atividades; já houve essa proposta.

QUADRO 58. Unidades de registro da questão 19

SUJEITO	UNIDADES DE REGISTRO (UR)
01	UR 01 – Incluir na programação UR 02 – Compartilhar com outros professores
02	UR 03 – Aulas do cotidiano UR 04 – Apresentação em eventos
03	UR 05 – Comprometimento UR 06 – Interesse UR 07 – Disposição
04	-
05	UR 08 – Entrar na grade de atividades UR 09 – Já houve proposta

Categorização

As unidades de registro (UR) apontadas acima, suscitaram duas categorias, à seguir:

Programação: Incluir as aulas da programação das entidades como nova possibilidade de aula e ainda, programar apresentações em eventos.

Comprometimento: Profissionais comprometidos com a proposta e dispostos a compartilhar o conhecimento adquirido.

QUADRO 59. Categorização da questão 19

CATEGORIA	FREQUÊNCIA (UR)
Programação	01, 03, 04, 08
Comprometimento	02, 05, 06, 07

Fonte: Autoria própria

Uma das maneiras de possibilitar e viabilizar a manutenção da prática da GPT nas ONGs, na visão dos educadores, é incluir na *programação* como uma nova aula para oferecer aos atendidos, assim como hoje eles têm esportes coletivos, dança, música, lutas, atividades socioeducativas, etc. Um deles chega a citar que na sua entidade, a proposta dessa inclusão da GPT na grade de aulas já ocorreu, porém, como consultado com a gestão neste ano, ainda não é oficialmente parte da programação.

Além da inclusão dessa prática no programa, os sujeitos consideraram importante haver *comprometimento* para com a proposta por parte da gestão e dos próprios educadores, de maneira a compartilhar o conhecimento com outros educadores que se interessaram na prática, abrangendo assim, mais profissionais e consequentemente, mais atendidos.

O próximo bloco vai referir-se ao papel da tutoria, digital e presencial, na visão dos participantes.

4.4.5. BLOCO (5) – Sobre a tutoria

As próximas questões serão apresentadas separadamente (A e B) em relação às unidades de contexto (UC) unidades de registro (UR) e, posteriormente, de forma conjunta na categorização.

Questão 20 (A): “ Comente o papel da tutoria via ferramenta digital “WhatsApp.”

QUADRO 60. Unidades de contexto da questão 20(A)

SUJEITO	UNIDADE DE CONTEXTO (UC)
01	Foi muito importante pois sanamos dúvidas e trocamos sugestões entre os professores.
02	Tive todo o apoio; tiramos todas as duvidas; fui motivada e auxiliada em questão de materiais.
03	Maravilhoso; a gente conseguiu tirar muitas dúvidas, esclarecer mal-entendidos, enviar vários registros de aula; dar e receber <i>feedback</i> .
04	Muito boa; era nosso melhor meio de comunicação.
05	O apoio recebido pela Bianca foi excelente, sempre à disposição para atender as nossas dúvidas; colaborar com ideias para nossa aula; ajudou na montagem da coreografia.

QUADRO 61. Unidades de registro da questão 20 (A)

SUJEITO	UNIDADE DE REGISTRO (UR)
01	UR 01 – Muito importante UR 02 – Sanamos dúvidas UR 03 – Trocamos sugestões entre professores
02	UR 04 – Tive todo o apoio UR 05 – Tiramos dúvidas UR 06 – Fui motivada UR 07 – Auxiliada em questão de materiais
03	UR 08 – Maravilhoso UR 09 – Tirar muitas dúvidas UR 10 – Esclarecer mal-entendidos UR 11 – Enviar registros de aula UR 12 – Dar e receber feedback
04	UR 13 – Muito boa UR 14 – Nosso melhor meio de comunicação
05	UR 15 – Apoio UR 16 – Excelente UR 17 – Atender dúvidas UR 18 – Colaborar com ideias UR 19 – Montagem de coreografia

Questão 20 (B): “ Comente o papel da tutoria presencial.”

QUADRO 62. Unidades de contexto da questão 20 (B)

SUJEITO	UNIDADE DE CONTEXTO (UC)
01	Quando a Bianca estava presente ela ajudava bastante a gente; foi realmente fundamental.
02	Com certeza sem palavras, uma profissional que superou minhas expectativas; presente sempre que chamei.
03	A Bianca foi incrível; nos ensinou muito; a presença física foi muito importante.
04	Fantástica
05	Vi com bons olhos o fato de sermos orientados presencialmente; o trabalho saiu mais eficiente; a visão qualificada nos ajuda.

QUADRO 63. Unidades de registro da questão 20 (B)

SUJEITO	UNIDADE DE REGISTRO (UR)
01	UR 01 – Ajudava bastante a gente UR 02 – Realmente fundamental
02	UR 03 – Presente sempre pra ajudar UR 04 – Superou minhas expectativas
03	UR 05 – Foi incrível UR 06 – Nos ensinou muito UR 07 – Muito importante
04	UR 08 – Fantástica
05	UR 09 – Vi com bons olhos UR 10 – Trabalho mais eficiente UR 11 – Visão qualificada nos ajuda

Categorização

Como há grande aproximação entre as repostas das questões (A) e (B), optou-se por realizar a categorização de forma conjunta. Dessa forma, foram identificadas cinco categorias:

Compartilhamento: Momento de troca de registros de aula, sugestões, ideias e *feedbacks*.

Empoderamento: Dar poder, autonomia, suporte e motivação.

Essencial: Tutoria como ferramenta essencial para o processo.

Instrução: Esclarecer dúvidas e dar instrução aos participantes, de diferentes maneiras e em diferentes momentos do processo.

Outros: Comentários e adjetivos acerca da ferramenta (“incrível”, “muito boa”, “maravilhoso”, etc.)

QUADRO 64. Categorização da questão 20 (A) e (B)

CATEGORIA	FREQUÊNCIA (UR)	
	ONLINE	PRESENCIAL
Compartilhamento	03, 10, 11, 12, 18	
Empoderamento	04, 06, 15	10
Essencial	01, 14	02, 07
Instrução	02, 05, 07, 09, 17, 19	01, 03, 06, 11
Outros	08, 13, 16	04, 05, 08, 09

Fonte: Autoria própria

De maneira geral, os comentários acerca da tutoria *online* e presencial foram bastante positivos, podendo destacar aqui a importância desta parte do processo para os participantes.

Iniciando a análise pela ferramenta digital (via *WhatsApp*), vale destacar que esta teve um papel essencial no *compartilhamento* de ideias, de registros, de sugestões e *feedbacks* entre os sujeitos, tornando-se um espaço de debate coletivo. Por meio dessa ferramenta conseguimos estabelecer uma comunicação ágil, prática e barata. O diálogo *online* foi constante desde o primeiro dia de curso até semanas depois da participação no festival, e se tornou mais intensa durante a composição das coreografias, momento em que houve muita troca entre eles, contribuição com novas ideias e críticas entre si.

A utilização dessa plataforma digital contribuiu significativamente para que eles traçassem um caminho próprio de aprendizagem a partir de suas demandas e, dessa forma, sendo capazes de construir experiências de aprendizagem coletivas e colaborativas, ampliando o papel do professor como mediador de conhecimento (D'IMPERIO e ROSENDO, 2013).

Na tutoria presencial, esse compartilhamento não esteve tão presente entre os participantes pois esta foi realizada nos horários específicos das turmas formadas, impossibilitando um outro momento coletivo além dos encontros do curso.

O *empoderamento* foi um dos pontos singulares que apareceu neste processo de tutoria, tanto via digital quanto presencial. O conceito de empoderamento implica na conquista da liberdade, avanço e superação do estado de subordinação (algum tipo de dependência) por parte daquele que se empodera (sujeito ativo do processo), e não uma simples doação ou transferência por benevolência (Valoura, 2005). O autor Paulo Freire aproxima o termo empoderamento ou “*empowerment*” da noção de classe social e das lutas da classe social oprimida:

A questão do empowerment da classe social envolve a questão de como a classe trabalhadora, através de suas próprias experiências, sua própria construção de cultura, se empenha na obtenção do poder político. Isto faz do empowerment muito mais do que um invento individual ou psicológico. Indica um processo político das classes dominadas que buscam a própria liberdade da dominação, um longo processo histórico de que a educação é uma frente de luta. (Freire & Shor, 1986, p. 72).

Pode-se dizer que para Freire, *empowerment* individual é um pequeno passo em direção à transformação social e que somente via *empowerment* de classe as minorias oprimidas conseguirão dar um passo maior em direção à libertação.

Nos dois tipos de tutoria (presencial e online), os comentários que mais apareceram foram em relação ao papel que essa tutoria teve de instruí-los, auxiliá-los, esclarecer dúvidas e dar dicas em diferentes momentos do processo. Importante salientar que a busca pela *instrução* partia sempre dos educadores para nós, invertendo a lógica professor-aluno para aluno-professor.

Como educadora, senti uma maior necessidade - da parte deles - da tutoria presencial na fase de implementação e, especialmente, no momento de iniciar a construção coreográfica com os alunos, evidenciando novamente a dificuldade e a insegurança nas composições coletivas. Nesse momento, a tutoria presencial com o papel de instrução se fez ainda mais presente.

Outros comentários, em sua maioria elogios, foram feitos acerca da tutoria. Para a tutoria *online* foram utilizadas as expressões: “maravilhoso”, “muito boa” e “excelente”; e para a tutoria presencial apareceram as falas: “superou minhas expectativas”, “foi incrível”, “fantástica” e “vi com bons olhos”.

Por fim, a tutoria (presencial e *online*) apareceu como sendo *essencial* em todo o processo, porém, destaca-se a fase de implementação como a de maior necessidade dos participantes. Nesta tutoria é possível notar claramente como foi realizado o empoderamento, a instrução, o compartilhamento coletivo, reforçando a ideia do curso de não apenas capacitar, mas dar autonomia e outras ferramentas para o desenvolvimento humano.

O próximo bloco abordará questões sobre o papel da participação no festival de GPT sob diferentes perspectivas (professor, aluno e entidade).

4.4.6. BLOCO (6) – Sobre a participação do festival de GPT

Partindo do pressuposto que os festivais ginásticos contribuem na formação de cada um dos envolvidos (PATRÍCIO e BORTOLETO, 2015), buscou-se analisar o papel da participação num desses festivais (festival de GPT do SESC Bom Retiro) sob a visão dos educadores, para eles, para os alunos, e também para a gestão. A próximas questões serão analisadas separadamente, contemplando suas unidades de contexto (UC), de registro (UR) e a categorização.

Questão 21: “ Qual foi o papel da apresentação no festival do Sesc Bom Retiro para você, como professor?.”

QUADRO 65. Unidades de contexto da questão 21

SUJEITO	UNIDADE DE CONTEXTO (UC)
01	Pra mim foi a coroação do nosso trabalho; foi nítido meu crescimento profissional.
02	Foi mágico e emocionante ver o meu trabalho sendo aplaudido por muitos profissionais, pais e a entidade que você trabalha.
03	Mais um sucesso alcançado; fiquei satisfeítíssima com meu trabalho ao ver a apresentação; me senti realizada profissionalmente;
04	_ ³⁵
05	Finalização de uma etapa de aprendizagem; senti muito orgulho do meu trabalho.

QUADRO 66. Unidades de registro da questão 21

SUJEITO	UNIDADE DE REGISTRO (UR)
01	UR 01 – Coroação do nosso trabalho UR 02 – Crescimento profissional
02	UR 03 – Mágico e emocionante UR 04 – Trabalho sendo aplaudido por profissionais, pais e entidade
03	UR 05 – Sucesso alcançado UR 06 – Fiquei satisfeítíssima com o meu trabalho UR 07 – Realizada profissionalmente
04	-
05	UR 08 – Etapa de aprendizagem UR 09 – Orgulho do meu trabalho

³⁵ O sujeito 04 não pôde participar da apresentação no festival por conta de outros compromissos da entidade e, portanto, não respondeu sobre esse bloco de perguntas.

Categorização

A partir das unidades de registro (UR), foram constituídas três categorias:

Realização/Satisfação: Concretização do trabalho, sentir-se realizado pelo feito e satisfazer-se enquanto profissional.

Aprendizagem: Momento de aprender, de conhecer e crescer pessoal e/ou profissionalmente.

Emoção: Reações emotivas diante da experiência.

QUADRO 67. Categorização da questão 21

CATEGORIA	FREQUÊNCIA (UR)
Realização/Satisfação	01, 04, 05, 06, 07, 09
Aprendizagem	02, 08
Emoção	03

Fonte: Autoria própria

A participação no festival de GPT teve, para os educadores, uma questão a se destacar: *realização/satisfação*. Os sujeitos relataram a satisfação de ver um trabalho concretizado, o orgulho de ver seus alunos se apresentando, seu trabalho sendo aplaudido e a realização pessoal e profissional que este momento trouxe. De acordo com Patrício e Bortoleto (2015, p. 110):

[...] sentir prazer de exibir suas produções, de mostrar suas habilidades e de revelar o “seu melhor” faz parte da essência humana, seja no trabalho ou no lazer. Essa potencialidade é que torna os festivais (de ginástica, de dança, de música, etc) relevantes para a formação humana.

Além de realizados, os educadores mostraram se sentir valorizados por meio do trabalho que apresentaram: “[...] emocionante ver o seu trabalho sendo aplaudido por muitos profissionais, pais e a entidade que você trabalha” (Sujeito 02). Vale ressaltar que a questão de “apresentar-se” está inserida na rotina dos educadores e seus alunos, porém, num contexto de eventos de datas comemorativas e de encerramento semestral e/ou anual, onde os espectadores são funcionários, parentes e os próprios atendidos. E ainda, não há qualquer aproximação com a ginástica, o que distancia a realidade de suas vivências anteriores, de um festival de GPT como o que eles participaram.

Alguns dos sujeitos relataram, em conversas informais, que jamais imaginavam estar participando de um evento de ginástica, sempre com uma conotação muito positiva acerca da nova experiência.

Outro papel dessa participação encontrado nos depoimentos dos sujeitos foi o de *aprendizagem*, atribuído ao crescimento profissional que esta experiência os proporcionou, especialmente por ter sido a primeira participação num evento como este. Embora os sujeitos tenham atribuído às questões profissionais, estudos mostram que esta aprendizagem, em meio a outros tantos aspectos que os festivais ginásticos envolvem, faz parte do desenvolvimento da formação humana.

Como é o caso das diferentes *emoções* que este também proporciona, para quem se apresenta, para quem assiste, para quem coordena. No caso dos educadores/coordenadores, a participação propiciou um momento “mágico e emocionante”, segundo o Sujeito 02.

Os depoimentos abaixo, foram mensagens espontâneas via *WhatsApp* direcionadas à pesquisadora principal algumas horas depois da realização do festival, e portanto, não pertencem às respostas deste questionário. Todavia, considera-se importante associar essas falas tomadas de emoção (no momento pós festival) com as respostas do questionário:

“Foi muito emocionante, acho que fiquei sem respirar nas três apresentações. E ver que todo o esforço foi recompensado com os aplausos e principalmente com o sorriso de cada um é muito gratificante mesmo.” (Sujeito 01)

“[...]O que foi isso hoje? Não sei explicar a felicidade que estou sentindo, amei de paixão. Esse momento de aprendizado foi lindo.” (Sujeito 02)

“Estou em êxtase, preciso falar. Eu não consigo demonstrar minha felicidade, nós fizemos alterações grandes por conta de ausência e eles fizeram tudo direitinho. [...] Não tem recompensa maior do que ter feito uma plateia que talvez já esteja acostumada com tudo isso, se surpreender, fazer eles darem risada. Teve horas que eles riram, teve horas que eles bateram aplaudiram, teve horas que eles gritaram, não tem melhor sensação que essa”. (Sujeito 03)

“Foi um dia realmente especial para todos nós. Fazer algo que fugia totalmente das minhas atribuições me fez descobrir mais uma área que faz sentir orgulho da minha formação.” (Sujeito 05)

Todos os depoimentos reforçam o papel de *realização/satisfação*, de *aprendizagem* e de expressar *emoções* que a participação no festival teve para os educadores. Abaixo, discutiremos o papel do festival para os alunos/atendidos, sob a visão dos educadores.

Questão 22: “ Qual foi o papel da apresentação no festival do Sesc Bom Retiro para os alunos?.”

QUADRO 68. Unidades de contexto da questão 22

SUJEITO	UNIDADE DE CONTEXTO (UC)
01	Foi algo muito significativo para os jovens; eles se sentiram importantes e saíram satisfeitos da apresentação; adoraram os aplausos.
02	Pelos relatos dos usuários foi uma experiência magnífica e única; como muitos nunca saíram da comunidade, conhecer outro lugar, conhecer outras pessoas e ser aplaudido não tem como explicar.
03	Eles amaram receber aplausos; ficaram se achando “atletas”.
04	-
05	Eles ficaram encantados e realizados pois nunca tinham recebido tantos aplausos; foi legal também conhecer outros grupos de ginástica.

QUADRO 69. Unidades de registro da questão 22

SUJEITO	UNIDADE DE REGISTRO (UR)
01	UR 01 – Significativo UR 02 – Se sentiram importantes UR 03 – Saíram satisfeitos UR 04 – Adoraram os aplausos
02	UR 05 – Experiência magnífica e única UR 06 – Conhecer outros lugares UR 07 – Conhecer outras pessoas UR 08 – Ser aplaudido
03	UR 09 – Amaram receber aplausos UR 10 – Se achando “atletas”
04	-
05	UR 11 – Encantados e realizados UR 12 – Aplausos UR 13 – Conhecer outros grupos de ginástica

Categorização

As unidades de registro (UR) acima suscitaram três categorias nesta questão, a seguir:

Ser protagonista: Sentir-se importante, valorizar-se e, se identificar com os aplausos.

Experienciar: Vivenciar o momento, sentir, emocionar-se, se realizar-se, etc.

Conhecer coisas novas: Contato com um novo lugar, novas pessoas e outros grupos de ginástica.

QUADRO 70. Categorização da questão 22

CATEGORIA	FREQUÊNCIA (UR)
Ser protagonista	02, 04, 08, 09, 10, 12
Experienciar	01, 03, 05, 11
Conhecer coisas novas	06, 07, 13

Fonte: Autoria própria

Sobre os atendidos, merece um destaque a questão do *protagonismo*, do fato de se sentirem importantes durante e após as apresentações, e de se emocionarem ao sentir o prestígio do público. Em depoimentos videográficos já descritos na FASE 3 dos resultados, se faz presente a emoção dos aplausos na fala dos atendidos: “*A parte que eu mais gostei foi quando bateram palma pra gente*”; “*Eu gostei da parte que todo mundo começou a gritar para gente.*”

Essa premissa de se sentir protagonista ao participar de apresentações desse tipo, parece ainda mais presente na realidade das pessoas que se encontram em vulnerabilidade social. Depoimentos como os citados acima nos fazem refletir que talvez essas “palmas” não estejam presentes e não sejam frequentes em suas vidas e, ainda, que talvez essas crianças nunca tenham se sentido tão protagonistas como naquele dia.

Segundo Truzzi, Scarabotto e Rodrigues (2005), a GPT pode ser uma possibilidade de protagonismo juvenil, principalmente por sua abordagem sociocultural, que:

[...] abre possibilidades à criatividade, estímulo à participação de qualquer indivíduo, oportunizando interação social, troca de experiência e aumento da autoestima. Por não ter cunho competitivo e devido à ausência do foco nos rendimentos e performance física, facilita a integração nos mais diferentes aspectos, independente de raça, nível social, idade, sexo, crenças ou religiões, condição física e técnica. (TRUZZI, SCARABOTTO e RODRIGUES, 2005, p.84).

Outra questão foi destacada na narrativa dos educadores segundo sua percepção sobre o papel do festival para os participantes, a importância de *experienciar*. Entende-se aqui experienciar no sentido mais amplo da palavra, de viver, de sentir, de se deixar emocionar e de se realizar. Os educadores identificaram que os atendidos ficaram “encantados” em viver aquela “experiência magnífica e única” e, vale lembrar, que esta também foi a primeira vez que os atendidos participaram de um evento de ginástica.

É possível também traçar uma relação com os depoimentos dos atendidos fornecidos após a apresentação: “*Eu fiquei morrendo de vergonha, só que achei muito legal apresentar aqui*”; “*Quando eu fui apresentar eu senti algo muito legal e eu amei a*

ginástica.” Nota-se que houve uma mistura de sensações e que nem eles sabiam descrevê-las, provavelmente por terem sido descobertas naquele momento.

Sendo a primeira experiência, o fato de *conhecer coisas novas* parece ter também agregado aos atendidos, que saíram de sua entidade para conhecer outro ambiente, interagiram com outras pessoas e conheceram outros grupos de ginástica com diferentes apresentações. Possibilitar essa vivência é também possibilitar outra visão de mundo para os atendidos, abrindo seus olhos para outras realidades, tão diferentes ou tão semelhantes à realidade deles, fazendo-os perceber que por meio da GPT é possível conviver e compartilhar sem separação de qualquer nível social. Patrício e Bortoleto ressaltam que:

[...] os festivais criam um fluxo de informações entre participantes e o público, e fomentando a convivência integrada e diversa (entre gerações - faixas etárias; sexos, nível técnico; diversidade técnica e estética, ...) condição cada vez mais rara numa sociedade acostumada a criar segmentos, dividir em categorias, separar por níveis, e criar espaços de divisão e não de integração. (PATRÍCIO E BORTOLETO, 2016. p.108).

De maneira mais ampla, a participação no festival de GPT parece ter contribuído para a formação humana dos atendidos, no seu desenvolvimento integral, na construção de sua cidadania e na obtenção de reconhecimento social e pessoal, a partir de suas características de promover respeito, integração, coletividade e prazer.

O último ponto de vista a ser analisado é por parte da entidade, sempre sob a percepção dos educadores, a ser exposto na questão seguinte.

Questão 23: “ Qual foi o papel da apresentação no festival do Sesc Bom Retiro para sua entidade?.”

QUADRO 71. Unidades de contexto da questão 23

SUJEITO	UNIDADE DE CONTEXTO (UC)
01	Para a entidade é muito importante mostrar seu trabalho em outros ambientes; dar oportunidade aos atendidos conhecerem lugares e pessoas novas; ver também que os pais foram mobilizados.
02	A satisfação de levar os usuários para conhecer o novo; reconhecimento que tivemos no sesc como uma das ONGs que mais levou apresentações.
03	Tenho que repetir, mais um sucesso alcançado; por meio da GT alcançamos nosso principal objetivo: fortalecimento de vínculos; ver os pais participando, pedindo licença no trabalho e se deslocando para o centro pra assistir os filhos, não tem preço como entidade social.
04	-
05	É muito importante para a instituição divulgar seu trabalho

QUADRO 72. Unidades de registro da questão 23

SUJEITO	UNIDADE DE REGISTRO (UR)
01	UR 01 – Mostrar seu trabalho em outros ambientes UR 02 – Dar oportunidade de conheceram lugares e pessoas UR 03 – Mobilizar os pais
02	UR 04 – Satisfação UR 05 – Levar para conhecer o novo UR 06 – Reconhecimento
03	UR 07 – Sucesso alcançado UR 08 – Alcançamos nosso principal objetivo UR 09 – Fortalecimento de vínculos UR 10 – Pais participando
04	-
05	UR 11 – Divulgar seu trabalho

Categorização

As três questões anteriores foram alocadas nas seguintes categorias:

Reconhecimento: A importância de ser reconhecida perante as pessoas ali presentes.

Fortalecer vínculos: Estreitar as relações entre pais e filhos, professores e alunos, professores e entidade e entre entidade e alunos.

Dar oportunidade: Propiciar uma experiência nova aos seus professores e atendidos.

Divulgar o trabalho: Divulgar o trabalho que foi realizado pela entidade.

QUADRO 73. Categorização da questão 23

CATEGORIA	FREQUÊNCIA (UR)
Fortalecer vínculos	03, 08, 09, 10
Reconhecimento	04, 06, 07
Dar oportunidade	02, 05
Divulgar o trabalho	01, 11

Fonte: Autoria própria

Para a entidade, na visão dos educadores, a participação no festival teve papel importante no *fortalecimento de vínculos*, destacando a aproximação dos atendidos com a entidade, o laço estreitado dos atendidos com os educadores, e principalmente o envolvimento dos pais. Um dos educadores, em conversa informal, comentou sobre o não envolvimento dos pais em relação às atividades desenvolvidas com seus filhos na entidade, que muitas vezes a entendem como um lugar para deixá-los enquanto trabalham, sem demonstrar qualquer interesse em seu desenvolvimento.

Por conta disso, houve um certo espanto com o envolvimento e esforço dos pais para acompanhar a apresentação de seus filhos no Sesc Bom Retiro, sendo que todos eles moram no extremo sul de São Paulo. O educador conta também que duas mães entraram na entidade e se dirigiram até a sala (ação considerada atípica) para perguntar se podiam levar a família para assistir a apresentação e entender questões acerca de horário e localização. E de fato, algumas famílias estavam presentes e tiveram a oportunidade de dividir este momento com seus filhos ou parentes, prestigiando e se emocionando com as apresentações.

Outra questão importante foi o *reconhecimento* que a entidade teve no evento, pelo público, por outros grupos presentes e até mesmo pelo Sesc, como comenta um dos sujeitos: ” [...] o reconhecimento que tivemos no sesc como uma das ONGs que mais levou apresentações.” Nesse sentido, para uma ONG que teve seu primeiro contato com a GPT e com um festival, é interessante e satisfatório ter este tipo de reconhecimento.

Outro exemplo de reconhecimento ocorreu após a apresentação de uma das coreografias do CCINTER Clube da Turma, quando uma professora universitária que estava presente com seu grupo e, não tendo conhecimento deste projeto, procurou a coordenadora da entidade para parabenizá-la pelo trabalho e dialogar sobre possíveis parcerias em ações e projetos.

Dar oportunidade aos atendidos de conhecer pessoas novas, num ambiente novo, interagir com outros grupos, se apresentar e propiciar o protagonismo, entre outros fatores citados ao longo desta análise, vai ao encontro da missão da ONG SBJ, que segundo seu site é: “Realizar ações que promovam autonomia dos atendidos, a partir do fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários” (SBJ, 2017). Portanto, propiciar a participação num evento como este, faz-se importante e até essencial para cumprir sua missão como entidade social, como aponta o Sujeito 03: “Alcançamos nosso principal objetivo: fortalecimento de vínculos!”

Além disso, com esse tipo de participação, a entidade pode *divulgar o trabalho* que vem sendo realizado e promover trocas entre diversas instituições, desde escolas, universidades, clubes, profissionais do Sesc etc.

Portanto, se a participação foi significativa para o aluno na visão do professor, se foi importante para a entidade fazer seu papel como agente social e se colaborou para a formação dos educadores, então, pode-se dizer que houve um resultado muito positivo dessa ação.

Evidenciando a possibilidade de se expressar, vivenciar e exibir a ginástica de diferentes formas, sem a cobrança da conquista por um pódio e, além disso, sendo a participação “de e para todos”, faz-se do festival de GPT um “espaço democrático, sem a presença de normatizações, e permitindo manifestações com grande diversidade técnica e estética” (PATRÍCIO, BORTOLETO e CARBINATTO, 2016, p. 212). Nesse contexto, parece importante fomentar a participação de grupos como os envolvidos nesta pesquisa, a fim de possibilitar uma experiência singular para educadores, alunos e gestão da entidade.

Por fim, será analisada a última questão do questionário.

Questão 24: “COMENTÁRIOS GERAIS.”

Esta última questão foi, na verdade, um espaço aberto para comentários em geral, críticas e sugestões, sem qualquer tipo de especificação. Abaixo, as Unidades de Contexto e posteriormente, as de registro (UR):

QUADRO 74. Unidades de contexto da questão 24

SUJEITO	UNIDADE DE CONTEXTO (UC)
01	Fico muito grato a entidade por ter sido escolhido para participar; agregou muito na minha formação e me abriu novas possibilidades; Como professor, me emocionei muito ao ver meus alunos se apresentando e acredito que eles também sentiram algo diferente com a ginástica; Tenho que agradecer a Bianca também, pelos ensinamentos, pela troca, pela paciência e pela oportunidade.
02	Só tenho a agradecer aos usuários que se entregaram de corpo e alma, aos responsáveis que confiaram seus filhos em minhas mãos, à minha entidade que me escolheu para desempenhar esse trabalho, e à profissional que me proporcionou essa formação, me tirou do cômodo e me levou para enfrentar desafios; Meu muito obrigado a todos.
03	Estou muito feliz com o processo, principalmente com a conclusão dele (que apresentação incrível!); Foi muito bom ter visto o interesse dos pequenos, dos pais, da minha supervisão, enfim, parece que a ginástica nos envolveu numa caixinha, criou uma rede família: usuário – educador – supervisor – gestão; Isso foi incrível!; Fica aqui minha gratidão e ansiedade para o ano que vem.
04	Amei muito e adoraria dar sequência em tudo.
05	Só posso deixar elogios para a Bianca; participar desse processo me fez crescer não só como profissional mas com toda a certeza no lado pessoal, já que a GPT fez evidenciar a cooperação em minhas ações; a GPT é uma atividade que com toda certeza será colocada em prática aqui no espaço daqui pra frente.

QUADRO 75. Unidades de registro da questão 24

SUJEITO	UNIDADE DE REGISTRO (UR)
01	UR 01 – Muito grato a entidade UR 02 – Agregou muito na minha formação UR 03 – Abriu novas possibilidades

	UR 04 – Me emocionei muito UR 05 – Sentiram algo diferente com a ginástica UR 06 – Agradecer a Bianca
02	UR 07 – Agradecer usuários e responsáveis UR 08 - Agradecer entidade UR 09 – Agradecer pais UR 10 – Agradecer a profissional UR 11 – Me levou para enfrentar desafios
03	UR 12 – Muito feliz com o processo UR 13 – Bom ver o interesse dos pequenos, pais e supervisão UR 14 – Ginástica criou uma rede UR 15 – Gratidão UR 16 – Ansiedade para ano que vem
04	UR 17 – Amei muito UR 18 – Adoraria dar sequência
05	UR 19 – Deixar elogios UR 20 – Crescimento não só profissional UR 21 – Crescimento no lado pessoal UR 22 – GPT fez evidenciar a cooperação UR 23 – Será colocada em prática

Categorização

A partir das respostas foram identificadas cinco categorias, a seguir:

Gratidão: Palavras de agradecimento a todos os envolvidos no projeto, incluindo a realizadora e autora, a entidade, as crianças e os pais.

Elogios/Emoções: Emoções positivas e elogios ao processo.

Crescimento: Crescimento profissional e pessoal possibilitado a partir da experiência.

Projeção: Dar continuidade no projeto, seguir com as aulas e colocar em prática o conhecimento adquirido.

Aspectos da GPT: Características da GPT que foram evidenciadas e o que a prática proporcionou para os participantes e para a entidade.

QUADRO 76. Categorização da questão 24

CATEGORIA	FREQUÊNCIA (UR)
Gratidão	01, 06, 07, 08, 09, 10, 15
Elogios/Emoções	04, 12, 13, 17, 19
Crescimento	02, 03, 11, 20, 21
Aspectos da GPT	05, 14, 22
Projeção	16, 18, 23

Fonte: Autoria própria

Embora a última questão tenha sido aberta a comentários e portanto, sem qualquer direcionamento, as respostas seguiram uma linha semelhante de conteúdo, suscitando a identificação das categorias acima.

Merece destaque a *gratidão* que os educadores demonstraram por terem tido a oportunidade de participar deste projeto. Segundo o Sujeito 02:

“Só tenho a agradecer aos usuários que se entregaram de corpo e alma, ao responsáveis que confirmam seus filhos em minhas mãos, a minha entidade que me que me escolheu para desempenhar esse trabalho. E a profissional que me proporcionou essa formação, me tirou do cômodo e me levou para enfrentar desafios. Acreditou no meu trabalho e nos usuários, se dedicou, se preocupou, se emocionou e se sentiu com o dever cumprido assim como eu e como minha entidade. Meu muito obrigado a todos.”

Podemos notar que os educadores valorizaram a participação de todos os envolvidos e, sobremaneira, a importância de sua gestão comprometida com o desenvolvimento do trabalho e entendendo que, sem este apoio, o projeto não aconteceria.

Os educadores fizeram questão de deixar *elogios* e registrar suas *emoções* em comentários como: “feliz com o processo”; “me emocionei”; “amei muito” etc. Além disso, apontaram sua satisfação em ver o interesse e o envolvimento dos alunos, pais e entidade.

Houve também comentários relacionados ao *crescimento* profissional e pessoal, no sentido de confrontar com o novo, sair da zona de conforto, desafiar-se, e outros aspectos que nos preocupamos desde o princípio. O projeto não faria sentido se não tivesse colaboração na formação dos participantes de maneira ampla, pensando no desenvolvimento humano, já que este é o maior objetivo das ONGs e projetos sociais, independente da sua natureza.

A maioria dos participantes registrou a vontade de dar continuidade ao que foi realizado na entidade, entendendo que esta *projeção* seria um bom caminho. É claro que cada organização tem suas prioridades, sua programação, sua logística, mas o desejo de progredir com a GPT advindo dos próprios educadores já é de suma importância. Em conversa informal, em tom de “despedida”, com as gestoras, ficou nítida a vontade de dar prosseguimento à GPT e potencializar ainda com outros perfis de turmas, até mesmo num âmbito intergeracional, que é o pressuposto de um “CCINTER”.

Vale salientar que esta foi uma “despedida” apenas porque deixaríamos de nos encontrar com certa frequência, como ocorreu durante os 5 meses do projeto, porém, a ideia é que este seja o “começo” de um trabalho próspero, em colaboração com os

educadores e outros profissionais que desejem se envolver, no intuito de possibilitar trocas e ofertar uma prática que pode agregar muitos valores à entidade e seu atendidos.

Por fim, aspectos da GPT também foram ressaltados, com destaque para a cooperação que a prática envolve e ainda, as sensações descobertas na apresentação no festival. Um dos sujeitos sintetiza, em seu comentário, todas as categorias aqui identificadas nessa questão:

“Estou muito feliz com todo o processo, principalmente com a conclusão dele (que apresentação incrível!). Foi muito bom ter visto o interesse dos pequenos, dos pais, da minha supervisão, enfim, parece que a ginástica nos envolveu em uma caixinha, criou uma rede família - usuário - educador - supervisor - gestão. Isso foi incrível. Fica aqui minha gratidão e ansiedade para o ano que vem!”
(Sujeito 03)

Os participantes não trouxeram nenhum aspecto negativo em seus comentários, embora seja muito possível, e até provável, que os tivessem a fazer. Entende-se que eles não apontaram nenhum aspecto negativo, no sentido de crítica construtiva, por alguns motivos:

- por não conhecerem profundamente a prática gímnica e não se sentirem seguros para fazer determinados apontamentos;
- por estarem ainda extasiados ou encantados com tudo que foi vivido e não perceberem as reais dificuldades que podem enfrentar ao longo da implementação permanente da prática na entidade;
- por ficarem receosos de trazer algum tipo de crítica no documento.

Embora não tenham aparecido na fala dos participantes aspectos a serem repensados, e nem críticas acerca do processo como um todo, cabe-nos fazer uma reflexão mais ampla envolvendo todas as etapas de intervenção desta pesquisa, no sentido de fazer apontamentos que possam contribuir com a concepção de uma proposta de implementação da GPT em ONGs.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: APONTAMENTOS E REFLEXÕES

A partir de todas as etapas realizadas nesta pesquisa, consideramos ter atingido os objetivos propostos, de dialogar sobre as práticas gímnicas nas ONGs, analisar a presença do profissional de Educação Física e do Esporte no TS e, principalmente, ter atingido o objetivo principal, trazendo uma proposta de implementação da Ginástica para Todos em Organizações Não Governamentais, bem como apontamentos acerca dos pontos positivos e negativos que surgiram durante o processo.

A primeira e a segunda etapas do projeto, por meio de uma pesquisa bibliográfica e documental, possibilitaram algumas considerações acerca do contexto no qual se desenvolveu este projeto. Em primeiro lugar, as cidades brasileiras com maior volume populacional contemplam maior desigualdade social, pois concentram maior riqueza na mão de poucos e conseqüentemente apresentam grande nível de pobreza e miséria. E ainda, o nível de vulnerabilidade das cidades parece proporcional ao número da população que se tem.

Na cidade de São Paulo, as periferias da cidade (extremo norte, extremo leste e extremo sul) apresentam maior índice de vulnerabilidade – como acontece em outras metrópoles nacionais e internacionais – e são as regiões mais carentes de serviços socioassistenciais.

São Paulo, sendo a capital mais populosa do Brasil, tem grande parte da sua população (16,4%) vivendo em vulnerabilidade social (somando vulnerabilidade alta e muito alta) e por outro lado, as entidades conveniadas à prefeitura tem capacidade anual de atender menos de 2% dessa população, o que retrata a insuficiência de programas e projetos que atendem este público. Diagnosticou-se, também, que nestes projetos que atendem a população mais vulnerável dentro das organizações do TS, o esporte e a atividade física, em geral, não estão presentes de forma efetiva, haja vista a ausência de uma categoria específica do esporte como área de atuação. Além disso, a dificuldade de encontrar profissionais de Educação Física e Esporte formados atuantes nesse campo (durante a delimitação da amostra), revela que a identidade deste profissional ainda está em construção e em processo de legitimação neste setor.

Após compreender melhor o contexto no qual o projeto seria desenvolvido, e partindo para o processo de intervenção (terceira etapa), alguns apontamentos puderam ser feitos desde a apresentação do mesmo às ONGs participantes, até sua concretização.

Em primeiro lugar, ações “voluntárias” e “inovadoras”, como almejamos propor neste projeto, parecem ser muito bem recebidas nas ONGs e tratadas como “presente para a comunidade”, tanto pelos gestores quanto pelos profissionais, como foi o caso da nossa amostra, uma vez que a maioria dessas entidades parece carente em termos de possibilidades e limitada em termos de recursos financeiros para a contratação de profissionais. No entanto, ao mesmo tempo que valorizamos a ação voluntária, também defendemos a necessidade do profissional de Educação Física e Esporte ser valorizado e contratado pelo serviço singular que pode desenvolver nessas organizações. Assim, tanto o trabalho voluntário como o contratado possuem seu espaço e legitimidade no TS e em toda sociedade brasileira.

A **estruturação dos encontros**, subsidiada pela “práxis” (FREIRE, 1996), apoiada por uma apostila didática, e pelo posicionamento da pesquisadora atuar de forma a propiciar a autonomia do sujeito (FREIRE, 1983), mostrou-se eficiente para o processo de formação para educadores que não tinham nenhum conhecimento nesta área, segundo a visão dos envolvidos e da pesquisadora. Porém, consideramos que seria interessante ter mais dias de encontro, pois identificou-se que a formação profissional na área da Ginástica ainda parece ter pouco espaço ou ter sido pouco efetiva, dada a grande gama de conteúdos e possibilidades que esta área oferece. No caso desta proposta, esta ampliação de carga horária foi impossibilitada devido à agenda e demandas das próprias ONGs.

Concluimos, ainda, que outros modelos de cursos poderiam também ser testados e ser bem sucedidos, assim como outras estratégias dialógicas e de ação/reflexão entre um encontro e outro, à distância, a exemplo do que vem sendo desenvolvido em cursos EAD.

No **processo de implementação**, determinados ajustes tiveram que ser feitos devido a alguns contratemplos ou imprevistos, como a ausência de educadores e de alunos, desentendimentos entre educadores e entre estes e seus gestores, compromissos e atividades internas da entidade etc. Neste sentido, a proposta de implementação deve ser muito flexível e adequada a cada realidade, cabendo ao pesquisador ser um grande mediador nesse processo, o que ocorreu nesta proposta. Também por isso, consideramos 2 meses um período relativamente curto para a implementação, fazendo-se necessário ampliar este tempo e considerar possíveis adequações ao cronograma.

A **tutoria**, de forma geral, foi ao encontro da abordagem da autonomia do sujeito (FREIRE, 1996), na qual nos baseamos para a construção desta proposta³⁶, e mostrou-se essencial para a efetivação do processo de implementação. Esta revelou-se como uma importante estratégia de empoderamento dos educadores, uma vez que possibilitou o compartilhamento coletivo, colaborou com instruções e *feedbacks*, trouxe motivação ao trabalho dos mesmos e reforçou a ideia do curso de não apenas capacitar, mas dar autonomia e outras ferramentas para o desenvolvimento humano.

A efetivação da participação dos grupos num **festival** de GPT, previamente planejada na proposta, foi de extrema importância para os alunos, revelando a eles mesmos, mas também aos educadores e gestores, novas experiências, possibilidades (de movimento e artísticas) e emoções, com destaque ao protagonismo; para os professores, evidenciando a satisfação de ver seu trabalho sendo realizado e aplaudido, como o coroamento de um processo novo para si e para sua organização; e para a própria entidade, que pôde proporcionar uma nova experiência aos atendidos, divulgar seu trabalho e refletir sobre a relevância de um profissional desta área em sua organização. Ademais, essa participação teve um sentido especial de “fortalecer vínculos” e de “cidadania”, que é justamente a missão institucional da ONG Social Bom Jesus, e da área da Assistência Social de forma mais ampla.

Outrossim, as gestoras e responsáveis das ONGs tiveram papel fundamental no processo, incentivaram e apoiando o curso de diversas formas (cedendo espaço, lanche, materiais, remanejando professores etc.); em contrapartida, foram extremamente elogiadas e valorizadas pelos educadores, que entenderam que este projeto não aconteceria sem o esforço das mesmas.

Especificamente por meio dos questionários, foi possível diagnosticar o impacto da experiência na formação profissional e pessoal deles, o entendimento de que a GPT é uma prática possível dentro de suas realidades, a consciência de ter promovido algo transformador na vida de seus alunos, e ainda, a externalização de sentimentos e emoções por meio de uma experiência nova.

Vale salientar, aqui, que o foco da pesquisa não se ateve em discutir as abordagens e modelos pedagógicos, e/ou metodologias de ensino, embora tenhamos nos preocupado em abrangê-las da melhor forma dentro da estruturação do curso. Entende-se que a

³⁶ O diálogo da GPT com a autonomia de Paulo Freire, é uma premissa do LAPEGI (FCA/UNICAMP) desde 2012 e já vem sendo evidenciado nas produções de TOLEDO (2005; 2007).

capacitação é um dos caminhos para a formação humana, quando se perspectiva agregar e compartilhar conhecimento, sem deixar de lado a autonomia do ser humano e suas interações no contexto. Nesse sentido, fundamentamo-nos em propostas já vividas no TS no campo da ginástica, subsidiadas por preceitos teóricos e autores que convergem nesta direção, como Paulo Freire (no campo educacional) e Elizabeth Paoliello Machado de Souza e Jorge Sérgio Perez-Gallardo (no campo da GG/GPT).

Concluiu-se que a GPT parece ser uma forma de praticar ginástica que possui alinhamento com os objetivos das Organizações Não Governamentais e dessa forma, pode ser trabalhada e inserida como uma possibilidade para a transformação da realidade social e construção de cidadania de jovens e crianças que participam de projetos e instituições do terceiro setor. Reforça-se aqui também, o desejo por parte das pesquisadoras de ampliar e potencializar este projeto, com parceiros privados, e com outras organizações também do TS que busquem fortalecer e ampliar seus projetos.

Mais do que colaborações no âmbito científico para o campo da GPT e das ONGs, esta pesquisa impactou na vida de todas as pessoas envolvidas, incluindo mais de 60 crianças atendidas nas ONGs, seus familiares, professores, gestores, orientadora e pesquisadora, e todos os educadores que fizeram parte, direta ou indiretamente, do projeto. Como pesquisadora, posso afirmar que essa experiência foi transformadora no sentido de refletir sobre outra realidade, de buscar maneiras de encará-la e de compreendê-la, de empoderar pessoas e me empoderar, e principalmente, de me sentir mais humana e colaboradora para uma efetiva transformação social.

REFERÊNCIAS

ACIOLI, Andréa. A explosão das ONGs no mundo e no Brasil e seus reflexos no espaço rural fluminense. In: **Anais do IV Encontro Nacional de Grupos de Pesquisa**, São Paulo, 2008. p. 8-25.

ALMEIDA, Tabata Larissa. **Composição coreográfica coletiva e tematização como estratégias pedagógicas para o ensino/aprendizado da acrobacia coletiva**. 2016. 157p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

ALMEIDA, Tabata Larissa; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Sobre o ensino da acrobacia coletiva e sua relação com a Ginástica para Todos. In: OLIVEIRA, M.O.; TOLEDO, E. **Ginástica Para Todos – Possibilidades de Formação e Intervenção**. Anápolis: Editora UEG, 2016, p.225-250.

ALTENFELDER, Anna Helena. Desafios e tendências em formação continuada. **Construção Psicopedagógica**, São Paulo, v.13, n.10, p. 2005. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S141569542005000100004&script=sciarttext>> Acesso em 18 de Janeiro de 2018.

ALVARADO-PRADA, Luis Eduardo; FREITAS, Thaís Campos; FREITAS, Cinara Aline. Formação continuada de professores: alguns conceitos, interesses, necessidades e propostas. **Revista Diálogo Educacional**, PUCPR, v.10. n.30, p.367-387, 2010.

ANDER-EGG, Ezequiel; AGUILAR, María José. **Cómo elaborar un proyecto: guía para diseñar proyectos sociales y culturales**. Madrid: Instituto de Ciências Sociales Aplicadas, 1997.

ARAÚJO, Célia Maria; AMARAL, Vera Lúcia do (Org.). **Guia do tutor**. Natal: Paidéia/UFRN; 2005.

ARAÚJO, Cláudio Márcio de; OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de. Significações sobre desenvolvimento humano e adolescência em um projeto socioeducativo. **Educação em Revista**, v.26, n.3, p.169-194, 2010.

ARTUSI, Maryland Ribeiro da Silva. **Diagnósticos dos principais eventos de Ginástica geral no Brasil**. 2008. 228p. Dissertação (Mestrado). Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS. **Carta de Princípios**. Disponível em < http://www.abong.org.br/quem_somos.php?id=2 > Acesso em 20 de Janeiro de 2018.

_____. **ONGs no Brasil: Perfil e Catálogo das associadas à Abong**. São Paulo, 2002. Disponível em < <http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/handle/11465/188> > Acesso em 15 de Maio de 2018.

ASSUMPÇÃO, Bianca; TOLEDO, Eliana de. A ginástica no terceiro setor: um estudo de caso da REMS (Rede Esporte pela Mudança Social). **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 31, p. 29-40, 2017.

_____. A presença do profissional de educação física em ONGs: uma análise legislativa no campo socioassistencial. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 22, n. 01, Suplemento 1, p.101, 2018.

AYOUB, Eliana. **Ginástica Geral e educação física escolar**. 1.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

BARBIRATO, Fernanda Rosa. **A socialização no contexto de projetos esportivos: um estudo de caso na Fundação Gol de Letra**. 2005. 147p. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

BARBOSA, Ieda Parra. **A ginástica nos cursos de Licenciatura em Educação Física do Estado do Paraná**. 1999. 131p. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

BARBOSA-RINALDI, Ieda Parra. **A ginástica como área de conhecimento na formação profissional em Educação Física: encaminhamentos para uma estruturação curricular**. 2005. 219 p. Tese (Doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

BARBOSA-RINALDI, Ieda Parra; PAOLIELLO, Elizabeth. Saberes ginásticos necessários à formação do profissional em educação física: encaminhamentos para uma estruturação curricular. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 29, n. 2, p. 227 – 243, 2008.

BARCELLOS, Valéria Reis. **Necessidades de formação de professores de educação física do ensino fundamental, relacionadas à ginástica como conteúdo escolar**. 2008. 183p. Dissertação (Mestrado). Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Editora Edições 70, 2011.

BENDRATH, Eduard Angelo. Escola, Educação Não-Formal e a Formação do profissional de Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 35, p. 286-300, 2010.

BERTOLINI, Claudia Mara. **Ginástica Geral na escola: Uma proposta pedagógica desenvolvida na rede estadual de ensino**. 2005. 142p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Uma reflexão sobre o conceito de técnica na ginástica geral. In: PAOLIELLO, E. (org). **Ginástica geral: experiências e reflexões**. São Paulo: Phorte; 2008. p.17-28.

BORUCHOVITCH, Eveli; BZUNECK, José Aloyseo; GUIMARÃES, Sueli Édi Rufni. **Motivação para aprender: aplicações no contexto educativo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

BRACHT, Valter; GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Educação física escolar. In: GONZÁLEZ, F.J; FENSTERSEIFER, P.E. (Organizadores.). **Dicionário crítico de educação física**. Ijuí: Unijuí, 2005, p. 150-156.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Proposta preliminar. Ministério da Educação. Brasília: MEC, 2016.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução n. 7/2004, de 31 de março de 2004. **Institui as diretrizes curriculares para os cursos de graduação em educação física.** Brasília, DF, 2004. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12991>. Acesso em 18 de Dezembro de 2017.

_____. **Conselho Nacional de Assistência Social.** Ministério da Previdência e Assistência Social. Brasília, 1999.

_____. **Constituição 1988.** Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília (DF): Senado; 1988.

_____. **Lei Orgânica da Assistência Social.** Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília (DF), 1993.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social. **Legislação.** Disponível em <http://mds.gov.br/acesso-a-informacao/legislacao#b_start=0&c4=Nº+17> Acesso em Junho de 2018.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Atenção Básica.** Série E. Legislação em Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2012a. 114p.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde:** PNPS: Revisão da Portaria MS/GM no 687, de 30 de março de 2006. Brasília, Ministério da Saúde, 2015. 38p.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais:** Educação física. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, v.7, 1997.

BUARQUE, Maria Augusta Azevedo Gama. A Ginástica Geral em programas sociais: uma experiência vivenciada no programa social da Mangueira. In: **Anais** do III Fórum Internacional de Ginástica Geral; 2005; Campinas, SP. Campinas: SESC: FEF/UNICAMP; 2005. p. 79-81. Editoras: Eliana Ayoub e Elizabeth Paoliello.

CARBINATTO, Michele Viviene.; TOLEDO, Eliana de; MASSARO, Isabela Favaro. Estrutura e organização da Ginástica para Todos: uma análise federativa. In: OLIVEIRA, M.O.; TOLEDO, E. (organizadores). **Ginástica para todos: possibilidades de formação e intervenção**. Anápolis: Editora UEG; 2016. p. 44-67.

CASA DO ZEZINHO. Projetos transformadores. Disponível em <
<https://www.casadozezinho.org.br/projetos-transformadores-detalle.php?D=23>
> Acesso em 10 de Janeiro de 2018.

CESÁRIO, Marilene; PEREIRA, Ana Maria. A Ginástica Geral como componente curricular da Educação Física Escolar na Escola de Ensino Fundamental “Maria Cristina Beltran”. In: **Anais do IV Fórum Internacional de Ginástica Geral**; 2007; Campinas, SP. Campinas: FEF/UNICAMP; 2007.p.70-72. Editoras: Eliana de Toledo, Silvana Venâncio e Eliana Ayoub.

CHICATI, Karen Cristina. Motivação nas aulas de educação física no ensino médio. **Revista da Educação Física, Universidade Estadual de Maringá**, Maringá, v.11, n.1, p. 97-105, 2000.

CONSELHO NACIONAL DA ASSISTÊNCIA SOCIAL. **Resolução N° 31**. Fevereiro de 1999.

_____. **Resolução N° 17**. Junho de 2011.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. **Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil**. Disponível em <
<http://lattes.cnpq.br/web/dgp> > Acesso em 07 Abril 2017.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação física na escola: questões e reflexões**. Araras: Topázio, 1999.

DARIDO, Suraya Cristina.; SOUZA, Osmar Moreira Júnior. **Para ensinar Educação Física: possibilidades de intervenção na escola**. 6 ed. Campinas: Papirus; 2010.

DE LELES, Maria Teodoro; NAKATANI, Larissa Zanini César; DE SOUZA, Samanta Garcia; LOPES, Lara Torres; NETO, Othon Viollati; MONTEIRO, Thiago Sousa. Ginástica para Todos na extensão universitária: o exercício da prática docente. **Conexões**, UNICAMP, Campinas, v.14, n.3. p. 23-45, 2016.

DIMAGGIO, Paul; ANHEIER, Helmut. The Sociology of nonprofit organizations and sectors. **Annual Review of Sociology**, v.16, p.137-59, 1990.

D'IMPERIO, Ana Lúcia; ROSENDO, Rosi. Séries finais do ensino fundamental: o papel das TIC na etapa mais desafiadora do ensino básico. In: **Comitê Gestor da Internet no Brasil**. TIC Educação 2013: Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras, São Paulo, 2013, p.73-80.

FERNANDES, Rubem Cesar. **Privado Porém Público: O Terceiro setor na América Latina**. 2a ed. Rio de Janeiro: Editora Relume-Dumará, 1994.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA. **Gymnastics for All: Regulations Manual**. 2009 edition. Disponível em < <http://www.fig-gymnastics.com/publicdir/rules/files/gfa/2009%20GFA%20manual-e.pdf> > Acesso em 11 de Janeiro de 2018.

FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA PARA TODOS. **O que é o evento?**. Disponível em < <http://www.forumgpt.com/o-que-e-o-evento>: > Acesso em 05 de Dezembro de 2017.

FREIRE, João Batista. Prefácio. In: HIRAMA, L.K; MONTAGNER, P.C. **Algo para além de tirar as crianças da rua: pedagogia do esporte em projetos socioeducativos**. São Paulo: Phorte, 2012.

FREIRE, João Batista; SCAGLIA, Alcides José. **Educação como prática corporal**. Porto Alegre: Scipione; 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo.; SHOR, Ira. **Medo e ousadia.** Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1986.

FUNDAÇÃO GOL DE LETRA. **Institucional.** Disponível em <
<https://goldeletra.org.br>> Acesso em 17 de Dezembro de 2017.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS. **Índice Paulista de Vulnerabilidade Social – IPVS, 2010** Disponível em < http://indices-ilp.al.sp.gov.br/view/pdf/ipvs/principais_resultados.pdf > Acesso em 15 de Setembro de 2017.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação.** Porto Alegre: Armed, 2000.

_____. **A questão da educação formal/não-formal.** Sion, Suisse: Institut International dês Droits de l'enfant-IDE, 2005.

GARDNER, Howard. Tradução Celso Nogueira. **Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas.** Porto Alegre: Artes médicas, 1994.

GHILARDI, Reginaldo. Formação profissional em Educação Física: a relação teoria e prática. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 4, n 1, p. 3, 1998.

GOHN, Maria Gohn. **Os sem-terra, ONGs e cidadania.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. Educação não-formal na pedagogia social. In: **Anais do I Congresso Internacional de Pedagogia Social, 2007**, São Paulo. SP. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006. [online]. Disponível em
<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100034&lng=en&nrm=iso> Acesso em 10 Dezembro de 2017.

_____. Educação Não-Formal e o Educador Social. **Revista de Ciências da Educação**, Aparecida, v.19, p.121-140, 2008.

_____. Educação Não-Formal nas Instituições Sociais. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v.18, p.59-75, 2016.

GRACIANI, Maria Stela Santos. **Pedagogia Social de Rua: Análise e Sistematização de Uma Experiência Vivida**. 5 ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.

GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini; BORUCHOVITCH, Evely. O estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes: uma perspectiva da teoria da autodeterminação. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v.17(2), p.143-150, 2004.

GUTIERREZ, Luis Alberto Linzmayer. **Formação humana e ginástica geral na Educação Física**. 2008. 151p. Tese (Doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

HIRAMA, Leopoldo Katsuki; MONTAGNER, Paulo César. **Algo para além de tirar as crianças da rua: pedagogia do esporte em projetos socioeducativos**. São Paulo: Phorte, 2012.

INSTITUTO BOLA PRA FRENTE. **Missão, visão e valores**. Disponível em < <http://bolaprafrente.org.br/missao-visao-e-valores/> > Acesso em 17 de Dezembro de 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em < www.ibge.gov.br > Acesso em 06 de Janeiro de 2018.

_____. **As fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos no Brasil**. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em < <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/fasfil/2005/> > Acesso em 20 de Dezembro de 2017.

_____. **As fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos no Brasil**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em <

[ftp://ftp.ibge.gov.br/Fundacoes Privadas e Associacoes/2010/fasfil.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Fundacoes_Privadas_e_Associacoes/2010/fasfil.pdf) > Acesso em 20 de Dezembro de 2017.

INSTITUTO JANETH. **Instituto**. Disponível em < <http://www.institutojaneth.com.br> > Acesso em 17 de Dezembro de 2017.

INSTITUTO REAÇÃO. **O instituto**. Disponível em < <http://www.institutoreacao.org.br/oinstituato/> > Acesso em 20 de Janeiro de 2018.

KERLINGER, Frederich Nicholas. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais**: um tratamento conceitual. Tradução Helena Mendes Rotundo. São Paulo: EPU, 1980.

KOREN, Suzana Bastos Ribas; NISTA-PICCOLO, Vilma Lení. Atividades de Ginástica Geral na Escola Educação Infantil – 4ª série do Ensino Fundamental. In: **Anais** do I Fórum Internacional de Ginástica Geral, 2001, Campinas, SP. Campinas: SESC: FEF/UNICAMP; 2001. p. 141-143. Editoras: Elizabeth Paoliello e Eliana Ayoub.

LANDIM, Leilah. **A invenção das ONGs: do serviço invisível à profissão impossível**. 1993. 239p. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Rio de Janeiro, 1993.

LANDIM, Leilah, BERES, Neide. **As Organizações sem fins lucrativos no Brasil: ocupações, despesas e recursos**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1999.

LIMA, Maryana de França; NETO, Antônio Andrade; SILVA, Myllena Santos; CARVALHO, Kássia Mitally da Costa; REIS, Lorena Nabanete dos. Ginástica Para Todos: Experiências na Intervenção Escolar. In: **Anais** do VIII Fórum de Ginástica Para Todos, 2016, Campinas, SP. Campinas: FEF/UNICAMP; 2016. p.148-150. Editoras: Laurita Marconi Schiavon, Eliana de Toledo, Eliana Ayoub e Elizabeth Paoliello.

MACEDO, Liliane de Fátima Dias; GOMES, Nayara do Socorro; LOPES, Priscila. Confecção de equipamentos alternativos para ginástica artística: uma possibilidade real. In: **Anais** do VI Fórum Internacional de Ginástica Geral, 2012, Campinas, SP.

Campinas: FEF/UNICAMP; 2012. p.333-339. Editoras: Eliana de Toledo, Eliana Ayoub, Marco Antonio Coelho Bortoleto e Elizabeth Paoliello.

MARCELINO, Nelson Carvalho. Academias de ginástica como opção de lazer. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, UCB, Brasília, v. 11, p. 49-54, 2008.

MARTINELLI, Telma Adriana Pacifico. Educação Física Escolar: uma experiência em Ginástica Geral. In: **Anais do II Fórum Internacional de Ginástica Geral**, 2003, Campinas, SP. Campinas: FEF/UNICAMP; 2003. p. 97-103. Editoras: Elizabeth Paoliello, Eliana Ayoub e Eliana de Toledo.

MELO, Marcelo Paula de. Lazer, esporte e cidadania: debatendo a nova moda do momento. **Movimento**, UFRGS, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 105-122, 2004.

MERIDA, Fernanda; NISTA-PICCOLO, Vilma Lení; MERIDA, Marcos. Redescobrimo a Ginástica Acrobática. **Movimento**, UFRGS, Porto Alegre, v.14, n.2, p.155-180, 2008.

MIRANDA, Rita de Cássia; EHRENBERG, Mônica Caldas; BRATIFISCHE, Sandra Aparecida. (Orgs.). **Temas emergentes em ginástica para todos**. Várzea Paulista: Fontoura, 2016.

MONTAÑO, Carlos. **Terceiro Setor e Questão Social: Crítica ao Padrão Emergente de Intervenção Social**. 3 ed. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

_____. O lugar histórico e o papel político das ONGs. In MONTAÑO, C. (org.) O Canto da Sereira. Crítica à ideologia e aos projetos do terceiro setor. Cortez: São Paulo, 2014. p. 53.

MOURA, Cintia; CARVALHO, Guilherme de Freitas; CRUZ, Kelly de Fátima Gomes. Possibilidades coreográficas de Ginástica para Todos com materiais alternativos para crianças de 3 a 10 anos de idade. In: OLIVEIRA, M.O.; TOLEDO, E. **Ginástica Para Todos – Possibilidades de Formação e Intervenção**. Anápolis: Editora UEG, 2016, p.155-180.

NATALI, Paula Marçal; PAULA, Ercília Marçal Teixeira de. Educadores sociais atuantes nas ONGs: reflexões sobre a formação profissional. In: **Anais do VIII Congresso Nacional de Educação da PUCPR–EDUCERE e III congresso Ibero–Americano sobre violências nas escolas–CIAVE**; 2008, Curitiba, PR. Curitiba: PUCPR /EDUCERE, 2008. p. 3154-3165.

NETO, Ewerton Dantas Cortês; DANTAS, Mayana Maia Cruz; MAIA, Eulália Maria Chaves. Benefícios dos projetos sociais esportivos em crianças e adolescentes. **Saúde e Transformação Social**, UFSC, Santa Catarina, v.6, n.3, p.109.-117, 2015.

NISTA-PICCOLO, Vilma Lení; MOREIRA, Wagner Wey. **Esporte para a vida no ensino médio**. São Paulo: Cortez; 2012.

NOBRE, Elizabete; MARTINS, Maria Teresa Bragagnolo. A implementação da modalidade Ginástica Geral no projeto “Esporte social: uma torcida pela Educação” em crianças e adolescentes de 06 a 17 anos na cidade de Mauá - São Paulo. In: **Anais do V Fórum Internacional de Ginástica Geral**; 2010; Campinas, SP. Campinas: FEF/UNICAMP; 2010. p. 285-290. Editoras: Eliana de Toledo, Eliana Ayoub e Elizabeth Paoliello.

NOGUEIRA, Suziane Chaves. A ginástica na escola pública: experiências no programa “Mais Educação” no município de Ananideua-Pará. In: **Anais do VI Fórum Internacional de Ginástica Geral**; 2012; Campinas, SP. Campinas: FEF/UNICAMP; 2012. p. 283-288. Editoras: Eliana de Toledo, Eliana Ayoub, Marco Antonio Coelho Bortoleto e Elizabeth Paoliello.

OLIVEIRA, Nara Rejane Cruz de. Ginástica para Todos: perspectivas no contexto do lazer. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, v. 6, n. 1, p.27-35, 2007.

OÑA, José Manuel. El educador social: un profesional de la educación en contacto con la infancia. **Revista de Educación Social**. Universidad de Guadalajara, México, 2005.

Disponível em <<http://www.eduso.net/res/?b=7&c=64&n=177>> Acesso em 15 de Fevereiro de 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Esporte para o Desenvolvimento e a Paz: Em Direção à Realização da Metas de Desenvolvimento do Milênio**. 2003.

Disponível em < www.esporte.gov.br > Acesso em 13 de Outubro de 2017.

PAOLIELLO, Elizabeth; TOLEDO, Eliana de; AYOUB, Eliana; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; GRANER, Larissa. **Grupo Ginástica Unicamp 25 anos**. 1 ed. Campinas: UNICAMP, 2014, v.1, 288p.

PATRÍCIO, Tabata Larissa, BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Festivais Ginásticos: princípios formativos na visão de especialistas. **Conexões**, UNICAMP, Campinas, v.13, p. 98-114, 2015.

PATRICIO, Tabata Larissa; CARBINATTO, Michele Viviene; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Festivais de ginástica no mundo e no Brasil: reflexões gerais. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, USP, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 199-216, 2016.

PÉREZ GALLARDO, Jorge; SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de. La experiencia del Grupo Ginástico Unicamp en Dinamarca. In: **Anais** do III Congresso Latino-americano. ICHPER, 1995; Foz do Iguaçu, PR. Foz do Iguaçu: ICHPER; 1995. p.296-298.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO.

Movimento é vida: atividades físicas e esportivas para todas as pessoas - Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano no Brasil com o tema, 2017. Disponível em <www.movimentoevida.org.br > Acesso em 20 de Maio de 2018.

REDE ESPORTE PELA MUDANÇA SOCIAL. **Página inicial**. Disponível em < <http://rems.org.br/br/> > Acesso em 14 de Dezembro de 2017.

RIBEIRO, Filomena. Motivação e aprendizagem em contexto escolar. **Profforma**, v.3, p.1-5. Disponível em <http://cefopna.edu.pt/revista/revista_03/pdf_03/es_05_03.pdf> Acesso em 07 Setembro de 2018.

SALAMON, Lester. **America's Nonprofit Sector** - A Prime. 2 ed. USA: The Foundation Center, 1999.

SALAMON, Lester; ANHEIER, Helmut. Social origins of civil society: explaining the nonprofit sector cross-nationally. **Voluntas**, v.3 n. 2, 1992.

SANTANA, Eline Peixoto de; SILVA, Jéssica Aparecida dos Santos da; SILVA, Valdianara Souza da. Histórico da política de Assistência Social: uma construção lenta e desafiante, do âmbito das benesses ao campo dos direitos sociais. In: **Anais da VI Jornada Internacional de políticas públicas**, 2013. Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2013. p. 01-10.

SANTOS, José Carlos Eustáquio; SANTOS, Nadja Glória Marques. **História da ginástica geral no Brasil**. Jundiaí: Fontoura, 1999.

SÃO PAULO. **Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social**. Disponível em < http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/entidades_sociais/index.php?p=3245 > Acesso em 20 de Dezembro de 2017.

SCHIAVON, Laurita Marconi. **O projeto Crescendo com a ginástica: uma possibilidade na escola** [dissertação de mestrado]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física; 2003.

SCHIAVON, Laurita Marconi; NISTA-PICCOLO, Vilma Lení. A ginástica vai à escola. **Movimento**, UFRGS, Porto Alegre, 2007, v. 3, 131-150.

SCHIAVON, Laurita Marconi; PAES, Roberto Rodrigues; TOLEDO, Eliana de; DEUTSCH, Silvia. Panorama da ginástica artística feminina brasileira de alto rendimento esportivo: progressão, realidade e necessidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, USP, São Paulo, v.3, p.423-436, 2013.

SECRETARIA MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL. **Assistência Social**. Disponível em < http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/ > Acesso em 15 de Setembro de 2017.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA ARTÍSTICA E RÍTMICA DE COMPETIÇÃO. **Página inicial**. Disponível em <<https://ivsigarcen.wordpress.com>> Acesso em 5 de Dezembro de 2017.

SILVA, Gerson Heidrich. Educador social: uma identidade a caminho da profissionalização? **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.35, n.3, p. 479-493, 2009.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. **O Discurso dos Professores Sobre a Formação Continuada**. In: Anais da XXIV reunião anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação; 2001, Caxambu, MG. Caxambu: ANPED, 2001. Disponível em <www.anped.org.br/24/p0850042428659.doc>. Acesso em 27 de Junho de 2018.

SILVA, Junior Vagner Pereira da; SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. Os conteúdos da aulas de educação física do ensino fundamental: o que mostram os estudos? **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, UCB, Brasília, v.20(2), p.106-118, 2012.

SOARES, Carmen Lúcia; TAFFAREL, Celi Nelza Zulke; VARJAL Elizabeth; FILHO Lino Castellani, ESCOBAR Micheli Ortega, BRACHT, Valter. **Metodologia do ensino de Educação Física**. 2 ed. São Paulo: Cortez; 2014.

SCARABELIM, Maria Leticia Abud; TOLEDO, Eliana de. Proposal of analytical records for choreographic compositions in gymnastics for all. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, USP, São Paulo, v. 30, n. 1, p.159-70, 2016.

SMITH, David Horton. Four Sectors or Five? Retaining the Member-Benefit Sector. **Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly**, Summer, v. 20 n.2, p.137-50, 1991.

SOCIAL BOM JESUS. **Quem somos**. Disponível em < <http://socialbomjesus.org.br> > Acesso em 20 de Outubro de 2017.

SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado. de. **A Busca do auto-conhecimento através da consciência corporal: uma nova tendência**. Campinas, 1992. 88 p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 1992.

_____. **Ginástica geral: uma área do conhecimento da Educação Física.** 1997. 163p. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel. As ONGs no Brasil: elementos para uma narrativa política. **Humanas**, Porto Alegre, v. 24, n. 1/2, p. 36-55, 2001.

TOLEDO, Eliana de. A Ginástica Geral em clubes: ensaios de uma proposta à partir da experiência vivida. In: **Anais do I Fórum Internacional de Ginástica Geral**; 2001; Campinas, SP. Campinas: FEF/UNICAMP, 2001. p. 131-135. Editoras: Elizabeth Paoliello e Eliana Ayoub.

_____. A Ginástica Geral e a Pedagogia da Autonomia. In: **Anais do III Fórum Internacional de Ginástica Geral**; 2005; Campinas, SP. Campinas: FEF/UNICAMP, 2005. p. 73-76. Editoras: Eliana Ayoub e Elizabeth Paoliello.

_____. A promoção da autonomia na Ginástica Geral: estudos, experiências e reflexões. In: **Anais do IV Fórum Internacional de Ginástica Geral**; 2007; Campinas, SP. Campinas: FEF/UNICAMP, 2007. p. 111-114. Editoras: Eliana de Toledo, Silvana Venâncio e Eliana Ayoub.

_____. **A legitimação da ginástica de academia na modernidade:** um estudo da década de 1980. 2010. 257p. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

_____. O folclore na escola: um esquecido, porém precioso, conteúdo da Educação Física. In: MOREIRA, E.C.; PEREIRA, R.S. **Educação Física escolar: desafios e propostas.** Jundiaí: Fontoura, 2ed., 2011, p. 65-92.

_____. Fundamentos da Ginástica Rítmica. In: NUNOMURA, M. (org). **Fundamentos das Ginásticas.** Jundiaí: Fontoura, 2ed., 2016, p.143-172.

TOLEDO, Eliana de; DESIDERIO, Andréa; SCHIAVON, Laurita Marconi. Ginástica e terceiro setor: possibilidades do alcance da cidadania. In: TOLEDO, E., SILVA, P.C.C.,

organizadoras. **Democratizando o ensino da Ginástica** – estudos e exemplos de sua implantação em diferentes contextos sociais. Várzea Paulista: Fontoura; 2013. p. 49-96.

TOLEDO, Eliana de; SCHIAVON, Laurita Marconi. Ginástica geral: diversidade e identidade. In: PAOLIELLO, E. (Org.). **Ginástica geral: experiências e reflexões**. São Paulo: Phorte, 2008. p. 216-239.

TOLEDO, Eliana de; TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz; CARBINATTO, Michele Viviene. Fundamentos da Ginástica Para Todos. In: NUNOMURA, M, (org). **Fundamentos das Ginásticas**. Jundiaí: Fontoura, 2ed., 2016, p.23-49.

TORRES, Carlos Alberto. **A política da educação não formal na América Latina**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TRUZZI, Luciano; SCARABOTTO, Rosemari Simalha; RODRIGUES, Valeria Aparecida. A Ginástica Geral no programa "Ame a Vida sem Drogas". In: **Anais do III Fórum Internacional de Ginástica Geral**; 2005; Campinas, SP. Campinas: SESC - FEF/UNICAMP, 2005, p.83-85. Editoras: Eliana Ayoub e Elizabeth Paoliello.

TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz; NUNOMURA, Miriam. Iniciação esportiva e infância: um olhar sobre a ginástica artística. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, USP, São Paulo, v.3, p.159-176, 2005.

VALOURA, Leila de Castro. **Paulo Freire, o educador brasileiro autor do termo empoderamento, em seu sentido transformado**, 2005. Disponível em [http://www.paulofreire.org/pub/Crpf/CrpfAcervo000120/Paulo Freire e o conceito d e empoderamento.pdf](http://www.paulofreire.org/pub/Crpf/CrpfAcervo000120/Paulo_Freire_e_o_conceito_d_e_empoderamento.pdf). Acesso em 15 de Fevereiro de 2018.

WITTER, Geraldina Porto; LOMÔNACO, José F Bittencourt. **Psicologia da aprendizagem**. São Paulo: EPU, 1984.

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**APONTAMENTOS PARA UM MODELO DE IMPLEMENTAÇÃO DA GINÁSTICA
PARA TODOS NAS ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS**

Bianca Assumpção, Prof^a Dr^a Eliana de Toledo Ishibashi

Número do CAAE: 74972117.8.0000.5404

Sr(a) foi selecionado(a) e está sendo convidado(a) para participar como voluntário de uma pesquisa, como sujeito da mesma, sendo a participação de duas formas: A primeira, como participante de um processo de capacitação em Ginástica para Todos promovido pela pesquisadora e, a segunda, respondendo a um questionário. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, para que entenda melhor a pesquisa e possa sanar possíveis dúvidas. Caso haja questionamentos, estaremos a sua disposição. Portanto, analise com cuidado este documento para caso decida não participar da pesquisa, possa nos responder sua não participação. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo a qualquer um de nossos colaboradores que não aceitem participar ou queiram retirar suas autorizações em qualquer momento.

Justificativa e objetivos

Esta pesquisa, intitulada “*Apontamentos para um modelo de implementação da Ginástica para Todos nas Organizações Não Governamentais*”, visa trazer apontamentos para um modelo de implementação da GPT nas instituições do terceiro setor. Este é um estudo que, num primeiro momento, conta com uma metodologia de intervenção por meio de encontros com instituições pré-selecionadas. Os encontros presenciais serão realizados durante um mês, no período de 05 a 21/12/2017 e, ocorrerão também, encontros online e contatos via e-mail e telefone. Após este processo de capacitação, haverá um período de implementação da Ginástica para Todos nas instituições participantes e num segundo momento, a fim de avaliar o processo de intervenção, será utilizado o questionário como método para uma abordagem descritiva.

Objetivos específicos da pesquisa:

- Diagnosticar se há profissionais de Educação Física e Esporte nas ONGs;
- Diagnosticar se as práticas gímnicas são vivenciadas nas ONGs;
- Apresentar a GPT para educadores que trabalham nas ONGs;
- Propiciar um processo básico de capacitação profissional aos educadores com a GPT;
- Incentivar a implementação de projetos de criação de um projeto de GPT dentro das ONGs,

Procedimentos

Participando do estudo o participante será convidado a participar dos encontros nas datas e horários pré-definidos. Vale salientar que estes serão definidos juntamente com as gerentes das organizações, não havendo nenhum prejuízo caso os encontros aconteçam no horário de trabalho. Nestes encontros serão realizados registros em forma de vídeos e fotos. Além dos encontros do curso de capacitação, o participante será convidado também a responder um questionário (com perguntas abertas e fechadas), a fim de possibilitar a avaliação do processo de capacitação, bem como da implementação da Ginástica para

Todos nas instituições. A duração dos encontros para o preenchimento dos questionários dependerá do tempo disponível do colaborador e do questionador, porém, o tempo estimado é de no máximo 1 (uma) hora, visto que há perguntas abertas que podem demorar à serem respondidas.

O questionário será aplicado pessoalmente pela pesquisadora principal, no local de trabalho do colaborador, num horário que melhor lhe convier, previamente estabelecido por e-mail, telefonema ou presencialmente.

As respostas serão utilizadas somente para a análise dessa pesquisa, e não haverá nenhum tipo de divulgação dos dados pessoais. No item “Sigilo e Privacidade” você poderá verificar melhor esta afirmação. O descarte dos dados pessoais obtidos será feito como a parte principal preferir (lixo eletrônico, lixo comum, acervo pessoal etc).

O uso do nome da instituição para divulgação posterior, será definido pelos responsáveis do clube. No item “Sigilo e Privacidade” você poderá verificar melhor esta afirmação.

Desconfortos e riscos

Você não deve participar deste estudo se vir a se sentir constrangido (a) com qualquer seguimento associado ao questionário e aos encontros de capacitação, como: disponibilidade de tempo, registro de fotos e vídeos, local onde será feito, tipo de questão do questionário,

Caso opte em responder o questionário em casa, deve haver um comprometimento de entrega digitalizada do questionário (via e-mail).

Não é obrigatória a participação em todos os dias de encontros presenciais, bem como não é obrigatória a resposta à todas as questões caso sinta-se desconfortável. Caso não se sinta à vontade para responder o questionário em seu local de trabalho, você poderá fazê-lo num outro local de sua escolha. E caso sinta-se constrangido com a presença do pesquisador, poderá solicitar ao mesmo que fique em outro ambiente enquanto responde.

Na qualidade de colaborador, haverá a garantia de nenhum risco na divulgação dos dados pessoais, pois serão utilizados somente para o desenvolvimento dessa pesquisa. Não há riscos previsíveis na pesquisa.

Benefícios

Os benefícios que podem-se esperar com a sua participação, mesmo que não diretamente, é a colaboração nas reflexões e apontamentos para a promoção da Ginástica para Todos em diferentes ambientes e, neste caso, no terceiro setor.

Existem inúmeros benefícios que não são mensuráveis, pois condizem à condição de construção e desenvolvimento humano. No sentido de agregar conhecimento, participar de aulas motivantes e que estimulam o trabalho em grupo e a criatividade, movimentar e trabalhar o corpo de uma maneira mais ampla e consciente, entre outros. Os benefícios poderão atingir as crianças e adolescentes que participam deste processo, os profissionais que farão parte da pesquisa, bem como toda a comunidade do terceiro setor.

De maneira geral, estamos, por meio dessa pesquisa, valorizando sua atuação como educador social, compreendendo-a como relevante para o estudo, o que pode vir a lhe trazer benefícios em seu plano de carreira.

Acompanhamento e assistência

Durante a realização dos encontros do curso de capacitação, bem como o período de aplicação do questionário, sinta-se à vontade para solicitar esclarecimentos (via telefone ou correio eletrônico) e fazer consultas presencialmente ao pesquisador principal

e/ou pesquisador assistente. Além disso, haverá assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário em caso de danos decorrentes da pesquisa.

Sigilo e privacidade

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Os resultados obtidos desse estudo serão utilizados apenas para alcançar os objetivos propostos, incluindo sua publicação na literatura científica especializada. Na divulgação desses resultados, seu nome não será citado e, o nome da instituição será citado apenas se houver autorização dos responsáveis, caso não haja autorização, os nomes das instituições (ONGs) serão divulgados de forma aleatória. No caso dos registros em fotos e vídeos, os mesmos ficarão armazenados no computador pessoal da pesquisadora até Dezembro de 2018.

Ressarcimento e indenização

Garantimos o seu direito a indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa, ressaltando de que será anônima, tendo o direito de não querer realizá-la, ou desistir da mesma, mesmo após realizada.

Em princípio, não haverá necessidade de ressarcimento financeiro, uma vez que não haverá nenhum tipo de ônus dessa natureza para que você participe dessa pesquisa (alimentação, transporte, dentre outros).

Em caso de dano decorrente da pesquisa, está garantida a assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário. Você também tem direito a indenização em caso de danos.

Contato

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com os pesquisadores: Bianca Assumpção (Pesquisadora Principal) pelo celular: (11) 9-95380-0235 ou e-mail: assumpcao.bianca@hotmail.com; Prof^a Dr^a. Eliana de Toledo Ishibashi (Orientadora) – Docente do Curso de Ciências do Esporte da Faculdade de Ciências Aplicadas da UNICAMP, telefone: (11) 99646-9775, ou e-mail: eliana.toledo@fca.unicamp.br, ou poderá entrar em contato diretamente na Secretaria de Pós-graduação da Faculdade de Educação Física da UNICAMP no endereço Av. Érico Veríssimo, 701. Cidade Universitária “Zeferino Vaz”. Barão Geraldo – Campinas – SP, telefone: (19) 3521-6609, ou através do endereço eletrônico: posgraduacao@fef.unicamp.br.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNICAMP das 08:30hs às 11:30hs, e das 13:00hs as 17:00hs na Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, CEP 13083-887, Campinas – SP; telefone: (19) 3521-8936 ou (19) 3521-7187, e-mail: cep@fcm.unicamp.br.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas.

Consentimento livre e esclarecido

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar e declaro estar recebendo uma via original deste documento assinada pelo pesquisador e por mim, tendo todas as folhas por nós rubricadas:

Nome do (a) participante:

Data: ____/____/____

(Assinatura do participante)

Responsabilidade do Pesquisador

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

Data: ____/____/____

(Assinatura do pesquisador)

ANEXO C – APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: APONTAMENTOS PARA UM MODELO DE IMPLEMENTAÇÃO DA GINÁSTICA PARA TODOS NAS ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS

Pesquisador: Bianca Assumpção

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 74972117.8.0000.5404

Instituição Proponente: Faculdade de Ciências Aplicadas - FCA

Patrocinador Principal: Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.378.068

Apresentação do Projeto:

A Ginástica para Todos (GPT) é uma forma de praticar ginástica que se enquadra perfeitamente nos princípios e objetivos das organizações não governamentais, uma vez que possibilita a participação de todos, respeitando potencialidades e limitações individuais, promovendo de modo coletivo o aprendizado e a socialização dos conhecimentos (Rinaldi e Paoeliello, 2008). Dessa forma, pode ser trabalhada e inserida como uma ferramenta para a transformação da realidade social e construção de cidadania de jovens e crianças que participam de projetos e instituições do terceiro setor. As ONGs (Organizações não governamentais) estão respaldadas legalmente como prestadoras de assistência social por cumprirem ações em favor da comunidade local, recebendo verbas públicas para o desenvolvimento da mesma. No Brasil, as primeiras ONGs surgiram por iniciativa da Igreja Católica, e mais adiante - na década de 1970 - surgem novas organizações, agora com o objetivo de resistir e denunciar o regime ditatorial vigente no Brasil neste período (ACIOLI, 2008). A autora ainda menciona que no final da década de 1980, houve um crescimento das organizações não-governamentais, tanto em quantidade quanto em representatividade; e em 1990, esse campo é ainda ampliado e diversificado com o surgimento das entidades autodenominadas como terceiro setor (ligadas a empresas e fundações). Há muitas ONGs na área do Esporte (futebol, tênis, judo, ...) Muitas dessas ONGs, dentre outras, disseminam preferencialmente ou preponderantemente os esportes de seus atletas fundadores ou

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@fcm.unicamp.br



Continuação do Parecer: 2.378.098

Outros	CARTA_RESPOSTA.pdf	25/10/2017 12:09:00	Bianca Assumpção	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_ATUALIZADO.pdf	25/10/2017 12:08:13	Bianca Assumpção	Aceito
Outros	atestado_matricula_bianca.pdf	03/10/2017 11:44:38	Bianca Assumpção	Aceito
Outros	Carteira_Funcional_Eliana.pdf	21/08/2017 10:55:37	Bianca Assumpção	Aceito
Outros	Carteira_funcional_PDF.pdf	21/08/2017 10:54:58	Bianca Assumpção	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_Mestrado.pdf	21/08/2017 10:52:03	Bianca Assumpção	Aceito
Outros	Esclarecimento.pdf	20/07/2017 12:55:13	Bianca Assumpção	Aceito
Outros	CONVIVENDO_AUTORIZACAO.pdf	14/07/2017 12:26:15	Bianca Assumpção	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	MISTRADO_BIANCA_ETICA.pdf	14/07/2017 12:24:27	Bianca Assumpção	Aceito
Outros	Gotas_de_Flor.pdf	22/06/2017 11:47:03	Bianca Assumpção	Aceito
Outros	Clube_da_Turma.pdf	22/06/2017 11:46:16	Bianca Assumpção	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINAS, 13 de Novembro de 2017

Assinado por:
Renata Maria dos Santos Celeghini
 (Coordenador)

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@fcm.unicamp.br

ANEXO D – QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO

Este questionário é um instrumento de coleta de dados para o projeto de mestrado intitulado “Apontamentos para um modelo de implementação da Ginástica para Todos nas Organizações Não Governamentais” sob a autoria de Bianca Assumpção e orientação de Profa. Dra. Eliana de Toledo. Esta pesquisa objetiva trazer apontamentos para a implementação da Ginástica para Todos (GPT) no terceiro setor. Contamos com a sua participação, que será de extrema relevância para este processo.

Desconfortos e riscos:

Você não deve participar deste estudo se vir a se sentir constrangido (a) com qualquer seguimento associado ao questionário, como: tipo de questão, disponibilidade de tempo, o local onde será feito, entre outros.

Caso opte em responder o questionário em casa, deve haver um comprometimento de entrega digitalizada do questionário (via e-mail). Não é obrigatória a resposta à todas as questões caso sinta-se desconfortável.

Na qualidade de entrevistado, haverá a garantia de nenhum risco na divulgação dos dados pessoais, pois serão utilizados somente para o desenvolvimento dessa pesquisa, ou seja, seja mantido o sigilo da sua identidade.

Não há riscos em tipos e gradações variadas previsíveis nesta pesquisa.

Benefícios:

Sua participação será de extrema relevância, pois, contribuirá para melhor identificarmos as facilidades e dificuldades da implementação da GPT nas ONGs, além de analisarmos cada etapa do processo deste projeto.

Deste modo, os benefícios que podem ser esperados com a sua participação, mesmo que não diretamente, é a colaboração na elaboração de estratégias, reflexões e apontamentos para a implementação da prática da GPT no terceiro setor.

De maneira geral, estamos, por meio dessa pesquisa, valorizando sua atuação como educador social, compreendendo-a como relevante para o estudo, o que pode vir a lhe trazer benefícios em seu plano de carreira.

Agradecemos imensamente sua colaboração!

Bianca Assumpção
Eliana de Toledo Ishibashi

DADOS PESSOAIS

1. Nome completo:
2. Data de nascimento:
3. Formação (graduação, pós graduação, especializações e cursos):
4. Entidade social que representa:
5. Há quanto tempo trabalha nesta entidade social?
6. Quais atividades desenvolve nesta entidade social?
7. Quais atividades você já lecionou/coordenou em outras Organizações Não Governamentais?

PERGUNTAS SOBRE O ESPORTE E GINÁSTICA EM ONGS

8. De que maneira sua entidade social contribui para a promoção do esporte?
 9. A ginástica já foi promovida na sua entidade social?
 (A) Sim (B) Não
 9a. Caso SIM, quais tipos?
 10. Quais os tipos de Ginástica você já conhecia?
 11. No caso específico de Ginástica para Todos, você já conhecia?
 (A) Sim (B) Não
 11a. Caso SIM, comente COMO.

PERGUNTAS SOBRE O PROCESSO DE CAPACITAÇÃO EM GPT

12. Assinale os módulos dos quais você participou
 (A) 1. O universo da Ginástica
 (B) 2. Ginástica Artística
 (C) 3. Ginástica Rítmica
 (D) 4. Ginástica Acrobática
 (E) 5. Ginástica para Todos – Conceitos e vídeos
 (F) 6. Ginástica para Todos – Construções coreográficas (materiais de pequeno e médio porte)
 (G) 7. Ginástica para Todos – Construção de materiais (barangandã) e materiais de grande porte (paraquedas)
 (H) 8. Elaboração do cronograma
 13. Descreva o que você considerou mais relevante em cada um dos módulos.
 14. Quais foram os módulos mais significativas para você? Por quê?
 15. Houve colaboração deste curso básico de capacitação em Ginástica para Todos para sua formação? Caso sim, descreva como.
 16. Houve colaboração deste curso básico de capacitação em Ginástica para Todos para sua atuação na entidade?
 (A) Sim (B) Não

PERGUNTAS SOBRE O PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DA GPT NAS ONGS

16. Descreva o perfil das turmas formadas quanto á:
 (A) Faixa etária dos alunos;
 (B) Quantidade de alunos;
 (C) Horário e duração das aulas;
 (D) A GPT foi implementada numa turma já existente? Caso SIM, qual era a prática anterior?
 17. Como professor, quais foram as DIFICULDADES e FACILIDADES no processo de implementação da GPT nas suas aulas?
 18. Como foi a aceitação da prática da GPT na sua organização?
 (A) Por parte dos alunos;
 (B) Por parte dos funcionários;
 (C) Por parte dos gestores.
 19. Você acha possível e viável manter esta prática dentro da sua ONG? Caso SIM, descreva como.
 (A) Sim (B) Não

PERGUNTAS SOBRE A TUTORIA DA PESQUISADORA

- 20A. Comente o papel da tutoria via ferramenta digital “WhatsApp”.

20B. Descreva o papel da tutoria presencial.

PERGUNTAS SOBRE A PARTICIPAÇÃO NO FESTIVAL DE GPT

21. Qual foi o papel da apresentação no Festival do Sesc Bom Retiro em todo este processo para você, como professor?
22. Qual foi o papel da apresentação no Festival do Sesc Bom Retiro em todo este processo para os alunos?
23. Qual foi o papel da apresentação no Festival do Sesc Bom Retiro em todo este processo para sua entidade social?
- 24.. Faça suas considerações, comentários e/ou críticas acerca de todo o processo que você participou.

ANEXO E. FICHA DE INSCRIÇÃO DO FESTIVAL DE GINÁSTICA PARA TODOS DO SESC BOM RETIRO

A	B	C	D	E
1	Festival de Ginástica Para Todos Sesc e Ginpa - Dia 02/12/2017 (sábado) às 14h00			
2	Ficha de Inscrição			
3	Nome da Instituição:			
4	Responsável:	Contato:		
5	Nome da Coreografia:	Modalidade de Ginástica:		
6	Origem (Endereço da instituição):			
7	Número Participantes:			
8		NOME	DATA DE NASCIMENTO	RG
9	1			
10	2			
11	3			
12	4			
13	5			
14	6			
15	7			
16	8			
17	9			
18	10			
19	11			
20	12			
21	13			
22	14			
23	15			
24	16			
25	17			
26	18			
27	19			
28	20			
29	21			
30	22			